

Padre J. Cabral  
4040  
200  
R.E.H.

PADRE J. CABRAL

---

---

# Conceitos e Factos



1930

Typographia das «Vozes de Petropolis»

PETROPOLIS

**Nihil obstat**

Rio, 31 de Julho de 1929

*P. J. B. de Siqueira*

---

**Imprimatur**

Rio, 1 - 8 - 1929

*Mons. R. Costa Rego*

Vig. Geral

*Revm. P. J. Cabral.*

*Pax!*

*A impressão que o seu livro me deixou no espirito, foi de verdadeiro enthusiasmo. E' um manual de patriotismo e de religião e de sociologia.*

*As nossas grandes questões nacionaes, religiosas e sociaes foram estudadas por V. Revm. não só com talento e carinho mas lhe deram ensejo para a revelação do seu senso de analyse e de sua já adeantada cultura.*

*Saiba que escreveu um livro util a todos os que se interessam pelos problemas da nacionalidade, do catholicismo e da humanidade.*

*Meu desejo é ver o seu trabalho nas mãos da juventude brasileira como um guia esclarecido e seguro de sua mentalidade tantas vezes oscillante e desorientada pela reinante anarchia mental.*

*V. Revm. vai prestar com esta publicação que é o fructo de sua brilhante intelligencia e do seu amor á brasilidade catholica, um inestimavel serviço á educação nacional,*

*O elogio que faço de sua obra, não é favor, mas é ditado com a maior sinceridade pela consciencia do seu merito real.*

*Os seus estudos apresentam ao leitor uma synthese bem ordenada de conhecimentos especiaes, documentados, com argumentação clara, sobre questões da mais opportuna actualidade, interessantissimas. Serão um precioso auxilio para todos nós que precisamos a cada momento esclarecer e dar orientação.*

*Queira V. Revm. aceitar meus applausos e minha Benção e continuar a dispor do Servidor e Am.*

† *José, Bispo de Nictheroy.*

*Nictheroy, 15 de Julho de 1930.*

---

À memória dos meus avós paternos

FRANCISCO LUSTOSA CABRAL

e

ANNA TAVARES CABRAL

ASPECTOS NACIONALES

*Orinoco River Fishes*

# **O BRASIL ACTUAL**

## **Considerações socio-geographicas**

---

- I – Contrastes e confrontos
- II – Ethnographia brasilica
- III – A unidade da Patria
- IV – As fraquezas do regime
- V – Resenha historica
- VI – Cruzada redemptora

## I — CONTRASTES E CONFRONTOS

Ao observador imparcial de nossa vida de povo autonomo e de nação organizada não pódem passar despercebidos os phenomenos febris que a acompanham, nas suas multiplas manifestações.

Fundo mal-estar trabalha as diversas camadas sociaes de nossa população e o descontentamento lavra, surdo e contagioso, desde os grandes centros urbanos, de vida intensa, até ás zonas ruraes, adormidas no isolamento dos amplos sertões.

Nas capitaes progressistas e industrializadas murmura-se do governo e a grita se levanta contra os detentores do poder; nas agglomerações pacatas das villas e povoados erguem-se vozes de protesto contra a administração da coisa publica.

Parté da imprensa, assalariada por agentes de interesses inconfessaveis, agita as massas ignaras e explora as ambições das classes armadas, dando origem ás explosões revolucionarias, que, de quando em quando, de 1889 a esta data, abalam os fundamentos das instituições vigentes e ameaçam a integridade da Patria.

O Brasil assemelha-se a um caminhante, postado em frente de uma encruzilhada, indeciso e perplexo sobre a resolução a tomar.

No transcurso de algumas paginas passarão diversos considerandos acerca da situação real do país, na quadra difficil que atravessamos e a que poderemos denominar de «angustia do Brasil».

A inspecção ligeira de nosso mappa geographico manifesta a divisão do país em duas porções distinctas e bem diversas — o sul e o norte.

A zona meridional, de temperatura mais amena, apresenta os maiores nucleos de população, possui a instrucção publica regularmente apparelhada, dispõe de mais facéis communicações e é preferida pelos immigrantes estrangeiros, que nella encontram «habitat» mais favoravel. Consequentemente, goza de maior abastança economica, explora convenientemente os proprios recursos.

Mercê dos elementos adventicios, que aqui aportam em grande escala, o typo nacional encontra-se em formação e ninguem pôde estabelecer que caracteristicos constituam o brasileiro sulista. Ademais, as levas humanas, que derivam para estas bandas, se destinam com predilecções para certos pontos, convindo frisar o italiano, em S. Paulo, e o allemão, em S. Catharina.

Desde a época colonial começou a se accentuar a diversidade de formação ethnica.

Na vigencia do systema esclavagista, o Rio de Janeiro e a Bahia eram os pontos preferidos pelos mercadores de negros, que dahi seguiam para o norte e o centro do país, ficando o sul quase preservado deste elemento. Em contraposição, porém, os europeus, que, nos ultimos tempos, aportam ao Brasil, procuram as terras meridionaes, em razão de ser o clima temperado, igual ao do sul da Europa.

O norte pôde subdividir-se em duas grandes regiões: a bacia amazonica, o maior labyrintho de rios do universo, e o Nordeste, a terra das soalheiras caniculares e abrasadoras.

Lá a população é macissamente brasileira; contam-se, nas cidades, os alienigenas.

Differenciam-se, entre si, o bahiano, o pernambucano, o cearense, o amazonense, mas todos apresentam certas particularidades, que lhes são communs e pelas quaes se distingue o typo do nordestista.

No entanto, esta grande extensão geographica acha-se em lamentavel atrazo economico, desprovida de vias de communicacão, tem seu commercio e seu progresso embaraçados por diversos factores mesologicos. Em certos pontos a natureza ostentã pujança tal que suffoca as expansões nativistas, como acontece no valle do Amazonas; noutras é tão inclemente, qual nas plagas nordes-tinas, que asphyxia os agrupamentos humanos.

As correntes immigratorias não procuram as terras septentrionaes, onde lhes fallecem condições climatericas favoraveis.

Ultimamente appareceram os propugnadores da introducção do elemento asiatico, hindús e japonezes, para o povoamento e cultivo desta grande parte do continente brasilico.

Se tal plano de colonizaçãõ se consummar, concorrerá, grandemente, para accentuar a differenciaçãõ entre os dois Brasis, o do norte e o do sul.

Nos Estados Unidos o progresso teve de caminhar de leste para oeste, em demanda dos litoraes do oceano Pacifico, seguindo a obra colonizadora uma latitude igual e de um mesmo clima, com pequenas variantes. Entre nós, porém, a direcção é norte-sul, com extrordinaria diversidade de temperatura e numerosos accidentes geographicos, o que, aliás, nos offerece a vantagem de incomparavel variedade de productos naturaes.

Ainda o facies social apresenta outro aspecto curioso, o contraste entre a beira-mar e o sertão.

Os portos, abertos á navegacão de cabotagem e longo curso, apresentam nucleos de civilizaçãõ e uma vida plenamente organizada; em sua grande maioria revelam progresso e adiantamento. Constituem a fachada, que ostentamos aos illustres desconhecidos que por aqui transitam. A nacionalizaçãõ da pesca e a consequente creaçãõ das colonias de pescadores iniciaram uma obra da mais vasta amplitude, quer sob o ponto de vista puramente patriotico e estrategico, quer no que diz respeito á marcha da educaçãõ do nosso povo.

Nos centros, porém, as populações se arrastam entre mil difficuldades e jazem em verdadeiro marasmo.

As capitaes absorvem o melhor das rendas publicas e levam em obras sumptuarias o que, repartido criteriosamente, daria para introduzir importantes melhoramentos nas povoações sertanejas.

A poucos kilometros de distancia das nossas melhores cidades, nos proprios suburbios, vivem ou antes vegetam, no maior atrazo, creaturas humanas, privadas da instrucção rudimentar e dos mais elementares recursos da hygiene.

O poder publico concentra o aparelhamento do ensino official nas capitaes e centros urbanos mais importantes, deixando entregues á ignorancia crassa os habitantes das zonas ruraes. Daqui o apparecimento periodico de jagunços e cangaceiros, como Antonio Silvino e Lampeão, que flagellam e saqueiam vastas regiões, implantando sobresaltos e luto entre gente pacata.

O país estremece de horror ao ouvir falar de fanaticos, recordando as paginas negras das campanhas de Canudos, Contestado e Joazeiro.

Desconhecem, porém, aquelles que maisinam os desgraçados transviados, que o governo é o primeiro responsavel, pois deixa imperar o analphabetismo, que permite a formação de mentalidades como a de um Antonio Conselheiro.

O solo patrio, ensopado de sangue de brasileiros, sangue derramado pelos seus proprios irmãos, clama contra o abandono e o desconforto em que vivem sepultados os povoadores do nosso vastissimo *hinterland*.

Razão de sobra teve Euclides Cunha para encerrar «Os Sertões» com estas palavras de anathema:

«E' que ainda não existe um Maudsley para as loucuras e os crimes das nacionalidades...»

A religião catholica, comprehendendo a nossa finalidade geographica e a directriz dos nossos destinos, já se antecipou á acção do governo, fun-

dando dioceses, prelazias e prefeituras em todo territorio nacional.

Houvesse mais escolas no interior do país e alguns batalhões do exercito nacional tivessem quartéis em pontos centraes, a tranquillidade publica não seria perturbada com tanta frequencia por bandoleiros audaciosos e criminosos confessos.

Espalhados pelos sertões, estes soldados, que enchem as capitaes e as cidades maiores e que tão facilmente se deixam levar á revolta e á revolução, constituiriam elemento de primeira grandeza para levar a civilização e o progresso áquellas remotas paragens, garantindo o respeito á autoridade legitimamente estabelecida. 1)

Outro factor de disequilibrio encontra-se na desigualdade flagrante entre as diversas unidades, que compõem a federação.

O litoral, salva a insalubre baixada fluminense e as costas desabrigadas do Rio Grande do Sul, está, relativamente, povoado, o que não acontece com o Planalto Central, cerca de cinco milhões de kilometros quadrados, quase desertos.

As estatisticas demographicas accusam este facto. Assim os Estados do Amazonas, Pará, Matto Grosso e Goyaz, com a superficie total de 5.331.000 km. 2 apresentam 0,395 habitantes por kilometro quadrado; enquanto o Districto Federal e os Estados do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas Geraes, com 885.700 km. 2 de extensão territorial, dão um coefferiente de 15,4 habitantes por kilometro quadrado; quando a densidade media do país está representada por 4 1/2 habitantes por kilometro quadrado.

Tomando os extremos, teremos o Districto Federal com 1.074 habitantes por kilometro quadrado e Matto Grosso com 0,16.

Este facto não póde passar sem reflexão profunda na vida economica do país, como passaremos a demonstrar.

1) Xavier de Oliveira — «Beatos e Cangaceiros».

Quando da proclamação da Republica, ainda no governo provisório, consta que Deodoro entendeu que se devia fazer uma partilha mais equitativa do territorio nacional, ao que se oppuzeram seus companheiros. E o novo regime consummou o mal da obsoleta divisão colonial, mantida pelo Imperio.

Os Estados Unidos e varias nacionalidades espano-americanas deixaram sob a denominação de territorios federaes vastas regiões, que pela sua escassa população e falta de organização economica não dispunham de meios que as habilitassem para uma vida de autonomia administrativa.

A Constituinte perdeu excellente oportunidade para nos dotar com uma divisão que consultasse melhor aos interesses geraes do país.

A politica centralizadora da monarchia podia attenuar as difficuldades e embaraços oriundos da existencia de provincias pouco povoadas e demasiadamente extensas, o que, infelizmente, se torna impossivel na vigencia das instituições republicanas, sob a forma federativa.

Ligeira analyse comparativa, sob varios aspectos geographicos, confirma o que acabámos de dizer.

Tomaremos por base os dados da Corographia do Brasil de Veiga Cabral, 7<sup>a</sup> edição.

Estabeleceremos a comparação entre os Estados tomando os tres extremos, para o maximo e o minimo.

Superficie total	8.525.117 Km. <sup>2</sup>
<i>Estados</i>	<i>Superficie</i>
Amazonas	1.800.000 Km. <sup>2</sup>
Matto Grosso	1.400.000 »
Pará	1.150.000 »
Espirito Santo	45.000 »
Sergipe	39.000 »
Districto Federal	1.117 »

Em população observa-se, mesmamente, a desproporção entre as diversas circumscripções do país.

<i>Estados</i>	<i>Habitantes</i>
Minas Geraes	6.000.000
S. Paulo	4.700.000
Bahia	3.350.000
Amazonas	370.000
Matto Grosso	250.000
Acre	95.000

As capitaes apresentam contraste identico.

<i>Cidades</i>	<i>Habitantes</i>
Rio de Janeiro (com os suburbios)	1.500.000
S. Paulo	580.000
S. Salvador	285.000
Natal	31.000
Goyáz	22.000
Victoria	22.000

As estradas de ferro representam um dos melhores indices pelos quaes podemos avaliar o progresso material e o desenvolvimento economico de uma determinada região.

Segundo Lindolpho Xavier, Geographia Commercial, 2ª edição, 1924, o total de nossas ferrovias, em trafego, aos 31 de Dezembro de 1923, era de 30.101 kilometros.

Agora um pouco da distribuição das mesmas.

<i>Estados</i>	<i>Kilometros</i>
S. Paulo	6.765,742
Minas Geraes	6.577,100
Rio de Janeiro	3.131,128
Maranhão	91,000
Amazonas	6,000
Piauhy	0,000

O desequilíbrio economico do país resalta evidente quando estabelecemos o confronto entre a producção destinada ao mercado estrangeiro, por parte das duas grandes zonas em que geographicamente se divide o Brasil.

Os dados fornecidos pelas estatisticas sobre o commercio com as nações estrangeiras mostram que as nossas remessas montaram a 2.075.048 toneladas, distribuidas assim, em moeda brasileira:

<i>Exportação</i>	<i>Contos de réis</i>
Sul	3.326.255
Norte	644.018
<u>Total</u>	<u>3.970.273</u>

Mais frisante apparece a desproporção quando se compara o movimento dos principaes portos. Vejamos como se reparte pelos Estados:

<i>Exportação</i>	<i>Contos de réis</i>
1º) S. Paulo	2.095.788
2º) Rio de Janeiro (Capital Federal)	584.558
3º) Bahia	338.740
4º) Rio Grande do Sul	230.967
5º) Espirito Santo	176.327
6º) Paraná	163.759
7º) Amazonas	62.624
8º) Pernambuco	58.767
9º) Pará	56.490
10º) Maranhão	49.315
11º) Ceará	43.737
12º) Sta. Catharina	41.992
13º) Matto Grosso	32.847
14º) Rio Grande do Norte	15.060
15º) Parahyba	13.130
16º) Alagôas	5.421
17º) Sergipe	731

A instrucção publica fornece dados pelos quaes poderemos, com segurança, ajuizar do gráu

de cultura de um povo. Neste particular as estatísticas também nos fornecem esclarecimentos preciosos.

Em 1920 havia 745 analphabetos para cada 1.000 habitantes.

Estabelecamos um confronto entre os Estados mais e menos povoados.

<i>Estados</i>	<i>População total</i>	<i>Analphabetos</i>
Minas Geraes	5.888.174	4.356.000
S. Paulo	4.592.188	3.444.000
Bahia	3.334.465	2.566.000
Amazonas	363.166	243.000
Matto Grosso	246.612	179.000
Acre	92.379	72.000

O numero de professores, as condições dos predios escolares e as dotações orçamentarias, no que diz respeito a esta materia, forneceria assumpto para estudos mais completos, proprios á formação de um conceito seguro sobre nossa instrução publica.

Cumpré ainda registrar um facto verdadeiramente interessante, que se póde verificar entre nós: ao lado do analphabetismo das massas populares, ostenta-se a bacharellice pachola, que constitue o desiderato mais alevantado dos filhos das classes medias.

Quase não ha estadio de transição. Enquanto as camadas inferiores vivem nas trevas da ignorancia, a conquista de um pergaminho forma o supremo anseio da mocidade mediocrementemente instruída. Daqui as familias de poucos recursos envidarem todos os esforços para terem ao menos um portador de algum diploma das escolas superiores.

Coisa sobremodo lamentavel é que a maioria dos alphabetizados nos estabelecimentos publicos

de ensino, depois de curta permanencia nos bancos da aula, abandonam de vez o cultivo das letras e, no volver dos annos, desaprendem as lições recebidas e ficam tão atrazados como os que nunca frequentaram o curso primario.

De necessidade imperiosa para integração de nosso povo na vida nacional é a formação de uma élite nacional, de uma classe pensante, que oriente e encaminhe os restantes grupos populares, de si incapazes de tomarem a direcção propria. E' o que se observa em todos os paizes; mesmo os mais civilizados e instruidos não prescindem de uma classe mentora. 1)

Isto, porém, é diverso do que se dá em nosso meio, onde, na maioria dos casos, os paes encaminham os filhos para as academias e faculdades sem que lhes verifiquem as aptidões e talentos. Deste modo são roubadas á actividade commercial e á expansão economica muitas energias de moços, que, retirados do meio ambiente em que nasceram e se crearam, não pódem vencer na carreira designada pelas conveniencias da familia e vão pedir á burocracia os recursos de que necessitam para viver.

A ultima reforma da instrucção allemã encara de frente a orientação profissional dos alumnos, visando o aproveitamento das aptidões naturaes, meio seguro de evitar que titulados venham a engrossar as fileiras do funcionalismo publico, occupando, não raro, cargos humildes.

Longe de uma instrucção que corresponda ás necessidades nacionaes e ás aptidões de nossa raça, não passamos da phase embryonaria, cada dia complicada por novas e successivas reformas, que implantam o caos e a desorganização no seio dos estabelecimentos de ensino.

Ainda voltaremos a este assumpto.

---

1) Afranio Peixoto — «Ensinar a Ensinar».

## II — ETHNOGRAPHIA BRASILICA

Está quase todo por fazer o estudo das raças que habitaram, o Brasil até á época do descobrimento e das quaes procede a população actual. Salvo algumas monographias e trabalhos de especialização, devidos quase todos a escriptores estrangeiros, pouco se tem versado sobre este assumpto importantissimo, cuja elucidação trará muitas luzes para a solução dos nossos mais delicados problemas.

Mais util e de resultados mais praticos será a investigação da genese do povo brasileiro, por via da analyse dos seus factores ethnicos.

Tres raças se desenvolveram em nosso meio physico: a branca, a vermelha e a negra.

A branca, quase toda de origem latina, compõe-se, sobretudo, de portuguezes, italianos e espanhoes.

A vermelha, ou americana, é constituída por numerosas tribus selvagens.

A negra, que foi transplantada das plagas africanas para os trabalhos da lavoura.

Ha tambem sub-raças, procedentes do cruzamento das tres raças acima mencionadas.

### a) O Europeu

A raça branca, entre nós, provém da Europa, especialmente dos portuguezes, nossos descobridores e primeiros colonizadores.

Os francêses tambem aqui se estabeleceram, com velleidades de conquistas, fundando feitorias commerciaes e nucleos de resistencia no Rio de Janeiro e no Maranhão.

Os flamengos, nas invasões de 1624 e 1630, sustentaram seu dominio, por espaço de mais de vinte annos, introduzindo seus usos e costumes entre as populações vencidas e subjugadas. Trabalharam intensamente nos campos e introduziram o luxo e certa aristocracia social. Apontam como seus descendentes os nordestinos de côr branca, cabellos ruivos, olhos azues, fortes, laboriosos e de intelligencia vivaz. Effectivamente, encontram-se nos sertões do Nordeste muitos typos de accentuados traços da raça germanica.

Seguindo as tendencias modernas e secundado pela iniciativa particular, tratou o governo de proceder á colonização de nossas terras de cultura com o emprego de colonos europeus. De então a esta data grande numero de estrangeiros vem procurar aqui condições de vida mais faceis e vantajosas.

Muito deve o Brasil a estes obreiros de nosso locupletamento economico e da exploração de nossas fontes de riqueza.

O italiano é um factor de primeira grandeza no Estado de S. Paulo. Os allemães, no sul, progredem e prosperam em nucleos coloniaes, que muito têm concorrido para o desenvolvimento de nossa expansão agricola.

Os espanhoes, que representaram uma contribuição assás larga e constante, no periodo da dominação castelhana em Portugal, continuam a procurar nossas plagas hospitaleiras.

O portuguez fornece ao nosso país um contingente respeitavel de immigrants, que, em grande parte, se fixam nas cidades do litoral.

Os eslavos, particularmente russos e polonêses, encontram, no Paraná e em S. Catharina, campo ao seu desenvolvimento material, na agricultura e na pecuaria.

Ha tambem os semitas, arabes e judeus, estabelecidos nas grandes cidades. Dedicam-se ao pequeno commercio e ás especulações bancarias.

Dos portuguezes, quaesquer que tenham sido suas falhas e seus erros, recebemos muitas das

qualidades primaciaes das gloriosas estirpes de Nuno Alvares, do Infante D. Henrique, de Camões e de Vieira. Herdámo-lhes muito dos seus generosos impulsos, de suas bellas tradições e de suas virtudes civicas. Constitue tambem o luso o elo que nos prende á raça latina e á cultura hellenica.

Baptista Pereira escreveu, em «O Brasil e a Raça», estas palavras: «O portuguez tem qualidades eugenicas de primeira ordem. Nos cruzamentos com outras raças, a constante é a da sua predominancia. Na mestiçagem com o negro, elle domina sempre. No caldeamento afro-lusitano, a sua influencia opéra como a do sangue de boi na refinação do assucar preto: é o agente catalytico da brancura».

#### b) O Aborigene

Quando aportaram aqui os mareantes portuguezes, encontraram o país occupado por varias tribus selvagens. Cerca de dois milhões de indios.

Duas grandes nações ou antes raças, subdivididas em perto de cem tribus, dominavam por este vasto territorio: eram os Tupys e os Tapuias. Distendiam-se pela seguinte maneira: os Tamoiós occupavam o actual Estado do Rio; os Carijós senhoreavam o litoral de Santos ao Rio Grande do Sul; Tupinambás e Tupiniquins habitavam a Bahia; os Cahetés e Tabajaras possuíam as terras de Pernambuco; os Potiguares povoavam a Parahyba e o Rio Grande do Norte; no centro demoravam os Aymorés e em Matto Grosso os Guaya-curús.

Achavam-se em lamentavel atrazo e desconheciam os elementos essenciaes da civilização. Entregues á caça e á pesca, exploravam a agricultura de modo muito rudimentar. Guerreavam-se mutua e ferozmente e devoravam seus prisioneiros. Era um povo na infancia.

Os incas, no Perú, e os aztecas, no Mexico, fundaram imperios e lograram uma civilização brilhante; os selvicolas desapareceram sem dei-

lar um monumento sequer de sua existencia. Se alguma civilização houve, já havia desaparecido quando do advento das esquadras de Cabral.

Expoliado de suas terras e rebaixado á condição de besta de carga, o indigena reagiu com toda a energia de que era capaz; já de armas em punho, como na memoravel confederação dos Tamoyos, que pôz em perigo o dominio portuguez na America; já com a resistencia passiva, na recusa ao trabalho, que forçou a intromissão do negro para os trabalhos da agricultura e mineração.

Mal grado a desorganização, em que jazia, o selvagem representa um elemento valioso como gerador de energias nativas e de grande amor ao solo patrio.

Constituíam apanagio de seu character o gosto da vida livre e descuidosa do campo, no recesso das florestas densas e das mattas virgens, e a propensão para as margens dos rios, onde se immobilizava como canoeiro dextro e marinheiro ousado. Dispondo de largo alcance de vista e formidavel poder acustico, era um caçador excellente e destemido domador de animaes selvagens. Seu pendor para as correrias nos campos revive ainda agora no vaqueiro nordestino e no campeiro das cochillas do sul.

Ainda hoje podemos estudar muitos aspectos curiosos de sua vida.

Nos aldeamentos de Matto Grosso e Goyáz, os indios domesticados revelam-se muito amigos daquelles que lhes comprehendem a natural altivez, demonstram-se sedentos de liberdade, mas se prestam aos trabalhos da lavoura, ao manuseio das machinas agricolas e se dedicam ao cultivo dos cereaes, á caça, pesca, córte de madeiras de construcção e pastoreio dos rebanhos.

Descobriram o valor medicamentoso de muitos vegetaes de nossa flora e fabricam toxicos de violenta efficacia. Permutam com os brancos os artefactos de sua industria elementar: ornamentos varios, instrumentos de musica, tintas raras; permu-

tam pelles, pennas e os productos de sua agricultura por fazendas, bebidas, fumo, armas e mantimentos.

Lentamente vão passando do estado selvagem para a civilização, abraçam os trabalhos ruraes e urbanos, fixam-se nos centros populosos e aprendem as artes e sciencias.

Aos poucos esta raça vae desaparecendo, fundida na grande nacionalidade brasileira. Deixa, porém, alguns typos, que passaram á historia, como exemplares de nobreza de character e grandeza de animo. Tibiriçá, Ararigboia, Jaguarary e Camarão, em coragem e valor, nada desmereceram ao lado dos portuguezes, sob cujo commando combateram.

Finalizemos com estas palavras de Calogeras:

«O que, do corpo e da mentalidade do selvagem, passou ao descendente cruzado, não é facil distinguir pela fixidez do typo intermedio, de transição, assim surgido.

Talvez maior desprezo pelo soffrimento, maior desapêgo á vida, ferocidade no trato com o inimigo, altivez incoercivel, astucia, indifferença pela riqueza, persistencia na vingança, pouca sequencia nos propositos alheios á sua vindicta».

### c) O Africano

A raça nagra foi aqui introduzida pelos colonizadores, que sentiam a necessidade de braços para desenvolverem as possibilidades magnificas da terra virgem.

O preto, quando não degradado pela syphilis e pelo alcool, é de rara resistencia physica e apto para as grandes empreitadas, em que prepondera o vigor muscular. Na formação da sociedade brasileira representou papel decisivo, embora como factor material.

A agricultura nacional muito lhe deve; foi o fundador da cultura da canna, nos engenhos do norte, e abriu caminho para a formação dos extensos cafezaes do sul; no centro do país revolveu as

entranhas da terra e o leito dos rios, em procura do metal sonante e das gemmas preciosas. Hoje o colono europeu encontra a floresta desbravada, os caminhos abertos e as fazendas arroteadas, graças ao labor formidável das gerações negras.

A mãe africana deu o farto leite, que amamentou progenies numerosas de brancos, que ella acompanhou com especial carinho e affecto. Ainda agora, volvidos tantos annos da abolição do captivo, as familias mais antigas e respeitaveis acolhem em seu recesso os antigos escravos e seus descendentes, que são recebidos e tratados com especial estima e agrado.

Houve senhores, malvados e crueis, mas foram excepções; na grande maioria dos proprietarios o sentimento humanitario e os principios christãos temperaram as agruras de uma condição tão humilhante.

Arrancados á terra de seu nascimento, incultos e brancos, ficaram adstrictos ao tronco e ao eito, até que a lei redemptora veio elevá-os ao direito de cidadãos livres. Então abraçaram os serviços agricolas, nos campos, e se entregaram, nas cidades, aos trabalhos braçaes, dirigidos e orientados pelos brancos, visto como o longo periodo de servidão deixou a raça incapaz de se governar e superintender aos proprios interesses.

Hoje encontramos descendentes dos antigos escravos occupados nos mais diversos misteres: nos engenhos, nas fazendas, no pastoreio dos rebanhos, nas derrubadas das mattas; fazem a abertura de estradas, desobstrucção dos rios, drenagem dos canaes; supportam o grande peso da mão de obra nas excavações, pedreiras, docas e armazens; guardam para o proprio uso algumas artes rudimentares e industrias caseiras.

Vivem honestamente na sociedade, constituiram familia e usam e abusam dos direitos que a Constituição lhes confere. Começam a manifestar certo pendor para as artes e as letras e frequentam, com geral aproveitamento, escolas diurnas e

nocturnas. Falta-lhes, porém, ainda muito de aperfeiçoamento tecnico, hygiene, regulamentação do trabalho e a instrucção moral e civica.

Na historia patria a raça escravizada affirmou seu heroismo na guerra hollandêsa, em que o regimento dos homens de côr, sob o commando de Henrique Dias, nada ficou a dever aos portugêses, em bravura e dextreza. No quilombo dos Palmares os desertores das senzalas mostraram de quanto seriam capazes para defenderem a propria liberdade. Não poucas vezes, em transees difficeis da vida nacional, o sangue negro correu generoso e abundante, para vindicar a honra do Brasil.

Deu origem, é verdade, a uma classe de párias, semelhantes aos *coolis* da India e *jellahs* do Egypto, sem ideaes, sem cultura, sem capacidade para iniciativas realizadoras; mas não podemos desconhecer o muito que deve o país aos filhos da Africa adusta.

As tradições populares, superstições grosseiras e credices fetichistas demonstram a origem remota, que tiram do continente negro.

O folguedo do *boi*, os Congos e *reisados*, com as dansas e cantares caracteristicos, guardam as recordações atavicas, que o tempo não conseguiu amortecer. No carnaval os pardos se organizem em clubs, exhibindo seus gostos e predilecções.

Até na religião catholica tiveram seu logar e sua parte. Nossa Senhora do Rosario e S. Benedicto constituem os santos preferidos pela devoção dos negros, que lhes erigiram templos e altares e fundaram em sua honra grandes e numerosas confraternidades, onde se congregam os homens de côr.

#### d) As sub-raças

«Adstricta ás influencias que mutuam, em gráus variaveis, tres elementos ethnicos, a genesis das raças mestiças do Brasil é um problema que por muito tempo ainda desafiará os esforços dos

melhores escriptores.» Assim se exprime Euclydes da Cunha.

O europeu, o aborigene e o africano, postos em contacto numa terra luxuriante de vegetação e encendida pelo sol do Equador, necessariamente, deviam cruzar-se, dando origem a sub-raças.

O problema anthropologico complica-se porque ao lado das combinações binarias, resultantes da fusão immediata das tres raças, unificadas em um typo unico intermediario, temos tres outras combinações binarias, em que a mestiçagem se desdobra em subformações.

Do cruzamento do branco com o preto resultou o mulato; do branco com o indio procedeu o caribóca; do preto com o indio sahio o cabra ou cafuso.

Estas tres sub-raças, espalhadas pelo vasto territorio nacional, continuam a dar numerosas fusões, em que predominam os caracteristicos essenciaes de alguma das tres raças preponderantes.

Os dados apresentados por Lindolpho Xavier dão ás sub-raças brasileiras a seguinte porcentagem: Mestiços-mamelucos, cabras e caribócas, 60 0/0; negros puros, 8 0/0 e indios, 6 0/0.

Cumpré ainda notar, segundo o mesmo autor, que a proporcionalidade varia, em extremo, de Estado para Estado.

No Amazonas ha 48 0/0 de caboclos, 28 0/0 de brancos, 21 0/0 de mulatos e 3 0/0 de negros; na Bahia ha 26 0/0 de brancos, 20 0/0 de negros, 8 0/0 de caboclos e 46 0/0 de mestiços. No sul predomina o elemento branco: S. Catharina, 85 0/0; Rio Grande do Sul, 71 0/0; S. Paulo, 63 0/0; Paraná, 64 0/0; Minas Geraes, 41 0/0 e Rio de Janeiro, 43 0/0.

A predominancia da raça caucasica, no sul, já foi atrás explicada.

Para o total de nossa população tomar por média os seguintes algarismos: 50 0/0 de brancos, 40 0/0 de mestiços mais ou menos claros e 10 0/0 de negros.

Em conclusão, sem temor algum é licito afirmar que o cruzamento das tres raças está definitivamente realizado, pois o indio se acha virtualmente extinto e o negro, que já não é mais o bronco africano, desaparecerá dentro de um periodo não muito remoto. Vê-se que o elemento de origem européa ganha terreno e assenta seu predomínio.

Digno de nota é que o caldeamento se deu, de preferencia entre portuguezes e negros no litoral e portuguezes e indios nos sertões, pela razão evidente de que o negro se aclimatava mais facilmente nas praias e o indio procurava sempre mais e mais embrenhar-se nas mattas.

O estudo acurado dos diversos aspectos da vida social do povo brasileiro revelará as fontes ethnicas de nossos usos, põesias e lendas populares e demais tradições oriundas das gentes que formam o substractum de nossa gente.

Ainda não se pôde considerar definitivamente constituido e formado o typo brasileiro. Um exame, porém, das qualidades do nacional fornece dados preciosos para o julgamento de suas virtudes e de seus vicios. Do portuguez do tempo da conquista herdou muito de suas excellentes qualidades; do negro recebeu a intensiva sentimentalidade; do selvagem conservou as paixões impetuosas. A estas qualidades cumpre ajuntar ainda o entusiasmo das grandes idéas, o amor á patria, a sêde de liberdade e a altivez individual, geradora de tantas acções heroicas, que pontilham de gloria o scenario de nossa historia politica.

O escôpo deste trabalho não nos permite abordar a debatida questão da desigualdade das raças e do valor dos povos mestiços.

A rigor não ha raças puras, salvo limitadissimos nucleos de habitantes segregados do conviô com os seus vizinhos. As grandes familias européas, segundo as classificações dos anthropologistas, não passam de successivos cruzamentos de populações diversissimas, que se fundiram em con-

sequencia dos movimentos translativos das tribus dispersas pelos continentes.

Além das grandes invasões que a historia regista, os estudos dos monumentos, lendas e tradições revelam traços de aproximação entre ramos ethnographicos geographicamente muito distanciados.

O valor das raças provindas da mestiçagem constitue objecto de discussões interessantes entre os estudiosos destas questões. Estamos longe de conclusões seguras e as opiniões se extremam e se contradizem a tal ponto que se torna impossivel tomar uma orientação segundo os criterios scientificos. Resta o recurso da observação e seguir o desenvolvimento normal das gentes estudadas e depois estabelecer as leis da hereditariedade. Ainda assim não parece facil escolher um terreno propicio a fornecer os dados melhores. Variam infinitamente as qualidades eugenicas de cada raça e as condições mesologicas das varias regiões do globo. Daqui a complexidade dos problemas anthropologicos.

Os Estados Unidos apresentam curiosos aspectos a este proposito.

Lá o typo nacional acha-se verdadeiramente constituido e possui caracteristicos que o differenciam dos outros povos. O yankee, além da magreza robusta, forte estructura ossea e determinados traços physionomicos mais ou menos communs, dispõe de grande senso pratico, muita força de vontade, extraordinaria tendencia para simplificar os habitos de vida, larga tolerancia politica e respeito ás crenças religiosas.

Cumpre, porém, observar que a grande massa da população americana é de origem europea, predominando os elementos anglo-saxonico e germanico. O negro ficou relegado do convivio social e os indios, se não foram exterminados, desde cedo se fundiram com os brancos, salvo os poucos que habitam os territorios que se lhes at-

tribuíram. Ademais a grande republica tem o clima muito menos variado do que o nosso.

Eugen Fischer observou, na Africa Austral, que «a hybridação entre boers e hottentotes criou uma mistura de raças com os característicos dos seus componentes, desenvolvendo-se nas mais variadas cambiantes. Tem, no entanto, um defeito persistente: falta de energia, levada ao extremo de uma profunda indolencia».

Não obstante este reparo, os filhos do Orange e do Transvaal demonstraram nobres qualidades na resistencia leonina, que offereceram aos exercitos inglêses.

A razão ultima da decadencia, que o citado autor observa deve encontrar-se no contraste flagrante que ha entre o habitante civilizado da fria Hollanda e os broncos filhos das selvas africanas.

Parece estabelecido na biologia que as leis da hereditariedade asseguram ás primeiras gerações um extraordinario vigor, que decresce, lamentavelmente, no volver dos seculos.

Paulo Prado, em «Retrato do Brasil», escreveu: «A historia de S. Paulo, em que a amalgamação se fez intensamente, favorecida pelo segregamento, é prova concludente das vantagens da mescla do branco com o indio. Hoje, entretanto, depois de se desenrolarem gerações e gerações desse cruzamento, o caboclo miseravel — pallido epigono — é o descendente da esplendida fortaleza do bandeirante mamaluco».

Quaesquer, porém, que sejam as conclusões tiradas sobre as raças mestiçadas, ninguem, em bôa logica, poderá taxar de raça inferior uma nacionalidade que apresenta vultos da grandeza de Mathias de Albuquerque, Vidal de Negreiros, Osorio, Caxias, no genio militar; homens publicos como José Bonifacio, Feijó, Olinda, Cotegipe, Pedro II e Rio Branco; jurisconsultos, sabios e literatos da categoria de Lafayette, Pedro Lessa, Nabuco, Varnhagen, Euclides da Cunha, Ruy Bar-

bosa, José do Patrocínio, Durão, Fagundes Varella, Gonçalves Dias, Castro Alves, Olavo Bilac, Oswaldo Cruz e Santos Dumont.

Varias falhas constituem as notas discordantes no hymno apothéotico das glorias nacionaes.

A fraqueza physica e a pouca resistencia do organismo aos germens letiferos e a facilidade com que o mestiço se entrega aos vicios fornecem armas aos que nos assacam a pecha de inferioridade de raça.

Consterna ver a grande parte de nossas populações dizimadas pelo alcoolismo, pela syphilis, pela molestia de Chagas e pelo impaludismo. Apathicas, sem energias, desconhecendo a ambição de viver e o conforto da civilização, formam um quadro desolador.

Fatal consequencia da debilidade organica, a indolencia completa a lista das fraquezas physicas mais communs ao nosso povo.

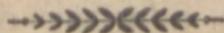
Falta-nos muito de prophylaxia e educação sanitaria das massas. No entanto, os trabalhos do Departamento Federal de Saúde Publica, coadjuvado pelos governos estaduaes e diversas instituições particulares marcam um grande passo para a eugeniização da raça. A cultura physica e o treino gymnastico contribuirão para o complemento desta grande obra.

Não obstante, porém, estas apparencias de fraqueza e debilidade, o nacional encerra tantas energias latentes, que permitem prognosticos favoraveis sobre o futuro.

Alguns typos regionaes fornecem exemplos admiraveis: o cearense, que desbravou a Amazonia e reconquistou o Acre, apresenta uma resistencia verdadeiramente heroica ao meio physico inteiramente adverso. O nordestino, radicado aos sertões onde nasceu, revela o amor mais acendrado á terra calcinada pelas soalheiras inclementes: abandona-as nos extremos da secca, para regressar, coração transbordante de esperanças, ao ca-

hir das primeiras invernadas. O bahiano dos centros faz caminhadas extensissimas para trabalhar nos cafezaes, regressando ao lar apenas amealha poucas economias. O caipira é ainda o continuador legitimo das tradições aventureiras dos bandeirantes; em pleno seculo XX atira-se ás mattas, para povoar e colonizar o Noroeste de S. Paulo e o Norte do Paraná. O gaúcho do extremo sul constituiu-se a guarda avançada das nossas fronteiras, em cuja defesa tantas vezes derramou seu sangue.

Estes exemplos de civismo demonstram thesouros de reservas moraes e infundem serenidade acerca dos destinos da nacionalidade brasileira.



### III — A UNIDADE DA PATRIA

Quando outros grandes e reaes beneficios não devessemos á colonização portugueza, o simples facto da unidade politica que herdámos, constiuiria um motivo de gratidão inextinguivel para com os descobridores da Terra de Santa Cruz.

Ao passo que a obra de Espanha hoje se encontra fragmentada em multiplos e variados países, alguns até rivaes entre si, a antiga colonia lusitana ostenta soberba unidade politica.

O antigo vice-reinado da Nova Espanha fragmentou-se nas republicas do Mexico e da America Central; da Nova Granada surgiram Colombia, Venezuela e Equador; o imperio dos Incas repartiu-se entre o Perú e a Bolivia; as possessões do Rio da Prata constituiram as actuaes republicas da Argentina, Uruguay e Paraguay.

E' mesmo para admirar que uma metropole tão fraca, empobrecida pelos faustos da cõrte e pelas administrações prevaricadoras, combatida por varias grandes potencias, haja conseguido o milagre de preservar seus dominios na America contra a cobiça dos estrangeiros.

Esta incognita desafia a argucia dos pesquisadores de segredos da historia e ainda por muitos annos ficará sem solução.

O proprio regime implantado pelo reino abria caminho á desaggregação das antigas capitancias, pois, vingava a mais completa descentralização, visto que as ordens dimanavam directamente de Lisboa, sem que algo de commum houvesse entre

a administração das terras conquistadas, salvo nas ocasiões de invasão estrangeira ou grave perigo.

A unica explicação plausivel é a formação, muito cedo, da consciencia nacional, que desde logo começou a repellir as tentativas dos inimigos, que tentassem tomar posse das terras de Santa Cruz. Particularmente na luta contra os hollandêses a reacção nativista manifesta o quanto valiam e pesavam os sentimentos dos naturaes do país.

Além da continuidade territorial, factor não despreciando e de maxima importancia, a communiidade de lingua, de religião e de tradições cimentam e fortalecem a unidade politica.

Uma população culta e habitando um limitado e estreito territorio, como a Suissa, poderá conservar a integridade da soberania nacional, através das alternativas da historia. Mas uma vastissima extensão continental, onde não imperem elementos de solidariedade de primeira grandeza, quaes os acima citados, não poderá conservar a unidade politica por muito tempo.

A Russia apresenta um exemplo frisante. Longos seculos os czares passaram a dilatar as fronteiras da Moscovia, á custa de guerras ferozes e expoliações innominaveis; bastou, porém, a revolução bolchevista para desfazer a unidade imposta a ponta de espada; os povos subjugados resurgiram do tumulo e a Polonia, Finlandia, Esthonia, Lithuania, Latvia e Ukrania reconquistaram a independencia.

A Austria-Hungria, composta de povos tão diversos pela lingua e pela religião, não conseguiu sobreviver á quêda do throno dos Habsburgos.

A união de nacionalidades heterogeneas e separadas nas crenças religiosas, não póde subsistir ás grandes convulsões politicas.

Os antigos estados italianos caminharam para a unificação, porque através das rivalidades e

competições, que os dividiam, a uniformidade linguística e o credo catholico os aproximavam.

A Allemanha sobreviveu á humilhação suprema de Iena e ao collapso de 1918, porque a unidade moral estava cimentada pela unidade de cultura e de ideas politicos, que pairavam muito acima do prestigio militar dos guerreiros de Brandeburgo.

As nações mais adeantadas, hoje em dia, de tal modo se compenetraram da necessidade de preservar a unidade ethnica moral, que os Estados Unidos não sómente restringem a entrada de estrangeiros no seu territorio, mas tambem obrigam o estudo da lingua inglêsa de preferencia aos outros idiomas estrangeiros.

Gozamos da uniformidade ethnica, pois as pequenas variantes e os pequenos nucleos não nos tiram o character de nação latina. Nem sequer existem dialectos, na rigorosa accepção do vocabulo.

Possuimos a unidade religiosa, pois as diversas seitas, por ahi espalhadas, não pódem roubar ao Brasil a gloria de ser um país genuinamente catholico.

O quanto devemos presar este laço de união no-lo ensina o exemplo do estado livre da Irlanda, repartido em dois governos autonomos, o do norte e do sul, em razão da excepcional opposição de que se revestiram os antagonismos entre catholicos e reformados.

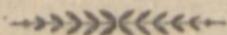
Desfructamos da continuidade das nossas tradições, uma vez que são as mesmas as glorias das diversas regiões da federação.

Ha, porém, elementos destruidores e principios anarchicos, que trabalham a obra de nosso esphacelamento politico.

Não nos enganemos. Forças occultas prepararam, de parceria com os desmandos administrativos, a ruptura dos vinculos sagrados, que prendem os diversos estados da Republica.

O instinto de conservação nacional descobrirá estes inimigos natos da grandeza da Patria, para que sejam desmascarados e confundidos.

Guerra implacavel contra tudo e contra todos que, na Terra do Cruzeiro, combatem contra a uniformidade ethnica, unidade religiosa e continuidade das tradições.



#### IV — AS FRAQUEZAS DO REGIME

Todos os povos que nos deslumbram pelo esplendor de sua civilização e pela importância de sua cultura, têm suas falhas e pedaços de máu caminho, como diz a gíria popular.

Não raro noticias procedentes dos países melhor organizados nos trazem escandalos administrativos, concessões illicitas e casos de nepotismo politico.

Ninguem deverá estranhar que semelhantes casos se registem em nosso meio publico, pois além da nossa organização imperfeita, o país se resente de uma vastissima extensão territorial, população escassa e difficeis communicações.

As fraquezas de nossa machina administrativa devem servir de estimulo para trabalharmos por diminui-las e attenuá-las, quando não seja possivel a extincção completa das mesmas.

O maior mal que desgasta as energias patrias é a politicagem. A engrenagem que toca as forças governamentais deixou de ser a arte de conduzir os povos, para se tornar em folgadio meio de vida para alguns felizardos, protegidos pela fortuna. Até agora, com mais de um seculo de independencia e quarenta annos de vida republicana, não temos partidos politicos definidos, excepto o novel ajuntamento democratico, de curta e agitada existencia.

Esta situação chaotica favoreceu toda sorte de malabarismos politicos, em que entram em jogo tricas e rivalidades de varia especie.

Impera o conchavo. Nas altas rodas dos «paes da Patria» tudo se resolve como em fami-

lia, quer se trate da curul presidencial quer da chefia de insignificante municipio. Daqui as oligarchias, em que certos elementos se perpetuam no mando: ha oligarchias de familia e oligarchias de grupos partidarios, que dispõem a seu talante dos cargos electivos.

As convenções politicas, que noutros países se revestem de summa importancia e cumulam de representação e valor as deliberações tomadas nessas assembléas, entre nós não têm significação alguma, porque antes da reunião já se conhece qual será o resultado, pois são conhecidos os accordos entre os *paredros* de mais prestigio.

As eleições não têm valor intrinseco algum; effectuam-se nos paços presidenciaes; ao povo compete apenas homologar a chapa do governo...

Os unicos pleitos concorridos e que despertam relativo interesse são os municipaes; nestes, os eleitores conhecem os candidatos e procuram escolher os que melhor consultam as necessidades locais. Ainda assim não é fóra do commum que os chefes, com o apoio das autoridades estaduais e concurso das forças militares, commettam tropelias e violencias, desrespeitando a vontade das urnas.

Possuimos um estado maior de homens, que honram a nacionalidade, intelligentes, bem intencionados e de character sem jaça; mas quase sempre ficam preteridos pela multidão dos incompetentes e ambiciosos vulgares.

As plataformas não passam de pomposos discursos, para os banquetes officiaes, que são postos á margem no dia seguinte ao reconhecimento.

Este lamentavel estado de coisas, esta perversão do systema representativo e o descaso dos direitos do povo determinaram verdadeiro afastamento de muitos homens desejosos do bem publico, pois vêm malbaratados os seus sacrificios e labores.

Daqui a indiferença do collegio eleitoral pelas successões presidenciaes e substituições dos membros do legislativo.

A depuração criminosa de candidatos legitimamente eleitos, como Ruy Barbosa, sagrado presidente da Republica por indiscutivel maioria, constitue uma das manobras mais indignas empregadas na vigencia de instituições havidas por democraticas.

A pesada machina administrativa de Portugal subsiste ainda em nosso complicado corpo de funcionarios publicos.

O velho reino mantinha tão numeroso exercito de vice-reis, governadores, capitães-móres, desembargadores, ouvidores e demais empregados, que lhe absorviam todas as rendas e recursos financeiros. Para as colonias seguiam filhos segundos da nobreza e fidalgos arruinados, em busca de glorias incruentas e riqueza facil no serviço do Estado.

Hoje em dia numero sem conta de moços, até mesmo alguns de talento, vão procurar a vida tranquilla da burocracia, ao envés de exercerem sua actividade na industria, na agricultura ou no commercio, fontes seguras de uma independencia honesta.

Do mesmo modo que os serventuarios da metropole absorveram os quintos, os dizimos, capitulações e derramas, as verbas para o pagamento do pessoal collocado nas repartições federaes, estaduaes e municipaes, devoram o melhor da receita nacional.

Em lugar de poucos, porém, bem remunerados, temos servidores do país em excesso, mal pagos, na sua grande maioria. Daqui o regime do «biscate».

O recurso do *pistolão* colloca quem quer que seja, sem consultar as habilitações do candidato e as conveniencias da administração.

Para attender a todas estas verbas a exorbitação tributaria attinge ás raias do inverosimil.

Vivemos num circulo vicioso. Criam-se impostos para augmentar as rendas; admittem-se novos funcionarios para o serviço da arrecadação...

De par com favores escandalosos a grupos favorecidos, ha impostos que esmagam iniciativas productoras. A pauta alfandegaria exemplifica o que acabámos de denunciar.

Industrias artificiaes, que do estrangeiro tudo recebem, inclusive a materia prima, gozam de tratamento excepcional, ao passo que outras, sobre as quaes repousam a economia e a riqueza nacionaes, supportam tributações onerosas, que lhes embaraçam os surtos de progresso.

As minas do Brasil forneceram riquezas fantasticas á metropole; calcula-se em 70.000 arrobas de ouro o producto dos impostos, sem contar as pedras preciosas. Os esbanjamentos da casa real, os desperdicios do governo, as embaixadas nababescas e as construcções sumptuarias consumiram esta caudal de riquezas e deixaram o velho reino empobrecido e indivíduo.

Em plena republica a historia se repete. O regime tributario suga os recursos do povo, mata as iniciativas privadas e entrava o progresso geral; enquanto largas dotações orçamentarias custeiam embellezamentos nas capitaes, o interior do país ahí está, mergulhado no analphabetismo, sem vias de transporte, sem hygiene e sem conforto de especie alguma.

A indifferença do poder pelo bem publico bem merece o qualificativo de criminosa e cruel.

As casas legislativas, quando não majoram os impostos existentes ou não augmentam os proprios subsidios, decretam novas contribuições, que o executivo se apressa em applicar perdulariamente.

A corrupção penetrou até nas sagradas espheras do poder judiciario. A facilidade com que se absolvem criminosos confessos desacreditou a

instituição tão salutar do jury. Os interesses da politicagem, que exige a subserviência da justiça, para attingir objectivos inconfessaveis, prejudicam aos juizes e jurados, que ficam collocados em posição delicadissima — entre o dever e as conveniências.

E quando um povo descrê da justiça, está bem proximo do abysmo. A chronica negregada dos bandidos e fanaticos, que deshonoram nossos fóros de povo christão e civilizado, não poucas vezes vae remontar a injustiças e arbitrariedades dos poderosos.

Antonio Conselheiro nos offerece um exemplo typico do que acabamos de dizer.

À agricultura offerece as maiores possibilidades em nosso país. No entanto, a nossa má e cega politica economica suffoca a vida rural.

O lavrador nacional, dotado de excellentes aptidões para o trabalho, nada fica a dever aos camponêses da Europa. Mas os impostos exaggerados e a deficiencia de credito agricola complicam nossos problemas sociaes.

Não raro o pequeno proprietario vende sua fazenda ou seu sitio e vae viver de um emprego qualquer, visto que as condições actuaes tornam impossivel a exploração lucrativa da lavoura. Os lucros das colheitas cáem nas mãos dos intermediarios. Os sitios vão passando, lentamente, ás mãos dos grandes proprietarios ou syndicatos, que formam vastos latifundios.

Daqui a facilidade como se transferem os campos de familia a familia; ao passo que na Europa ha terras arroteadas por gerações diversas, procedentes todas de um tronco commum.

Quando da guerra mundial, o governo appellou para as forças vivas da nacionalidade e, por todos os meios ao seu alcance, tentou incentivar a producção de cereaes e generos de primeira necessidade. Resultado: o producto do labor rural ficou abandonado nos campos ou á margem das ferrovias por falta de meios de transporte!...

A economia nacional acha-se abalada ou melhor truncada em seus fundamentos.

Enveredamos pela politica perigosa das valorizações officiaes, politica condemnada por financistas de reconhecida autoridade. Sustentamos o alto preço do café, sendo os sacrificios todos nossos e os beneficios aproveitam a todos os países productores, nossos concorrentes, que, dia a dia, intensificam a cultura da formosa rubiaceae.

O conhecido banqueiro Bouilloux Lafont nos adverte:

«Dirão que o consumo tambem cresce e ha de se levar isto em conta. E' exacto: elle passou de 17 milhões de saccas em 1910 a 22 milhões em 1925, mas foi o Brasil que isto aproveitou? A sua colheita de 1910-1911 foi de 10.800.000 saccas; a de 1914-1915 de 10.400.000 saccas; de 1911 a 1914 produziu o país 50.473.000 saccas, e os quatro ultimos annos sómente 48.320.000 saccas. Durante estes mesmos dois periodos, os outros países passaram em producção, de 16.633.000 saccas a 25.769.000 saccas. Não ha conclusões que tirar dahi?»

Não tratamos de baratear o custo do que produzimos, donde se origina que o assucar, a borracha, a carne, o cacáu e varios outros ramos de nossa exportação não pódem competir e enfrentar, vantajosamente, a concorrência de outras nações.

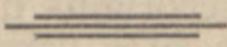
Pandiá Calogeras, em «Problemas de Governo», observa que «o Brasil tem vivido na perigosa illusão de que pódem impôr suas condições de venda aos consumidores, assim dentro como fóra de seus limites territoriaes».

A gomma elastica exemplifica, bem tristemente, esta asserção: em 1912, exportavamos 43.000 toneladas, as plantações do extremo-Oriente forneciam apenas 26.000; em 1924, produzimos sómente 40.000 toneladas, contra 48.000 procedentes do extremo-Oriente.

Para completar a lista das causas do nosso desequilíbrio na balança de contas internacionaes, ahí está o peso formidavel das importações. Mandamos vir do estrangeiro tudo — desde os productos pharmaceuticos e as essencias finas até os prégos e os palitos.

A amortização dos empréstimos, os juros do capital alienigena, as pelliculas cinematographicas e o automovel com seus accessorios drenam para fóra de nossas fronteiras os pretendidos saldos da exportação.

Ahi ficam alguns pontos da vida real do país que está a pedir mais attenção da parte dos prégadores da regeneração nacional, que se propõem a «republicanizar a republica».



---

NOTA. — Quando escreviamos estas linhas, em Julho de 1929, longe estavamos de pensar que a crise da lavoura cafeeira se declarasse dentro de tão pouco tempo.

Oxalá se reorganize a economia nacional, sobre bases mais equitativas e mais racionaes.

## V — RESENHA HISTORIA

Entre o obscurantismo e a oppressão da metropole atravessámos o longo periodo colonial.

Sem industria de especie alguma, para importarmos todos os productos do reino ou do estrangeiro, mas sempre por intermedio das companhias portuguezas de commercio, crescemos, deixando de lado a exploração das nossas grandes possibilidades economicas. A agricultura e a pecuaria constituíam os unicos recursos do país, pois a mineração decahiu após a actividade dos primeiros tempos do descobrimento das jazidas auríferas.

Em assumptos de instrucção publica a situação era ainda peor. Aprender a lêr constituia privilegio dos abastados, que se dessem a este luxo.

As letras viviam ou antes vegetavam á sombra dos collegios dos jesuitas, fechados mais tarde pelo marquês de Pombal, e encontravam guarida nos mosteiros de varias ordens religiosas e nas poucas escolas mantidas pelo erario publico, nos centros mais importantes. O ensino superior nem sequer era conhecido. Salvo algum filho de proprietario abastado, ninguem mais pensava em transpôr os mares, ir a Coimbra, conquistar, arduamente, uma laurea. Ainda mais difficil se tornava procurar outro país estrangeiro, para aquisição de conhecimentos mais completos ou especializados.

O clero prestou os mais relevantes serviços neste particular, ministrando, gratuitamente, os conhecimentos rudimentares das primeiras letras.

Sómente nas vespéras da Independencia, quando aqui aportou a familia real, despejada dos

paços lisboetas pelos canhões de Junot, foi que o governo entendeu de acudir a esta grande necessidade publica. Era tarde demais para dissipar, em poucos annos, as densas trevas do atrazo popular. Além disto, as providencias se limitaram, quase exclusivamente, á nova séde da monarchia lusitana.

Pedro Americo, no inspirado quadro do grito do Ypiranga, ao lado da cavalgada lustrosa, que nos elevou á dignidade de nação livre, collocou o typo classico do nacional, guiando, indifferentemente, o não menos classico carro de boi... Dolorosa realidade constitue este symbolo da apathia do grosso da população pela sorte do país.

Decennios mais tarde, na mudança do regime, poderia figurar ao lado das aguerridas tropas de Deodoro o mesmo carro de boi e seu conductor... O poder publico não soube ou não quiz integralizar na vida politica a maior parte do povo brasileiro.

O primeiro imperador, após o periodo heroico da guerra da Independencia, deixou-se arrastar ás rivalidades intestinas dos partidos populares e acabou pelo gesto impulsivo do 7 de Abril. Devemos-lhe a independencia politica, os inicios de vida constitucional e, o que é mais, a unidade nacional. Só a fórma monarchica, sob um descendente da casa de Bragança, realizaria o milagre de conservar uno e indiviso um país de tal vastidão territorial. Não fôra este facto e teriamos a America portugêsa fragmentada em republicas, como as diversas nacionalidades espano-americanas.

A Regencia, cheia de movimentos revolucionarios e de abalos politicos, pôz, mais uma vez, á prova a resistencia organica do novel imperio.

A guerra civil, que estendia as garras aduncas contra o país, foi debellada por estadistas de largas visões e generaes de reconhecido valor.

Ao sahir deste longo periodo de lutas e revoluções, estava consolidada a unidade nacional e firmada a monarchia, iniciando-se outra phase de nossa historia.

Pedro II, com justiça denominado o maior dos brasileiros, era um espirito tolerante, um sabio de vasta cultura, um homem de uma honestidade administrativa a toda prova e sedento do bem e da grandeza de sua Patria. Faltava-lhe, porém, o senso pratico e a visão immediata das mais prementes necessidades publicas. Agia segundo as oportunidades, de accordo com o decurso dos acontecimentos, mas sem um largo programma de governo, preestabelecido. Dahi o segundo imperio não deixar um legado maior de realizações.

Os dois grandes partidos, que rotativamente occupavam o poder, implantaram em nosso meio, na joven America, um parlamentarismo á inglêsa, sem origem ou fundamento em nossas tradições historicas e sem razão nos nossos costumes politicos.

Foi o periodo dos juriconsultos e dos legisladores. Preparámos uma legislação tão perfeita como se se tratasse de um país chegado ao mais alto gráu de civilização e cultura.

A questão religiosa alheou do throno a consciencia catholica, tirando-lhe o mais forte apoio, sobre que se estribava.

A desorganização dos partidos, as ambições dos quartéis e as fraquezas da administração prepararam a quêda da monarchia logo depois da abolição da escravatura — medida justissima e humanitaria, mas que feriu os interesses economicos das classes conservadoras — fazendeiros e agricultores.

A republica veiu cêdo demais para um país com a grande maioria de sua população composta de analfabetos e ex-escravos. Os ideaes democraticos não haviam penetrado as élites nacionaes nem os partidos dispunham de programmas definidos. Daqui a situação actual.

Quarenta annos de desgoverno republicano já se escoaram sem beneficio algum digno de nota.

O progresso que lográmos e que, inconsideravelmente, se attribue ao regime implantado a 15 de

Novembro de 1889, não passa de puro crescimento vegetativo dos habitantes da terra e dos immigrantes e consequente desenvolvimento das nossas possibilidades economicas e naturaes.

Apenas durante a nova fórmula de governo temos a enumerar a reconquista do territorio do Acre, a solução de delicadas questões de limites e o saneamento da capital federal. No entanto, estes factos estão de tal modo ligados ao nome de alguns grandes brasileiros que mais parecem feitos pessoaes que realizações do systema republicano. Ligam-se aos nomes de Placido de Castro, Rio Branco, Rodrigues Alves e Oswaldo Cruz. Digno de todos os encomios apparece o esforço de Campos Salles para levantar nossos creditos e restaurar a moeda nacional.

No mais a republica só apresenta as oligarchias estaduaes e a politica dos governadores, sem nenhum intuito elevado, sem nenhuma finalidade nobilitante.

Paulo Prado, deante da situação premente a que nos achamos reduzidos, invoca duas soluções, que não podemos acceitar: a guerra ou a revolução.

✕ Remedios violentos não se prestam a um organismo abalado e enfraquecido. Corta-se o membro gangrenado, mas não se impõe uma dieta em extremo rigorosa a um individuo abatido; seria apressar-lhe a morte.

Os grandes esforços trazem em sua sequencia dias de lassidão profunda e bruscas perdas de forças, conducentes ao depauperamento.

A guerra sacodiria as energias patrias e veriamos o brasileiro acordar da indifferença e apathia em que jaz. Mas as consequencias?...

A guerra desgasta as fontes eugenicis da raça; leva os validos, os resistentes e os sadios. A fina flôr da nacionalidade vae morrer nos campos de combate e ficam os doentes, os debéis, os incapazes.

A Europa de hoje exemplifica, nas legiões de mutilados, as devastações horrorosas do furor bellico.

Demais, uma guerra contra quem e por qual motivo?

A guerra é o predomínio da força bruta e o imperio da violencia. Nós, cuja constituição condemna as guerras de conquista e estabelece a arbitragem obrigatoria, não podemos esposar semelhante solução para as crises nacionaes.

Agora que o Chile e o Perú se congraçam, amistosamente, resolvendo de modo honroso o velho litigio de Tacna e Arica; agora que o Paraguay e a Bolivia procuram liquidar por vias pacificas a questão do Chaco Boreal; agora que as nações europeas, cansadas de lutas e competições fratricidas, buscam os entendimentos amigaveis; agora será o Brasil que de arco e tacape aggrederá os povos vizinhos?...

Não. Mil vezes não.

O Brasil não é féra brava, que necessite de vêr sangue derramado, para levantar as energias.

Não ha de ser a Terra de Santa Cruz que retalhará, em Alsacias-Lorenas, o solo da America.

A educação christã e os sentimentos humanitarios não admittem tal coisa.

A revolução tambem não serve.

Que beneficios receberam dos pronunciamentos e revoluções constantes as republicas espano-americanas, frequentemente batidas pelo tufão anarchico? Que lições de civismo e de progresso nos fornecera o Mexico, chronicamente agitado?...

Ademais, as revoluções preparam a decadencia das instituições liberaes; assemelham-se a monstros, que devoram os proprios filhos.

A Revolução Francêsa abriu o caminho para o despotismo napoleonico, que aniquilou as reformas de 89; a russa degenerou no bolchevismo, que alguém, com muita justeza, chamou «dictadura de assassinos».

Outros pedem um dictador, um governo autocratico, que elimine, summariamente, os elementos nocivos ou contrarios ao bem commum. Aliás o nosso presidencialismo vae se convertendo em uma dictadura disfarçada, tal a subserviencia do poder legislativo aos chefes de Estado.

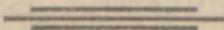
As realizações de Mussolini e Primo de Rivera seduzem certos espiritos.

Innegavelmente a obra destes estadistas se impõe á consideração universal. Não ha negar.

Resta, porém, observar que é cedo ainda para um juizo definitivo. Estes governos, por força de sua organização, revestem um character exclusivamente pessoal, tendem a desapparecer logo que faltem seus fundadores. Além d'isto, as dictaduras exercem pressão violenta contra os germes anarchicos e os partidos de opposição, que são reduzidos ao silencio. Deste modo preparam, quiçá, explosões de anarchia, no futuro, que destruirão por completo a obra constructora, que ora admiramos.

Cumpre notar, porém, que a Allemanha, esmagada pela derrota, e a França, convulsionada pelas fermentações partidarias, resolveram suas crises dentro do constitucionalismo.

Das reservas moraes de nossa raça devemos, pois, tirar os elementos necessarios á reorganização do país, sem guerras, sem revoluções, sem dictaduras.



## VI — CRUZADA REDEMPTORA

A reforma do povo brasileiro deve começar de baixo para cima e não no sentido inverso.

Exemplifiquemos. Certos políticos e idealistas militantes entendem que a simples troca dos detentores do poder e alguns paragraphos de mais ou de menos na lei organica do país bastam para salvar a Patria.

Puro engano.

As leis, por melhores que sejam, não podem democratizar um povo nem lhe reformar os costumes. A educação politica das multidões e o levantamento cultural das massas é que imporão aos governos a vontade soberana de uma nacionalidade conscia de seus direitos e deveres.

O problema capital da sociologia brasileira consiste em pôr um termo ao divorcio, que existe entre as élites dirigentes, os governantes, e a população em geral, os governados, que só conhecem da existencia de um governo pela cobrança dos impostos e pelo serviço militar.

Obra do mais esclarecido patriotismo será integralizar na communhão politica e na vida nacional estes milhões de patricios nossos, que de brasileiros apenas possuem o nome.

Brasilidade é, até hoje, um termo sem realidade objectiva; não passa de uma aspiração de alguns espiritos nobres. Cumpre, porém, que se torne, dentro em breve, num radiante espirito de elevado nacionalismo.

Não basta, nos tempos de competencia extrema entre os povos, como a época actual, não basta,

repetimos, o patriotismo latente, que acorda ao troar dos canhões, quando o inimigo bate á porta, invadindo as fronteiras ou calca aos pés o pavilhão sagrado, a bandeira nacional. Não. Torna-se indispensavel a formação de uma consciencia collectiva, verdadeiramente brasileira, que realize a obra ingente de estabelecer a communhão de idéas entre as diversas camadas do nosso povo.

Para isto urge, primeiro que tudo, atacar o analphabetismo, a praga que nos estiola.

Oswaldo Orico, em «O melhor meio de disseminar o ensino primario no Brasil», demonstrou o estado deprimente em que nos encontramos e propõe soluções justas e acertadas, embóra, alguma vez, discordemos de seu modo de pensar ou das conclusões assentadas.

O seguinte quadro do livro citado documenta a nossa situação, no continente sul-americano, no que respeita ao analphabetismo.

<i>Países</i>	<i>Percentagem</i>
1º Brasil	78,0 ‰
2º Bolivia	78,0 ‰
3º Costa Rica	78,0 ‰
4º Colombia	73,0 ‰
5º Mexico	70,7 ‰
6º Porto Rico	66,5 ‰
7º Argentina	49,9 ‰
8º Chile	43,4 ‰
9º Cuba	39,8 ‰
10º Canadá	11,0 ‰
11º Estados Unidos	7,7 ‰

Na Europa, entre as nações cultas, as que maior proporção de analphabetos apresentam, são: Italia, 37 ‰; Belgica, 12 ‰; Inglaterra, 10 ‰; França, 4 ‰.

Tomando por base as estatísticas do Ministério do Interior, em 1920, possuíamos uma população de 30.635.605 habitantes; uma população escolar de 6.126.111 (20 0/0 da população total), alumnos matriculados nas escolas 1.125.166; menores que não frequentam escola alguma 5.125.055; escolas funcionando 22.857 e professores em actividade 35.135.

Comparemos agora, entre as circumscripções da Republica, os pontos extremos. Assim vejamos:

<i>Estados</i>	<i>Escolas existentes</i>	<i>Professores activos</i>	<i>Alumnos matriculos</i>	<i>Menores sem assistencia escolar</i>
S. Paulo	3.184	7.824	349.770	568.667
Minas Geraes	5.245	6.875	318.947	858.687
Rio G. do Sul	3.855	4.782	197.424	239.118
.....	.....	.....	.....	.....
Amazonas	178	249	11.083	61.550
Matto Grosso	157	237	8.157	30.165
Goyáz	171	222	11.000	91.383

O Piauhy e o Acre não foram citados porque faltam os respectivos dados.

No que toca ás dotações orçamentarias, sabemos que os Estados despendem com o ensino primario apenas 11 0/0 de suas rendas, o que demonstra o pouco carinho dispensado a este grave problema nacional.

Estes Algarismos dispensam quaesquer comentarios ou esclarecimentos sobre o momentoso assumpto da instrucção publica e sobre a necessidade de se emprehender vigorosa campanha para baixar o coefficiente de analphabetos.

Um mal entendido patriotismo ou orgulho patriotico nos faz olhar com desprezo para os nossos vizinhos do Prata. No entanto temos que aprender delles não poucas lições de civismo.

Em 1868, sob a presidencia de Sarmiento, sendo ministro da instrucção publica Nicolas

Avellaneda, a Argentina instituiu a educação popular federal. E, no decurso de cinco annos, a população escolar cresceu de tres a quatro vezes mais. Hoje a confederação platina, com a terça parte de nossa população, dispõe de 3.024 escolas primarias federaes.

O Chile creou a obrigatoriedade do ensino e decretou que «todo dono de propriedade agricola ou empresa industrial, fabrica, etc., que tenha uma população escolar de mais de vinte alumnos, será obrigado a manter, por sua conta, uma escola elementar.»

O simples alphabetizar das massas, porém, não resolve as difficuldades e as incognitas dos nossos destinos.

Importa formar não sómente sabios e letrados, mas, sim, verdadeiros brasileiros, consciuos de seus direitos e deveres.

«Ao lado de cada abecedario, diz Baptista Pereira, deve haver um resumo da nossa historia tal qual é. A primeira consequencia da alphabetização deve ser gravar no coração do alumno a imagem da Patria. E cada mestre que sahir das Escolas Normaes deve ser, tanto como um professor, um apóstolo deste culto.»

A instrucção apresenta-se complexa: civica, que prepara o individuo para as responsabilidades sociaes; militar, que adextra o recruta para as agruras do serviço militar; politica, que fórma o cidadão cheio de interesse pelo bem publico. A todas, porém, se impõe a moral, que incute as responsabilidades da consciencia e educa o homem de bem. Esta ultima não póde prescindir da influencia religiosa.

O illustre publicista francês J. Payot, adepto intransigente do laicismo, confessa que a Igreja Catholica é uma incomparavel educadora de caracteres e reconhece que não ha substitutivo da influencia religiosa na orientação do pensamento humano.

A educação popular deve fitar o grande problema da valorização do individuo, aprimorando as qualidades eugenicadas da raça, para tornar cada brasileiro um factor da grandeza de sua terra.

Escreve Mario Pinto Serva, em «A Educação Nacional»: «De todos os factores de producção o saber do homem é o mais importante, pois é por meio de seus conhecimentos de physica, mecanica, chimica e mais sciencias, que elle domina as forças naturaes, combina as propriedades dos corpos, em seu proprio beneficio.»

A primeira necessidade de um país é, pois, formar homens instruidos não só nos conhecimentos de coisas como nas artes productivas.

Caboclos, caipiras, sertanejos, tabaréus, gaúchos, seringueiros, ha uma raça inteira a levantar, civilizar, cultivar e nobilitar.

Oscar II, pela instrucção do povo sueco e pela cultura physica, transformou o seu país, que hoje se apresenta como exemplo do quanto podem as grandes iniciativas, quando proseguidas com firmeza constante.

A Allemanha, de ha muito, enveredou o caminho dos novos horizontes da pedagogia e elaborou, recentemente, uma reforma das mais avançadas, senão a mais avançada do mundo. Nenhuma outra nacionalidade envidou maiores esforços para dar á instrucção popular o maior alcance pratico e a mais elevada finalidade patriotica. Daqui o segredo do poderio militar, expansionismo economico e desenvolvimento industrial da velha Germania.

Censuram-lhe a *hypertrophía do ideal de força* e as tendencias pangermanistas; houve erro de orientação, mas a efficacia dos methodos empregados se affirma indiscutivelmente apropriada aos fins propostos.

A nova orientação do ensino visa o aprendizado, não para a escola, mas para a vida pratica.

Recurso dos mais proprios para incentivar o cultivo intellectual da plebe é o cinema, que mette

olhos a dentro os conhecimentos mais difficeis e necessitados de largas explanações.

As pelliculas, quando criteriosamente organizadas e convenientemente exhibidas, prestam os melhores serviços á causa do ensino primario, secundario e superior.

Filmes bem cuidados instruiriam o povo sobre as coisas mais necessarias á vida, demonstrariam a diversidade de nossas producções naturaes e suas applicações nas industrias. Constituiria o cinema um elemento de primeira grandeza no trabalho da formação civica, vulgarizando os habitos e costumes das varias unidades politicas do país, patenteando as paginas de gloria, os feitos grandiosos e os rasgos de abnegação guardados no escriptorio da historia patria.

Bibliothecas populares, publicações periodicas, conferencias publicas e outros, que a experiencia e as circumstancias locais aconselhassem, incrementariam a cruzada redemptora contra o analfabetismo.

O estudo da historia patria está a pedir urgente e inteira remodelação. Basta de taboas chronologicas, quadros synopticos, e a enfadonha nomenclatura dos reis, governadores e capitães—mores. Outra orientação devem tomar os nossos historiographos. Urge salientar os acontecimentos de alto alcance e os factores predominantes da constituição da sociedade brasileira.

Infelizmente, porém, é o contrario disto o que se aprecia.

Uma pleiade de espiritos cultos e pacientes pesquisadores de nosso passado vive a malbaratar seu talento e desperdiçar seu tempo em trazer á baila as fraquezas dos grandes vultos, da nossa nacionalidade. Todos tiveram falhas na vida, porque foram humanos, mas estas não lhes pódem arrancar a aureola conferida pela Patria.

Emquanto aqui o publico devora milhares e milhares de brochuras, que tratam das estroinices de D. Pedro I e dos amores da Marqueza de San-

tos, inspirando o publico desprezo ás figuras proeminentes da historia nacional, muito diverso é o que se passa nas margens do Prata.

Na Argentina, os compendios elementares procuram infundir nos corações juvenis o justo orgulho da *argentinidad* e dissimulam os erros dos caudilhos, apresentando, sómente, os seus feitos brilhantes e suas glorias.

Algum dos nossos criticos de historia glorificaram Francia e, agora, Lopez, lançando ao Brasil a responsabilidade da guerra contra o Paraguay!...

A furia dos modernos iconoclastas nada exceptuou dos mais sublimes rasgos de heroismo. Nem o proto-martyr da Independencia, Tiradentes!...

Cabe ao positivismo grande responsabilidade nesta campanha de descredito contra as figuras mais representativas e as passagens mais bellas de nossa historia.

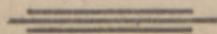
A imprensa, grande vehiculo de idéas, póde e está no caso de prestar o mais efficaz concurso e o mais decidido apoio á causa do alevantamento cultural do povo. Pertence-lhe bôa parte de culpabilidade no descredito do regime, no enfraquecimento do principio de autoridade e quêda geral nos costumes politicos e na moralidade publica.

Véo espêso de atroz pessimismo e prognosticos sombrios anuviarão a frente do leitor ao cabo do transcurso destas paginas.

Não ha, porém, motivos para desalento e desconforto.

Possuimos thesouros naturaes em quantidade; a terra offerece as melhores e mais abundantes fontes de riqueza; a raça guarda intactas as suas reservas moraes.

Resta trabalhar, produzir e, acima de tudo, ter fé nos destinos immortaes da Patria Brasileira!



# INDEPENDENCIA POLITICA E INDEPENDENCIA ECONOMICA

*(Discurso pronunciado em  
Espírito Santo do Pinhal)*

«Exmas. senhoras. Meus senhores.

A solemnidade, que hoje nos congrega na séde hospitaleira da «União Commercial», para entrega dos diplomas da segunda turma de guardalivros do «Instituto Commercial do Rio de Janeiro» — Succursal de Espírito Santo do Pinhal — convida-nos a descerrar o véo dos tempos e evocar do passado as tradições medievaes.

Então, no cháos politico-social do mundo antigo, que desaparecia, e da sociedade moderna, que dealbava, constituiu-se, na Europa, uma poderosa organização religioso-militar — a cavallaria.

O nobre, que desejava entrar para esta ordem, após passar pelos gráus de donzel, pagem e escudeiro, era armado por um' senhor que, entregando-lhe os distinctivos da cavallaria, pronunciava estas palavras: «Sê piedoso, leal e destemido».

Era mais um cavalleiro, com restricta obrigação de combater pela mantença da fé e defensão dos fracos e opprimidos.

A vossa collação de gráu, caros diplomandos de 1927, encerra não menores responsabilidades, ao par de direitos legitimamente conquistados.

Após perlustrardes tres annos os bancos escolares, eis-vos com vossos diplomas, armados cavalleiros, para as pugnas do direito e os torneios

do progresso, na guarda e defesa da independência nacional.

Ao pronunciar esta palavra — independência nacional, — parece-me, presinto um ligeiro sobresalto e, depois logo, uma ponta de desdem. Sobresalto de quem vislumbra, levemente embora, qualquer perigo para a gleba sagrada, que nos serviu de berço e á qual pediremos o leito do ultimo somno; desdem, da consciencia nacional, altiva e nobre, que affirma a existencia de um Brasil-nação, com mais de cem annos de idade.

A nossa independência politica foi conquistada nas condições mais dignas e mais honrosas de que se possa orgulhar uma nacionalidade soberana. Se a guerra da libertação não se prolongou mais tempo, foi tão sómente por causa da fraqueza da metropole.

A ultima estrophe da epopéa do Ypiranga foi inscripta nos campos do Pirajá, pelo heroismo do povo brasileiro, «com o sacrificio das virgens, com o martyrio dos bravos, com a energia dos moços, com a resistencia dos velhos». 1)

Quatro seculos de existencia politica nos garantem o direito de viver e desfructar do immenso patrimonio territorial, que os ancestraes nos legaram.

Passou a época da conquista territorial dos immensos sertões do continente brasileiro; passou o tempo da defesa armada contra a avidez dos invasores batavos e francêses. Erguemos um pavilhão entre os povos civilizados, construimos uma nacionalidade, demarcámos as nossas fronteiras, abolimos o trabalho servil e formámos um povo, caldeando tres raças ao sol do Equador, nas paragens liberrimas da joven America.

Fundámos um commercio; não pouco ensaiámos e experimentámos na politica, nas artes e nas sciencias; se errámos, recolhemos as lições dos factos.

---

1) Alcebiades Delamare — “As duas bandeiras”.

A nossa voz já se fez ouvir nas assembléas dos povos e tivemos assento no concerto em que se decidem os maiores problemas do universo.

Que nos resta fazer?... Muito, para não dizer quase tudo. O Brasil deve tornar-se rico pela producção, util pelo intercambio commercial, respeitado pelo seu valor politico, forte pela união de seus filhos, em uma palavra — independencia economica.

E' este o torneio para o qual vos armastes cavalleiros; a justa onde ides terçar as vossas armas.

Independencia economica é o país bastar-se a si mesmo; fazer emprego de suas possibilidades materiaes, desenvolver os recursos naturaes, produzir, para o proprio consumo, os generos de primeira necessidade, e, seguro de sua gente e tranquillo de seu futuro, não se arreceiar dos choques entre os povos e dos embates entre as nações.

Se é certo que o homem é um animal social e que as suas acções se reflectem sobre o meio ambiente, é logico que as nações não podem viver isoladas e que um povo não póde possuir inutilmente trinta e cinco milhões de habitantes e oito e meio milhões de kilometros quadrados, sem que a eclosão de suas forças se faça sentir em todos os pontos do universo.

Deixae que vos fale um filho das adustas plagas nordestinas, descendente dos «leões do Norte», que, em formidavel resistencia, restauraram sobre o Brasil hollandês o pendão das quinças e castellos; permitti dirija a palavra, humilde e desataviada, mas patriotica e sincera, aos netos dos bandeirantes — «brava gente» — que, em temerarias entradas, integraram o nosso patrimonio territorial, conferindo á nossa Patria estremecida a continuidade administrativa, a unidade ethnica, a comunidade de sentimentos e a uniformidade de costumes.

O facto historico da unidade racial é o principio fundamental e a determinante creadora da união sagrada no regime federativo, na aspiração suprema de

### UM BRASIL MAIOR

Sim, «um Brasil maior», dentro de suas actuaes fronteiras, sem derramar uma gota de sangue dos seus filhos e usurpar aos povos vizinhos uma nesga de solo. Não um Brasil conquistador e imperialista, mas um Brasil engrandecido e respeitado.

Não vos illudaes, presados diplomandos, grande é a vossa responsabilidade, sublime a vossa investidura.

A' vossa guarda, ao vosso zelo está, em grande parte, entregue a independencia economica do Brasil.

Na historia antiga a conquista dos povos fracos fazia-se por processos violentos; exercitos aguerridos lançavam-se contra as nações, que reduziam á servidão; assim Alexandre conquistou o mundo e Roma estabeleceu o imperio sobre a terra.

As conquistas modernas revelam um aspecto pacifista, a absorpção lenta das forças economicas das nações inferiores — característica do seculo de utilitarismo que vamos atravessando.

Deste modo as grandes potencias, em nome da civilização e do progresso, do direito e da liberdade, roubam a autonomia politica e a liberdade economica dos povos fracos, a que chamam de incompetentes.

Em lugar de soldados em linha de combate, as nações expansionistas despacham para todos os pontos agentes de propaganda commercial, addidos das legações, technicos e peritos em todos os ramos de negocios e, sobretudo, banqueiros, que fornecem o capital aos que delle precisam, rece-

bendo, em garantia, a hypotheca das ferrovias, minas e alfandegas.

Dest'arte effectua-se a conquista pacifica dos povos imprevidentes, deixando-se-lhes, quando muito, um simulacro de independencia, com todas as responsabilidades e encargos, e ás vezes nem sequer a simples autonomia administrativa...

Alvaro Bomilcar adverte-nos: «Conquista-se pacificamente um estado desprevenido em nome da fraternidade humana, com appellos de camaradagem, phrases retumbantes e sonoras, ou como fazem os europeus, aos indigenas da Africa e da America: distribuindo espelinhos, figuras, contos e missangas...»

Importa falar alto e deixar bem patente que é sociologia falsa estabelecer autonomia politica sem emancipação economica.

Um presidente dos Estados Unidos lembrou aos povos europeus que a nação que toma dinheiro emprestado, aliena parte de sua independencia.

Inestimavel advertencia para os países novos, importadores de capital, que se lançam imprudentemente na politica dos emprestimos externos, compromettendo o futuro.

Ao commercio cabe, em especial, a obra do enriquecimento do país e o emprego de todas as forças productivas, deixando em mãos nacionaes as maiores fontes economicas, tornando em esplendida realidade o lema nacionalista — «o Brasil para os brasileiros».

Cabe ainda ao commercio realizar as leis eternas da Providencia, que dividiu a terra em zonas e climas differentes e de producções diversas, para que se estabelecesse o contacto entre as populações mais distanciadas do globo, já que as necessidades do homem são sempre as mesmas, em todas as latitudes.

Ainda em nosso país o commercio tem a função sociologica de estreitar os liames nacionaes e apertar os laços que prendem entre si as unidades federativas da terra brasileira.

A' contabilidade reserva-se o papel importantissimo de auxiliar prestante da administração publica e privada, pelo registro chronologico de tudo que diz respeito aos factos economicos. Por este meio o capitalista ou proprietario conhece o andamento dos seus negocios e as condições de suas finanças; os governos pódem decretar orçamentos veridicos, conhecer a capacidade tributaria do povo e os compromissos do Estado.

E' ainda esta sciencia a orientadora dos directores espirituaes da nacionalidade, offerecendo aos publicistas dados seguros sobre as condições geraes do país.

Nosso Brasil deve enveredar o caminho das grandes competições internacionaes e mostrar-se digno da expectativa universal. Refletem-se sobre nós os laivos profundos da crise do após guerra. E' a hora de tirarmos partido de todas as energias latentes no solo patrio, por uma orientação segura e firme das reservas moraes de nossa raça.

Sôou a hora da união de forças de todos os filhos desta terra bemdita, para o que Elysio de Carvalho chamou «politica de realizações positivas». 1)

*L'union fait la force*, — a Belgica o inscreveu no escudo de armas e as estupendas realizações deste povo bem mostram de que é capaz a união de vontades, em um esforço intelligente e perseverante.

A contabilidade deve promover a organização scientifica do nosso trabalho e o aparelhamento tecnico da producção, pelo rendimento intensivo da agricultura e da industria e pela mais ampla e efficiente circulação bancaria, e ao commercio cumpre pôr em jogo os recursos admiraveis deste ponto privilegiado do globo.

A logica incontestes dos factos demonstra que o valor politico de um país caminha na razão directa do augmento de sua capacidade productora.

---

1) Elysio de Carvalho — “Bastiões da nacionalidade”.

Vou terminar, caros diplomandos de 1927.

Em linhas geraes, esbocei a grandeza de vossa carreira, falei de vossa responsabilidade; cumpre agora encorajar-vos para o desempenho da profissão que escolhestes.

De duas coisas não podeis prescindir: fé inquebrantavel nos destinos do Brasil, confiança absoluta no amparo da Providencia.

O Brasil precisa de uma mocidade intrepida e corajosa, resolvida e forte, que não tema e não se acovarde e não se negue ás responsabilidades da hora historica, que atravessamos.

No amplexo desta despedida, na commoção destes momentos, dirijo-vos, como ultimo appello aos mais puros e sagrados affectos de vosso peito, as palavras do bispo-academico, D. Aquino Corrêa, estrophes ricas de harmonias e sublimes de inspiração:

*«Dos imos valles aos mais altos montes  
Vibram no azul d'os patrios horizontes  
Sons de clarim que o mar além traduz...  
Ao épico fremir desta alvorada,  
Que é a voz da Patria — desta Patria amada,  
Heróes em flôr, ó mocidade, — súis!»*



## REFLORESTAMENTO

Entre as questões que, mais de perto, tocam o futuro economico do Brasil e o seu desenvolvimento material, está a da formação e conservação de extensas mattas.

Pouco exploradas as nossas riquezas carboníferas e as jazidas abertas apresentando grande percentagem de schistos betuminosos, o que torna sobremodo difficil e dispendiosa a extracção do minerio, dependemos e continuaremos a depender, por largo tempo, ainda, do combustivel vegetal.

Do supprimento de comburentes dependem os povos modernos, não só quanto ás industrias, mas tambem no que respeita á defesa militar do país.

Anno a anno vae desaparecendo a harmonia intercadente e firme das antigas estações: as chuvas cada vez mais raras e mais espaçadas, as soalheiras mais calcinantes e mais abrasadoras...

As previsões de chuva dos caipiras de S. Paulo e os signaes de inverno dos matutos do Nordeste já não têm mais razão de ser.

E é natural que assim aconteça, dizem os entendidos em assumptos climatologicos e versados em questões de pluviometria.

Não é sem castigo que se desmontam florestas, que occultam em seu seio os mananciaes crystallinos e offerecem a sombra amiga e protectora.

O selvicola, para desbravamento de terras agricultaveis, empregava o fogo como auxiliar

prestante de suas devastações, e, assim, a cada anno, novas derribadas de mattas extensas e queimadas enormes. E deste modo as «capoeiras» succediam ás florestas virgens e impenetraveis.

Mais tarde o colono não só empregou este nefando processo, mas ainda o aggravou, nas entradas e bandeiras, á cata das minas e dos indios.

Algumas cartas regias procuraram corrigir o mal, mas restaram impotentes contra a brutalidade do homem, que primava em destruir as energias da terra.

No sul, as culturas largamente extensivas occasionaram o desbravamento de regiões outr'ora de vegetação exuberante.

Se o Nordeste é hoje uma região, em parte desertica e calcinada pela fatalidade das seccas, isto se deve, em primeiro logar, á industria pastoril, que desbravou, a fogo, largos tractos de terra; depois os preços remuneradores do «ouro branco», nos annos de alta, culminaram a obra do desflorestamento.

Hoje, naquella parte do territorio nacional, o inverno é um factor quase tão destructivo como as seccas. Os campos vastos, revolvidos, de continuo, pela enxada do trabalhador, já não têm raizes, que prendam as areias movediças e assim, ao tempo das chuvaradas torrenciaes, os rios transportam immenso volume de terra, obstruindo-lhes o alveo. Varzeas ferteis, cannaviaes virentes e salinas extensas ficam soterrados, com incalculaveis prejuizos para a fortuna particular e os cofres publicos.

O autor destas linhas já teve oportunidade de observar, nos sertões do Rio Grande do Norte, na época das enchentes, verdadeiras reviravoltas topographicas. Pontes, barragens e açudes — nada resiste ao impeto das aguas.

O recrudescimento do calor e da poeira, que asphyxiam o homem e os vegetaes, provêm, em

grande parte, da deficiencia de nosso regime florestal.

Euclýdes da Cunha, descrevendo os effeitos dos estios prolongados, que desgastam os principios nutritivos da vegetação, exarou estes conceitos: «Ao invés disto, exaurida dos sóes, cerra o cyclo vital: morrem-lhe improductivas as primeiras flores; extingue-se-lhe a funcção assimiladora dos tecidos superficiaes, exsiccados; e a poeira, que lhe entópe os estomas e reveste as folhas, asphyxia-a e enfraquece-lhe a reacção tonificante da luz». 1)

Para resolver tão momentoso problema ou ao menos attenuar suas maleficas consequencias, torna-se imprescindivel o emprego de todos os meios ao nosso alcance.

Faz-se preciso educar o povo no amor da arvore e incutir-lhe no animo, bem fundo, o valor e a importancia do reino vegetal.

Neste particular, a historia antiga encerra lições muito dignas de nota.

Alexandre Magno, querendo castigar uma familia da Bactriana, mandou-lhe cortar os bosques sagrados.

A Grecia considerava as florestas como ninho dos deuses, asylo dos genios e fonte de inspiração para os vates.

Roma collocava os bosques sob a protecção da lei.

Os barbaros olhavam com enternecimento para as mattas, onde celebravam sacrificios.

Despidas do arvoredó robusto, tornaram-se estereis e desoladas regiões outr'ora feracissimas e amenas.

A Grecia de hoje, ao envés da transbordante fertilidade de antanho, apresenta rios minguados,

---

1) Euclýdes da Cunha, "Contrastes e Confrontos", pag. 284.

de margens aridas e pedregosas, donde os homens fugiram e desertaram os passaros, após o desmonte das florestas sagradas.

A Palestina é uma vasta região, esteril, porque lhe morreram as mattas sombrias e o arvoredó verdejante: só lhe resta a inclemencia de plainos áridos, onde medram cardos e abrolhos.

O norte da Africa, hoje deserto calido e arenoso, sob a colonização romana, foi plantado de olivæes e na terra sáfara e adusta germinaram flores, sazouaram fructos e surgiram cidades. Os francêses, senhores da Argelia e da Tunisia, restituiram á terra o seu patrimonio florestal e aquellas regiões apresentam progresso, riqueza e civilização.

As nações européas, encarando de perto o problema do abastecimento vegetal para as industrias e construcções, votam cuidado especial ás mattas, defendendo-as com legislação particular de rigorosos dispositivos.

Nos Alpes, os pinheiros constituem um baluarte avançado contra as torrentes dos gelos hibernaes.

Os Estados Unidos replantam arvores aos milhões, por todo seu vasto territorio.

Na Espanha, recentemente, em um só dia, as creanças plantaram 78.532 arvores.

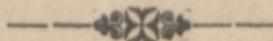
E no Brasil, o egoismo e a ignorancia vão destruindo as reservas vegetaes do «País das Palmeiras». Caminhamos para a realização do vaticinio de José Bonifacio: «Virá então este dia (dia terrivel e fatal) em que a ultrajada natureza se ache vingada de tantos erros commettidos».

Em nosso país impõe-se o reflorestamento industrial, que nos garanta o supprimento dos materiaes indispensaveis ás linhas ferreas e utiliza-  
veis industrialmente.

Os vultosos empreendimentos da Companhia Paulista, na formação de grandes hortos de eucalyptos, constituem uma lição e um estímulo.

Governo e particulares devem tirar desta grande iniciativa todas as consequencias praticas, em beneficio de nosso progresso material e de nosso desenvolvimento economico.

«Restituamos á terra a sua riqueza frondosa e ella responderá com abundancia e belleza aos votos do nosso arrependimento». 1)



---

1) Coelho Netto, "Falando...", pag. 22.

## MIGRAÇÕES

Os movimentos translativos dos povos, os grandes deslocamentos da massa humana, levando aos varios pontos da terra as conquistas da civilização e os escambos do progresso, constituem um facto communissimo na historia universal.

Os seculos perdidos na obscuridade dos tempos encerram o segredo da dispersão das tribus.

Os annaes da historia mostram o homem, apenas congregado em sociedade, precipitar-se contra seus semelhantes, disputando um tracto de solo e um logar ao sol.

Deste modo se realizou a transplantação dos antigos focos de cultura e se distendeu o desenvolvimento humano.

As velhas civilizações assentaram ás margens fertéis dos grandes rios ou ás praias hospitaleiras dos vastos oceanos. Babylonia, Egypto, India e China offerecem exemplos typicos do que affirmamos. O expansionismo conquistador dos povos ribeirinhos dos mares revela a existencia, em todas as idades, de poderosas influencias sociogeographicas, que exercem decisiva pressão sobre os destinos humanos.

O nomadismo atavico das gentes primitivas e a ambição das coisas necessarias á vida impelleram as tribus a estas migrações, que povoaram os continentes e transformaram a face do orbe terraqueo.

Diversas causas originam estes deslocamentos culturaes, não lhes sendo extranhas a conquista da riqueza material e a posse de climas amenos e bemfazejos.

As minas da Australia, os campos diamantíferos da Africa do Sul e as riquezas naturaes do «Far-West» encheram de habitantes estas regiões deserticas e selvagens.

As populações septentrionaes buscam os climas tepidos do meio dia; assim o exodo dos canadenses para as terras do «Tio Sam» e dos povos do norte da Europa para as regiões de temperatura menos rigorosa.

As difficuldades de vida e a falta de trabalho provocam a emigração dos habitantes dos países super-populados, que vão tentar fortuna nas terras abertas á iniciativa privada.

Não raro, motivos de religião forçam translações violentas: assim os puritanos fugiram da Inglaterra, os huguenotes abandonaram a França; igualmente polacos e irlandêses deixaram os lares patrios, opprimidos sob o guante scismatico ou protestante, indo colonizar as paragens da America e da Oceania.

Accordos politicos e transferencias de provincias de uma soberania a outra determinam o deslocamento dos habitantes de alguns territorios. Em consequencia do tratado de paz, a Europa presenciou varias destas permutas, merecendo attenção particular a grande troca de populações entre a Grecia e a Turquia, restituindo hellenos e mussulmanos ás respectivas patrias de origem. Meio seguro de resolver o delicado problema das minorias ethnicas.

A historia não sómente regista estas grandes migrações, mas tambem observa que, em proporções menores, dentro das proprias fronteiras, as populações se deslocam.

O conforto das grandes metropoles modernas occasiona o exodo dos moradores dos campos, originando as Babylonias contemporaneas. Contra este mal reclamam os proprietarios agricolas e os estadistas procuram solução adequada.

A historia da colonia, no capitulo que descreve a formação territorial do Brasil, apresenta dois grandes factores da nossa expansão no continente: ao norte, os fazendeiros e criadores de gado, que desbravaram os sertões: no sul, os paulistas, que desvendaram o centro e oeste, até os confins de Goyaz e Matto-Grosso.

João Ribeiro, na sua Historia do Brasil, escreve: «Povoações antigas ainda restam, antigos pousos dos sertanejos, Geremoabo, Gerú, Capim Grosso, Cabrobó, de differentes idades, que marcam as pégadas dos vaqueiros».

Os bandeirantes, analogos aos pioneiros da America do Norte, abriram á penetração colonizadora a maior e melhor parte do interior e do sul do país.

Muitas das cidades hoje florescentes devem sua origem aosousados aventureiros, que por lá passaram á caça do indio ou em busca dos metaes preciosos.

Territorialmente demarcadas as fronteiras e consolidada a autonomia politica, nem por isto cessaram os deslocamentos internos da população.

As seccas, que periodicamente assolam as regiões nordestinas, atiram os bravos sertanejos á conquista do «inferno verde», a Amazonia. Basta um ligeiro olhar sobre o mappa da bacia amazonica para encontrarmos designações geographicas, que demonstram o influxo colonizador dos cearenses e dos seus vizinhos.

Com a quéda da borracha, esta corrente emigratoria procurou o sul do país. Donde, em nossos dias, os estados meridionaes apresentam uma população muito superior á dos nortistas. Enquanto estes se despopulam, nas quadras de miseria, aquelles recebem levas de flagellados, aos quaes se ajunta o enorme contingente de imigrantes estrangeiros, além do crescimento vegetativo.

A fatalidade climaterica e as contingencias economicas determinam o fluxo e o refluxo das migrações humanas.

O desenvolvimento da riqueza publica e o augmento da prosperidade particular dependem do braço operario.

A alta do café cambiou para as zonas desta cultura o trabalhador nacional. As regiões cafeeiras receberam fortes contingentes de homens validos, que vieram attrahidos pela espectativa da melhor remuneração e de condições de vida mais favoraveis.

Os cafezaes mineiros chamaram grande numero de trabalhadores ruraes dos Estados limitrophes; os fazendeiros paulistas, offerecendo maior estipendio, trouxeram de Minas muitos colonos e «camaradas».

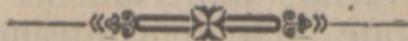
Actualmente, a abertura de novas zonas á expansão cafezista, taes a Noroeste, a Sorocabana, a Paulista e, sobretudo, as «terras róxas», provoca a emigração de muitos nucleos de bons trabalhadores, que vão em busca de um futuro mais promissor. De facto, com perseverança e energia, qualquer individuo, em breve, torna-se proprietario naquellas regiões fadadas a um grande progresso.

Coisa curiosa. Não só nos estados ricos e prosperos, mas tambem nos pobres e flagellados, se operam estas migrações.

Quando do meu parochiato no interior do meu Estado natal, o Rio Grande do Norte, observei a «descida» de habitantes do alto sertão para os valles dos rios Ceará-Mirim e Potengy, este ultimo principalmente. Homens energicos e decididos procuravam adquirir uma propriedade no «agreste»; já que no Seridó isso lhes era impossivel, dada a alta valorização das terras. Indice manifesto da capacidade de trabalho e fortaleza de animo dos filhos do Nordeste.

A falta de braços denota uma crise de con-  
sequências nada auspiciosas para as zonas que a  
experimentam. Resolvel-a é questão de vida ou de  
morte para os que inverteram capitaes em proprie-  
dades agricolas ou emprehendimentos industriaes.

Importa attrahir bons elementos de coloniza-  
ção e collocal-os em regiões susceptiveis de pro-  
gresso e desenvolvimento. Depois é necessario re-  
ter o trabalhador, proporcionando-lhe o melhor  
salario, cultura intellectual, assistencia medica e  
uma existencia relativamente feliz.



## ACTIVIDADE AGRICOLA E EXPANSÃO NACIONAL

A principal fonte de riqueza de nosso país acha-se na agricultura, que explora a fertilidade das terras.

A prosperidade dos campos e o desenvolvimento dos estabelecimentos ruraes concorrem, directamente e fundamentalmente, para o locupletamento de um povo e para tornar poderosa e respeitada uma nação.

O poderio militar que não se estribar na abundancia de cereaes, está á mercê de qualquer golpe de fortuna.

Desta fatalidade economica vivem tão convencidos os governos imperialistas e as potencias colonizadoras, que, não encontrando dentro das proprias fronteiras os recursos todos de que necessitam e as materias primas destinadas á industria nacional, fundam colonias, submettem ao seu dominio regiões fracas ou desgovernadas e com numerosa marinha mercante, coadjuvada pelas esquadras, asseguram o abastecimento de generos imprescindiveis á subsistencia de sua população e transportam aos varios pontos do globo os productos da industria local.

A politica expansionista da Inglaterra, que formou e conserva o maior imperio colonial já registado na historia, repousa em torno dos factos que acabámos de citar.

País de limitada extensão territorial, dispondo do ferro e da hulha, bases solidas do progresso e do industrialismo modernos, procurou a Gran-

Bretanha assegurar-se dos recursos indispensaveis aos dias serenos da paz e ás horas criticas da guerra.

Igualmente procederam as diversas potencias que dispõem de possessões espalhadas pela superficie da terra. Os hollandezes exploram commercialmente os vastos dominios que possuem na Insulindia.

A Allemanha de antes da guerra, que foi a ultima das grandes potencias a entrar nas competições de conquistas além-mar, preparou mercados consumidores dos multiplos artefactos de suas fabricas, em troca de muitos artigos que ella não podia encontrar em seu proprio solo.

A Italia fascista envida todos os esforços para augmentar seu patrimonio colonial e desenvolver as escassas possibilidades da costa dos Somalis, da Tripolitania e da Erythrée.

O aspecto commercial da colonização contemporanea acha-se, plenamente, applicado pelos inglêses: hoje não existem mais as antigas colonias que gravitavam em torno da Old England, mas, sim, a «comunidade do imperio britannico».

Antes de assignar os ultimos accordos e tratados internacionaes, o Saint James consultou os gabinetes dos varios Dominios, como se estes fossem nações alliadas, porém, absolutamente autonomas. É que os interesses financeiros e os vultosos capitaes invertidos nas terras sob a bandeira da Albion merecem todo cuidado e attenção.

Noutros periodos da historia os povos lutavam por competições dymnasticas ou por causa do orgulho dos seus imperantes; hoje, porém, os esforços constantes e obstinados das grandes nacionalidades visam a effectivação de sua politica expansionista.

Os interesses materiaes e os grandes empreendimentos industriaes dos Estados Unidos marcam as étapas das conquistas e aquisições de territorios pela grande republica.

A compra das colonias francêsas da Luisiania, em 1803, pelo presidente Jefferson, e a occupação da Florida occidental, sob o governo de Madison, em 1810, tiveram por moel assegurar o livre transitio do rio Mississipi.

A conquista da Florida oriental e do Oregon, em 1819, e reannexação do Texas, em 1845, não tiveram outras razões que as de ordem economica.

O commercio das pelles e a liberdade da pesca induziram o governo americano a adquirir a colonia russa do Alaska.

Sendo a ilha de Cuba grande fornecedor de assucar e fumo aos mercados da America do Norte, e ao mesmo tempo importante centro esclavagista, estes motivos dictaram a intervenção yankee no conflicto desta colonia com a Espanha, cujos resultados todos nós conhecemos.

Interesses mais imperiosos forçaram a abertura do canal do Panamá, á custa do desmembramento da Colombia.

Adduzimos estes exemplos não por formar ambiente de hostilidade á grande republica do norte do continente, mas porque, passados sob o céu da America nos convidam a reflectir melhor sobre o aproveitamento de nossas possibilidades naturaes.

Breve escorço acerca do desenvolvimento agricola do nosso país nos dará noções seguras sobre a marcha de nosso progresso.

Nos tempos primitivos de nossa colonização pelos portuguezes, estes ficaram limitados á lavoura de alguns alqueires de terra, no litoral, cultivando, em pequena escala, a canna, para o fabrico de assucar e de aguardente, e a mandioca, para o preparo da farinha.

As energias dos conquistadores achavam-se muito divididas por empresas multiplas: reduzir á obediencia os selvicolas indomitos, abrir estradas, fundar povoações e construir fortalezas, que garantissem a tranquillidade do país contra os inimi-

gos externos, os traficantes, e os internos, os indígenas.

A vida agricola do país começou nas capitánias do norte.

Em 1527 a ilha de Itamaracá possuía culturas de canna e o engenho de Nossa Senhora da Ajuda, fundado em Olinda, no anno de 1534, foi o mais antigo e importante productor de assucar, que ainda hoje é uma das grandes parcellas de nossa exportação, sobretudo em Pernambuco.

O augmento sempre crescente da população trouxe consigo o incremento da agricultura insipiente e novas plantações se estenderam em demanda do interior das diversas capitánias.

Em 1627, no Rio Grande do Norte, funcionavam dois engenhos, Cunhaú e Ferreiro Torto, e existiam diversas fazendas, onde havia bastante gado.

Data de 1622 a introduccão da pecuaria no valle do Amazonas, quando se fundaram os primeiros curraes na ilha de Marajó.

As extorsões de muitos dos colonos rechasaram para o centro das florestas os indios; ficaram, porém, alguns, já domesticados; os caboclos, que auxiliaram, prestantemente, aos portuguezes, nos trabalhos das lavouras e derrubadas das mattas e forneciam viveres pela caça e pela pesca. Os negros substituíram os indios nos serviços mais pesados.

No começo do seculo XVIII o cacáu entrou a figurar entre os nossos productos exportaveis. Em 1751, no Maranhão, contavam-se 5 engenhos de assucar e 203 fazendas de creação.

A pecuaria foi que mais efficaçmente concorreu para o desbravamento e conquista do interior do país. Em breve as fazendas se estenderam do Pará á Bahia, seguindo os cursos dos rios principaes dessa extensa região. Principiou nessa época o cultivo e preparo do fumo na Bahia.

Ao findar o primeiro quartel desse seculo, começou a tomar incremento a creação de aves e sui-

nos e iniciou-se a navegação fluvial no Brasil: do rio Pardo, na Bahia, e do Taquary e Coxim, no Rio Grande do Sul, o que muito concorreu para o incremento da agricultura nessas paragens.

Annos mais tarde os cannaviaes, que se achavam em decadencia, retomaram seu desenvolvimento normal e o algodão começou a avultar entre os productos da terra. Dentro em pouco a agricultura e a pecuaria, até então juntas, se separaram.

Os fazendeiros continuaram a cuidar dos seus rebanhos, enquanto que os senhores de engenho e lavradores se dedicaram ao plantio da canna, do fumo, do algodão e dos cereaes, que foram os primeiros elementos de nossa prosperidade e riqueza.

Os sertões do norte sustentavam grande quantidade de muares e equinos, apesar da qualidade inferior da forragem; nas zonas meridionaes a criação se desenvolvia melhormente, dadas as condições climatericas mais favoraveis. As raças ovinas e caprinas entraram tambem a prosperar.

Em breve, diversas fabricas começaram a funcionar no Brasil. O Marquês de Lavradio, porém, representou á metropole as consequencias que poderiam advir dos progressos da colonia e obteve autorização para fechal-as todas, excluindo apenas os tearés, que preparassem os tecidos grosseiros e ordinarios, destinados aos escravos e aos soldados.

Nos primordios do seculo XIX, a agricultura tomou novo impulso e nova intensificação; fundaram-se varios engenhos e os rebanhos desenvolveram-se de modo notavel.

A baixada fluminense, no periodo aureo de seu florescimento, possuia, em 1779, cerca de meio milhão de cabeças de gado.

O Rio Grande do Sul, mercê de seus excellentes pastos, tomou a deanteira na pecuaria, vindo depois os Campos Geraes de S. Paulo e a zona central do Paraná.

Entre os generos essenciaes á alimentação, figura o trigo, insubstituível para os povos da raça branca.

Para avaliarmos quanto nos custa esta graminea, basta considerar que, orçando o valor de nossas colheitas por 75.000 contos de réis, importamos, cada anno, 260.000 contos de grãos e 160.000 contos de farinha de trigo, no conjunto, 420.000 contos, que mandamos para o estrangeiro.

Além da importancia economica, ha outra mais grave, a estrategica, nos casos em que uma guerra ou o bloqueio de nossos portos impeça ou dificulte a entrada deste producto. A grande conflagração européa nos sirva de lição.

Em 1803 os trigaes ondulantes do Rio Grande do Sul offerciam ao consumo nacional alguns milhares de alqueires; e ainda em 1833 o porto do Rio Grande exportava não pequena quantidade de trigo para o país e para o estrangeiro. Em consequencia da guerra civil, de 1835 a 1845, as campinas gaúchas ficaram devastadas; e as plantações, deixadas ao abandono, foram destruidas pela «ferrugem» e por outras pragas diversas. A pecuaria, que demanda o emprego de menor capital que a agricultura e dispensa o emprego de muitos operarios, veiu a ser o eixo central da economia da provincia extrema do sul.

Os mais sagrados interesses do país exigem que se vote mais carinho a uma cultura tão importante e que nos torna tributarios de outras nações, drenando para fóra de nossas fronteiras grande quantidade de ouro.

A abertura dos portos ás nações amigas, em 1808, e a Independencia, em 1822, abriram novos horizontes á actividade rural e prepararam o locupletamento dos lavradores e fazendeiros.

O café, a maior, a mais rendosa e importante lavoura, introduzida ha dois seculos, cultiva-se em quase todos os Estados, principalmente em S. Paulo, Mina. Geraes, Rio de Janeiro e Espirito Santo.

Rio Grande do Sul, Paraná, S. Paulo e Minas Geraes possuem extensos vinhedos, que apresentam aos consumidores nacionaes excellentes vinhos.

Os vastos campos de creação do Rio Grande do Sul, do Paraná, de Matto Grosso, Goyaz e Minas Geraes alimentam nédios armentíos de raças cuidadosamente escolhidas.

O algodão é cultivado em varios Estados, de preferencia no Nordeste, que fornece typos de superior qualidade, em côr, resistencia e comprimento da fibra. Um serviço federal, apoiado pelos governos estaduaes, visa seleccionar e fixar as melhores variedades.

Ha ainda numerosas culturas, que sobressáem na producção agricola nacional, merecendo especial menção o milho, o fumo, o arroz, a farinha de mandioca, o feijão, a herva-matte, a borracha e o côco babassú.

Nenhum país possui nem póde possuir, pela fatalidade das condições mesologicas, o que se costuma classificar de «integralização economica», mas existem povos, que, em razão da vastidão de seu territorio, em virtude de uma feliz situação geographica, encontram dentro de seus proprios limites o maior numero possivel dos elementos indispensaveis á satisfação das exigencias do mercado interno. O Brasil acha-se no caso de tirar de suas possibilidades economicas quase todos os recursos indispensaveis á realização dos seus destinos politicos.

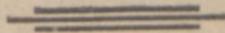
Capital, braço operario, vias de transporte e preparo escrupuloso dos productos destinados ao consumo, quer interno, quer externo, garantirão o exito de nossa expansão agricola.

Urge desenvolver a circulação da riqueza, pela fundação de cooperativas de credito, caixas ruraes e operarias e bancos populares. Para as effectivações desta cruzada são chamados, não sómente os representantes do mundo official, mas todos os brasileiros sinceramente desejosos do engrandecimento de sua terra.

O problema da falta de braços resolve-se pela selecção rigorosa das correntes immigratorias, que vêm ter aos nossos portos, e, principalmente, pela valorização do trabalhador nacional, por meio da instrucção elementar e do preparo technico para o emprego dos processos scientificos, dos quaes depende a melhoria da producção.

Resolver a questão do transporte pertence ao governo, que, neste particular, deve attender apenas ao bem publico, sem olhar para os interesses partidarios ou conveniencias de caracter politico.

Finalizaremos estas considerações sobre nossas principaes fontes de riqueza com as palavras de José Carlos de Macedo Soares, no seu *estudo economico e estatistico* «A Borracha»: Trata-se de reduzir progressivamente os estupefacientes de inducção transitória, que acabarão por envenenar a nossa producção. Procuremos tonificar o organismo economico do país, explorando racionalmente fontes de riqueza abandonadas ou descuradas, como a borracha, o assucar, a carne e o trigo. Trata-se, noutros casos, de baratear e melhorar a producção, como no caso do café e do cacáo, para alargar o consumo e destruir as possibilidades da concorrência de similares estrangeiros.»



A minha mãe

O. D. C.

# QUESTÕES CONTEMPORANEAS

## AS REIVINDICAÇÕES DA MULHER

Não sei o que melhor corresponda ao espirito da sociedade contemporanea, como sua imagem e representação; se o andar embaraçado e tímido da creança, que ensaia os primeiros passos; se o caminhar tropeço do ancião, que vacilla á borda do sepulcro.

Parece, porém, que este ultimo symboliza melhor e mais perfeitamente o mundo moderno, exaustido de competições e minado nos fundamentos de sua existencia.

A conflagração mundial absorveu as energias dos povos; esgotou os recursos economicos dos continentes; gastou a capacidade soffredora das gentes, preparando o estado chaotico da hora atribulada do presente.

Dentre as differentes questões, que exigem solução prompta e acertada, apresenta-se o grave e preocupante problema da igualdade da mulher em face do direito e dos deveres, deante das responsabilidades e vantagens politicas.

Embóra já existisse este difficil aspecto social antes da guerra européa, assumiu character muito mais grave depois que a mobilização geral das reservas militares dos povos levou á actividade industrial ou burocratica grande numero de mulheres, antes reclusas no santuario do lar domestico.

Ao lado da premencia economica e das difficuldades da vida, os cinemas, as publicações socialistas, os desgarramentos das modas e a educação ultramoderna vieram aggravar a situação, já de si embaraçosa.

Os países mais fundamentalmente atingidos em sua existencia moral foram justamente aquelles que, pelo esplendor de sua cultura e pela grandeza de sua civilização, mais influencia exercem sobre os outros povos; daqui o contagio — por assim dizer — que se estabeleceu em todos os pontos do mundo, mesmo onde os effeitos catastrophicos da guerra não se fizeram sentir em toda sua plenitude.

E nosso Brasil não ficou isento desta transformação social e grande mudança que se observa na conducta do sexo fraco, sobretudo nas capitães e centros populosos. A desenvoltura com que senhoras e moças frequentam o mundo e se apresentam em publico está muito longe do recato de suas avós. Infelizmente, neste particular, progredimos muito e muito mais depressa do que era para desejar.

Deante dos progressos do socialismo, Gladstone disse, na camara dos lords da Inglaterra, que o seu tempo seria chamado «o seculo do operario». Em face das ousadas reivindicações femininas dos nossos dias, podemos vaticinar que estes constituirão «o seculo da mulher».

## FEMINISMO

Por este titulo se comprehende a tendencia de certas mentalidades, em todos os tempos, visando melhorar as condições do sexo fraco, e que no seculo XIX se corporificou em doutrina politica e se patenteou por esforços praticos, sob diversas modalidades.

Podemos affirmar, sem temor de exaggeros, que á Inglaterra cabe a dianteira neste movimento politico-social.

Um dos primeiros a proclamar a injustiça das leis para com a mulher foi Jeremias Bentham, mas que julgava os preconceitos dominantes tão fortes que seria inutil dar-lhes combate.

Em 1835 Bailey, tratando de estabelecer uma representação politica mais de accordo com a razão, advogou a igualdade de direitos.

João Stuart Mill, em seu livro sobre «A sujeição das mulheres», escreveu um ensaio notavel sobre este importantissimo assumpto e, posteriormente, em 1857, propugnou pela entrada do elemento feminino no Parlamento.

De 1883 a 1888, na Gran-Bretanha, as mulheres organizaram diversas associações, para cooperarem com os homens em diversos ramos de actividade.

Nos começos deste seculo, em 1906 e 1907, appareceram as celebres suffragistas, que provocaram numerosos movimentos subversivos e attentados a dynamite, no intuito de despertarem a acção geral e intimidarem aquelles que lhes fizessem opposição.

Aos poucos, por via de reformas constitucionaes, o sexo fragil foi conquistando o ambicionado e disputado direito de voto, na Nova Zelandia, ilha do Man, Australia Meridional e Occidental, Nova Galles do Sul e ilha da Tasmania, e, por fim, em todos os Estados da confederação australiana, depois de promulgada a constituição federal do dominio.

A Colonia do Cabo e o Canadá concederam-lhe o suffragio para as eleições municipaes. Na Finlandia as mulheres tinham o voto na communa e a Duma russa, em 1906, pretendeu conferir-lhes o mesmo privilegio. Na Suecia apenas eram excluidas do comparecimento ao escrutinio dos membros do Parlamento.

Sob o imperio allemão compareciam a certos pleitos na Westphalia, Schleswig—Holstein, no Brunswick e no reino da Saxonia. Na Austria-Hungria, igualmente, na Bohemia, Moravia, Croacia e Dalmacia.

Os reinos da Belgica e Romania e o grão-ducado do Luxemburgo conferiam ás que pagavam

impostos os mesmos direitos dos homens, com tanto que usassem d'elle por intermedio de um procurador.

Na União Americana, desde 1912, o voto feminino começou a constituir uma questão politica e diversos Estados introduziram esta reforma em sua legislação.

Em 1913, já nas vespéras da horrorosa conflagração europeá, reuniu-se, em Buda-Pesth, um congresso internacional de voto feminino.

Depois do tratado de paz essas idéas foram tomando maior incremento e as conquistas do feminismo avultam dia a dia.

Sob o ponto de vista dos negocios publicos, as mulheres pôdem estar satisfeitas com o muito que já obtiveram. No campo economico alcançaram importantes concessões e não poucos países lhes outorgaram favores especiaes.

As reivindicações intellectuaes abriram-lhes as portas das escolas superiores, onde conseguem diplomas de medicina, engenharia, direito. As repartições publicas, particularmente os correios e os telegraphos, admittem moças e senhoras para o serviço interno, bem como numerosos bancos. As casas de commercio acceitam-nas para empregadas e, não raro, lhes dão a preferencia, pois, sobre serem pontuaes e attentas, se contentam, em geral, com ordenado muito inferior ao dos homens.

Este movimento é geral, em todos os países, visto que a propria Turquia de Kemal Pachá tambem acceita e segue esta corrente moderna. A Persia acompanha os passos de sua vizinha islamita.

No Brasil tambem penetrou o feminismo: no commercio ha muitas moças, que prestam seus serviços, bem como em casas de pasto e até mesmo em repartições publicas.

O Rio Grande do Norte, em sua ultima reforma constitucional, adoptou o suffragio feminino, nas eleições estaduaes e municipaes, já que a con-

stituição federal não o admite para a escolha dos membros do poder legislativo ou executivo da Republica.

Igual tendencia se manifesta em outros pontos do país.

Além deste aspecto politico, o feminismo tem trazido não poucos beneficios á mulher. As maternidades, os serviços de prophylaxia contra a tuberculose e outras molestias; a assistencia medica e juridica; a cooperação de syndicatos e outras obras de amparo social receberam grande incremento da parte deste movimento de idéas e desta revolução nos costumes.

Não obstante, porém, tantos beneficios incontestaveis, tem produzido muitos males, maximé a *masculinização* da mulher, que de companheira e collaboradora do homem, se vae transformando numa rival e concorrente.

## A MULHER ATRAVÉS DOS TEMPOS

A' historia devemos pedir informações seguras sobre a misera condição a que, nas mais remotas éras, os povos reduziam a parte mais fraca e delicada da humanidade.

A mythologia fala de mulheres bellicosas, que habitavam as margens do Theamodonte, constituindo um Estado, governado por uma rainha.

As lendas assyrias guardam o nome de Semiramis, constructora dos jardins suspensos da Babilonia, maravilha do mundo antigo.

Com excepção, porém, do que acabámos de relatar, do antigo Oriente nada consta de notavel a respeito do sexo fragil. Restam na historia poucos nomes femininos: Helena, cuja fatidica belleza ateou a guerra de Troya, e Artemisia, rainha do Helicarnasso; raras outras ligaram sua recordação a algum feito notavel.

No Egypto e na India, no seio da familia, a companheira do homem desfructava de privilegios

e recebia honras, mas não consta que se lhe concedesse influencia na vida publica.

Entre o povo de Deus, mercê da lei mosaica, a esposa pela força moral dominava a força material do marido e, embora reputada inferior no tocante á religião, era considerada superior sob o ponto de vista familiar. E' tambem a raça antiga que maiores e mais nobres figuras de mulher apresenta.

No periodo aureo da civilização hellenica, a mulher vivia rebaixada a um gráu extremo de inferioridade. Solteira, constituia pertença do pae; casada, tornava-se propriedade do esposo; viuva, voltava ao poder paterno ou ficava sujeita ao filho mais velho. Juridicamente falando, os seus direitos eram muito restrictos e só podia exercel-os por intermedio de um tutor.

Sujeita a uma disciplina familiar rigorosa, era-lhe vedado comparecer ás reuniões dos homens e a frequencia da sociedade lhe fazia perder a fama de senhora honesta.

O seculo de Pericles regista apenas a celebre Aspasia, nomeada pela belleza e pela illustração.

Em Athenas, a visão voluptuosa de Phrynéa levou os juizes á prevaricação, quebrando os juramentos a que estavam ligados. Ambas exerceram, simplesmente, uma influencia ephemera, que procedia dos dotes naturaes.

Com os romanos dos primeiros tempos, a mulher vivia em completa sujeição: a esposa estava sob o dominio do marido; a viuva, sob o dos seus agnatos. Quando estes rigores abrandaram e os costumes se tornaram menos severos, a corrupção chegou a tal ponto que o senado, pouco antes de Augusto, viu-se obrigado a decretar uma lei, prohibindo que as matronas nobres recibessem dinheiro pelo exercicio da prostituição. Parece incrivel que o povo soberano do universo haja descido a tanta abjecção.

A literatura e a historia encerram ensinamentos preciosos e sentenças de valor não despiciendo.

Platão condemnava as mulheres a uma vigilância perpetua; Hypocrates chamava-as de natureza perversa; Euripedes cognominava-as de peste domestica e Hesiodo, flagello dos mortaes; Eschillo as considerava como causa da ruina da sociedade. Lycurgo e Solon sentenciavam que têm cabellos compridos e espirito acanhado. Juvenal, ironicamente, commentava que todas as questões têm sua origem numa mulher e Ovidio ridicularizava-a, dizendo que ella chóra quando e quanto quer...

Era de modo e uso commum, segundo Estrabão, permutar a esposa como se fôra ordinaria mercadoria e Catão alugou a sua Mercia a Hortencio; Cicero concedeu libello de repudio a Terencia, para aplacar os seus credores com o dote da nova esposa, a quem repudiou pouco depois por um motivo qualquer.

Metello flagellou e matou sua mulher por ter bebido vinho e Paulo Emilio, sem motivo algum, despejou Papiria.

«Na Chaldéa, na Phenicia, na Thracia, na Mongolia e na antiga Esparta, a prostituição era obrigatoria para todas as mulheres, assim como o serviço militar o era para os homens», diz M. Morino.

Os parthos assassinavam uma mulher com a facilidade com que se mata um cão. Na Asia o marido mandava tinar a vida á mulher que envelhecia. Os arabes sepultavam-nas vivas, quando ultrapassavam de certo numero.

Entre os romanos, a esposa, longe de ser a companheira do homem e a soberana do lar, não passava de misera escrava.

Em nossos dias não melhor é a sua condição em meio dos povos pagãos. Os hindús queimam a viuva com o cadaver do seu esposo. O camponês da China emparelha no arado a mulher e o seu burro. Os viajantes do Oriente mahometano narram a reclusão e os máus tratos a que vive submettida a mulher. Na Africa é artigo de negocio, entre as tribus selvagens.

O contracto matrimonial dá ensejo, em certos países a negociações curiosas. Os tartaros offerem aos sogros um pouco de manteiga; os cafres, oito vaccas. Os esquimãos vendem as filhas e mulheres por uma pequena porção de tabaco. No Turquestão uma esposa custa uma cochonilha; na Uganda, tres touros; em Bengala, alguns fetiches e varias pelles de animaes selvagens.

A propria linguistica revela a idéa degradante que os antigos formavam da mulher: no hebraico seu nome é a esquecida; no grego, aquella que gera; no latim, lasciva.

Foi Jesus Christo que, com seus ensinamentos sobre a criação e a redempção da humanidade, levantou a mulher do profundo abatimento em que jazia e a repôz em seu logar natural, abrindo nova era nas relações entre os sexos.

## O CHRISTIANISMO E A MULHER

A mulher, a grande victima da sociedade pagã é pasto dos insaciaveis egoismos do homem. encontrou beneficios incomparaveis na religião do divino Crucificado.

O christianismo enalteceu-a, na ordem da graça sobrenatural, com a honra excelsa de Virgem Mãe de Deus e, na ordem da dignidade social, com um sacramento indissolúvel, que une para sempre os esposos.

O embasamento da familia na unidade e perennidade do matrimonio constitue o maior titulo de gloria e a maior conquista que Jesus realizou na terra, sobre as paixões desordenadas.

A Nova Lei ampara a união conjugal contra a volubilidade dos sentimentos; infunde ao amor uma nova força extraterrena, firmada não sobre os encantos do corpo, que cedo murcham e fenecem, mas sobre a belleza da alma, que não caduca nem se estiola.

O paganismo construía a sociedade familiar sobre vinculos puramente humanos: os interesses e as vantagens de allianças nobres, as riquezas dos nubentes ou as graças naturaes. Dahi a facilidade com que o divorcio desfazia estas combinações, salvo os casos excepçionaes em que uma *sympathia* mutua e profunda prendia dois corações para toda a vida.

A religião christan, porém, cortou o mal cerce: proclamou que o casamento só acaba pela morte de um dos conjuges, embora os transportes de amor esfriem ou mesmo se extingam no volver dos annos.

A interdicção absoluta de contrahir novos vinculos quem está preso por um, defende o lar contra desejos illicitos e pensamentos impuros, que viriam profanar a santidade do thoro.

S. Paulo, escrevendo aos romanos, definiu a nova doutrina sobre o matrimonio: o marido deve amar a sua mulher, assim como Jesus Christo amou a sua Igreja; a mulher deve ser sujeita ao seu marido como ao seu senhor.

A instituição das diaconizas veio abrigar uma flôr sublime, essencialmente christan: a virgindade. Eis a origem remota desta creatura inconcebivel nos tempos modernos: a irman de caridade.

Os templos dos idolos possuíam vestaes, mas era á custa de ameaças e a troco de largas compensações materiaes e honrarias.

As donzellas e viúvas, *que eram verdadeiramente viúvas*, no sentir do Apostolo, occupavam-se de certos mistéres, muito principalmente das obras de caridade.

Daqui o nobilitar-se o sexo feminino que conquistou a benemerencia geral.

Acima de tudo, o culto da SS. Virgem concorreu para exaltar e engrandecer moralmente a segunda metade do genero humano.

Bossuet apresenta perfeita antithese parallela, nas suas sublimes elevações sobre os mysterios.

Da primeira mulher procedeu a ruina do genero humano; a reparação veiu de Maria, que recebeu a embaixada angelica; cada uma teve sua mensagem, uma das trevas, outra da luz. A primeira colheu o fructo da morte, no jardim do Eden; a segunda guardou o fructo da vida, na montanha do Calvario.

Deus realizou a elevação simultanea de ambos os sexos: a natureza humana foi sublimada á hypostase com o Verbo; a mulher ascendeu á maternidade divina, permanecendo sempre virgem.

O catholicismo estatuiu o triplice pedestal de grandeza sobre que assenta a mulher: mãe, esposa e filha, sempre na missão de devotamento e de carinho, quer no seculo, quer na religião.

Filha querida, esposa estremecida ou mãe terna, ella desempenha o ministerio da caridade; os indigentes, os debeis, os orphans, os abandonados pedem-lhe protecção; os ignorantes imploram-lhe a luz da intelligencia. O seu dominio não se circumscreve ás paredes do lar, extênde-se até onde houver uma lagrima a enxugar ou uma dôr a lenir.

As conquistas christãs em pról da mulher não param aqui.

Ha uma classe para a qual não ha condescendencia, a não ser a tolerancia crâninosa; uma categoria existe para a qual a sociedade não conhece rehabilitações: as decahidas.

Aquellas que, á semelhança de tontas borboletas, se deixaram prender entre os enganos da vida e crestaram a flôr da virtude no incendio do prazer, não pódem esperar commiserção no seio da familia.

Olham-nas todos como aos fructos: depois da quêda segue-se, necessariamente, o apodrecimento...

Certo que a defesa da moralidade publica exige um muro de separação entre a honra e o crime, a virtude e o vicio.

Cumpra, porém, observar que a intransigencia de muitos e o abandono por parte daquelles que são os protectores natos acabam de precipitar na valla commum da abjecção as desgraçadas, que resvalam de uma vez.

A Samaritana, pedindo agua da vida, no poço de Jacob, e a Magdalena, ungiendo os pés do Salvador, constituem quadros de arrependimento e de perdão, que os seculos jámais se cansam de admirar. Se o amor desordenado foi a causa de ruina, o amor divinizado produziu a salvação. Christo inclinou-se para a transviada, que jazia no extremo aviltamento para erguel-a, pela via da penitencia, ás alturas mais sublimes.

Diz um escriptor contemporaneo: «No alto do Calvario Jesus quer ao seu lado Maria, sua Virgem Mãe, e Maria Magdalena, a peccadora arrependida, afim de que as gerações humanas pudessem comprehender que, embora por caminhos diversos, aquellas mulheres chegaram até o coração inflammado de Deus».

O christianismo elevou e dignificou a mulher, exalçando-a até ao heroismo. No saber apresenta Catharina de Alexandria, Magdalena de Pazzi e Teresa de Jesus; na pureza e encanto da virtude ha lirios como Cecilia e Ignês, duplamente honradas pela castidade e pelo martyrio; ha soberanas como Isabel de Thuringia e Hedwige de Polonia, que deixavam seus paços e iam praticar a caridade. Os sentimentos de amor á patria encontram a maxima glorificação em Joanna d'Arc, a heroína que salvou a França. As classes humildes apontam Zita, padroeira das cozinheiras, e a pastorinha vidente de Massabielle. Teresinha do Menino Jesus, Gemma Galgani e Elisabeth Leseur exemplificam, em nossos dias, o papel nobilitante e a missão sublime que incumbem ás filhas de Eva.

Os bellos exemplos da mulher ao serviço da religião, da patria, da familia e da sociedade, manifestam, evidentemente, que a Igreja não despre-

sa, não abate, não desdenha as legítimas descendentes e herdeiras daquellas que acompanhavam Jesus nas excursões apostolicas através da Palestina.

Não. Muito ao contrario. O christianismo depura, fortifica e engrandece este thesouro inexaurível de affectos e dedicações — o coração da mulher.

O cyclo historico no qual o sexo fraco gozou de maiores considerações e recebeu honras mais sollemnes foi a Idade Média, o periodo do pundonor cavalheiresco: é tambem esta a época em que a influencia religiosa se fez sentir em toda a sua plenitude.

Poderão citar a lei salica, na França, que declarava a linha masculina a unica com direito á successão no throno. E' bem verdade que nem sempre a mulher desfructou de direitos politicos ou pelo menos estes lhe eram restrictos e limitados; restava-lhe, porém, outra soberania e esta quase ilimitada — o lar. O que lhe faltava no mundo exterior, sobejava-lhe no recesso sagrado da familia.

Hoje, querendo conquistar os privilegios do voto e os cargos de representação, a mulher abdicou de suas prerogativas naturaes.

Cumpre ainda notar que, se os tempos modernos viram o apparecimento destas theorias de igualdade, este facto tem origem, embora remota, nas reformas sociaes do christianismo, que derruiu as mais fortes barreiras de preconceitos e egoismos dos homens.

A mulher athéa, indifferente ou livre pensadora é, antes de tudo, uma ingrata, que se esquece da Igreja, a maior bemfeitora de seu sexo.

O aphorismo latino *virtus in medio* nos leva, naturalmente, a separar o trigo do joio e buscar o justo meio entre theorias e opiniões extremadas.

Vejamos, pois, qual

## O FEMINISMO ACCEITAVEL

Ha um feminismo antichristão, filho do liberalismo bastardo, diametralmente opposto aos ensinios do catholicismo.

Este merece toda repulsa e toda resistencia, por parte não sómente dos catholicos, mas tambem de todos os espiritos serios e reflectidos.

E' o feminismo revolucionario, que espalhou o terror nas ruas de Londres e sobresaltou a policia inglêsa. E' o feminismo que procura afastar do lar a mulher e collocar-a na praça publica, disputando aos homens cargos e funcções que a natureza e a religião reservaram ao sexo forte.

E' a tendencia emancipadora, que introduz o elemento feminino nas repartições publicas, entre as tricas da burocracia, e o conduz á politica, a politica indigna, que degrada o character de muitos homens, destituídos de um forte substractum de principios religiosos e moraes.

Esta orientação moderna deslocou e transtornou o viver placido e tranquillo das matronas de outr'ora, cujas filhas hoje mergulham fundo no torvelinho das competições da vida.

As alterações do fóro e o barulho das praças publicas não offerecem ambiente propicio á delicadeza do bello sexo.

Vemos hoje a mulher moderna, que não quer saber de recolhimento de espirito, de modestia no vestir, de recato nos olhares, não respeita ao marido, nem cuida dos filhos. Os caprichos da moda e a ambição dos triumphos passageiros dos bailes enchem seu cerebro. Deleita-se nos theatros, nas danças e nas reuniões elegantes, donde, não raro, infelizmente, resultam a ruina financeira e o descredito dos vinculos conjugaes. Deserta da casa, aborrece a tranquillidade do gyneceu, onde as antigas damas romanas prepararam uma progenie de heróes; as mães christans, uma geração de santos. Não quer saber dos nomes gloriosos de Cornelia e Veturia, Branca de Castella e Francisca de Chantal.

A mulher frívola perde o tempo com mil futilidades: frisar os cabellos, polir as unhas, compôr as pregas do vestido, formam suas occupações predilectas, quando não passa horas a fio lendo romances sentimentaes; contos de escandalos e versos desenxabidos. Enche a cabeça de tolices inverosímeis e depois compõe attitudes observadas no cinema e fica sonhando acordada...

Ha peor que isto. A mulher ímpia, que abandonou a religiãõ e não crê mais em Deus. Tornou-se sceptica em materia de crenças; não acredita no inferno, mas teme o canto da coruja e o máu olhado.

A mulher progressista frequenta universidades, assenta-se nos bancos das academias; relega para um lado a cesta de costuras e o leque, mas leva debaixo do braço uma pasta de advogado ou jornalista. Entra nos bares e cafés, vae aos congressos literarios ou scientificos, sempre cercada de um grupo de homens corrompidos, que espreitam a presa incauta.

Resta a mulher politica, a oradora dos comícios populares, a grévista intransigente, que pede emancipação e clama contra as injustiças dos homens. Urde conspirações e prepara attentados, como duas jovens alumnas da Universidade de Petrogrado, que assassinaram o general Trepolt e premeditaram a morte do czar Alexandre. E' Luiza Michel, que, com suas companheiras, incitou a população de Paris ao morticínio, ao saque e ao incendio. E' Catharina Breschkowskaia, celebre avó da revolução russa.

A estes excessos, a taes extravagancias e excentricidades chega o feminismo dos nossos dias.

Milton, no «Paraiso Perdido» diz que Deus deu ao homem a coragem, para enfrentar as lutas da existencia, e á mulher a doçura, para amenizar a vida com os encantos do lar.

Estas palavras não deixam de ser verdadeiras, embora os tempos modernos hajam introduzido modificações diversas na vida social.

Observa, com justeza, um pensador moderno que as estações mudaram, mas se conservam as condições em que reverdecem e sazonom os fructos; igualmente, os tempos mudaram, porém, permanecem inalteraveis as condições essenciaes da vida real da humanidade.

O bulicio das ruas, as disputas nos tribunaes, as polemicas nos parlamentos não offerecem meio conveniente ao recato da mulher.

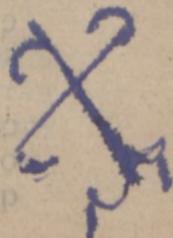
Ha, porém, um feminismo accetavel em these e fecundo em resultados.

E' aquelle que o proprio Deus assignalou á mulher e que a Egreja aponta como o unico dignificante. A Sagrada Escripura o resumiu nos admiraveis traços da *mulher forte*.

A' luz destes principios inalteraveis, dictados pelo Espirito Santo, se deve formar a consciencia da mulher brasileira.

As reformas politicas podem leval-a ao exercicio do direito do voto. As difficuldades economicas, a premencia da vida e as necessidades da familia pôdem obrigar a moça, a senhora casada ou a viuva a procurar na officina ou na repartição publica os recursos que lhe faltam; acima de tudo, porém, importa que antes de eleitora, operaria ou empregada seja ella uma mulher verdadeiramente christã.

Nossas distinctas patricias, eivadas de idéas politicas e de aspirações progressistas não se esqueçam da profunda verdade encerrada nestas palavras do primeiro Napoleão: «A mulher formosa agrada aos olhos, a mulher bôa agrada ao coração. A primeira é uma joia, a segunda é um thesouro: aquella joia é falsa, porque a belleza dura pouco; aquelle thesouro é verdadeiro, porque a bondade dura eternamente».



## DO CASAMENTO AO DIVORCIO

Instituição basilar da sociedade humana, firme sustentaculo da ordem e da paz, o matrimonio constitue a grandeza das nações e a fortaleza dos povos.

A raça que conserva solidos os vinculos conjugaes é forte e encerra germes de vida; a que relaxou estas cadeias sublimes marcha em demanda da dissolução, caminha para o aniquilamento.

Horacio já escreveu, nos dias de esplendor do paganismo: «Os seculos fecundos em crimes romperam o casamento, a familia, o lar domestico e, desde então, o desastre se desencadeiou sobre a patria e sobre o povo».

A origem da familia, segundo a natureza, acha-se na união do homem com a mulher; segundo a religião catholica, a fonte da familia christã procede de um sacramento, especialmente ordenado para este fim.

No Genesis encontram-se preciosos ensinamentos sobre os primordios da existencia do homem sobre a terra.

Adão, pae da humana especie, vendo a companheira destinada por Deus, exclamou: «Eis o osso dos meus ossos, a carne da minha carne...» E o livro sagrado continúa: «A mulher tirará o seu nome do homem, visto que do homem foi tirada. Por ella deixará o homem seu pae e sua mãe e unirse-á á esposa e serão numa só carne».

Ainda hoje vemos que, em consequencia do casamento, a esposa, sem perder seu nome, toma o do seu marido; abandona, para sempre, os seus queridos paes, deixa de vez o lar paterno, muda por

completo de habitos de vida e assume as responsabilidades de uma nova familia e sujeita-se aos encargos da maternidade. O homem tambem afasta-se da casa em que nasceu, para fundar uma outra, e, deste modo, compensar os sacrificios de sua companheira e cicatrizar-lhe as feridas do coração.

E os dois constituirão uma só pessoa, no remanso tranquillo em que habitam, nos pensamentos e castos anseios de suas almas, nas vicissitudes da vida. Mesmo que as distancias os separem, em continentes distantes ou em países longinquos; ainda que a sentença dos tribunaes civil ou canonico afaste um do outro: aquelles que se ligarem pelo casamento jámais poderão dispôr de si proprios, porque Deus assim determinou e assim é necessario.

Em face da propria lei natural o matrimonio é um contracto, mas um contracto differente e superior a todos os outros. Nos contractos ordinarios o homem transfere coisas accessorias á vida, o suor de seu rosto, o campo, os rebanhos, a casa em que móra, o seu labor quotidiano, o producto de seu esforço e as realizações de sua intelligencia; neste contracto, porém, o homem transmite e permuta sua propria pessoa e seus direitos mais delicados e mais intimos. Os desposados entregam-se, mutuamente, trocando entre si sua vontade e seus bens de fortuna, fazendo de duas existencias uma unica, que se deve prolongar e perpetuar, no volver dos tempos, nos seus descendentes, aos quaes legarão, não sómente a vida material e o patrimonio da familia, mas tambem a vida intellectual e moral: suas idéas e suas virtudes.

Jesus elevou o matrimonio á dignidade de sacramento, que estabelece uma união santa e indissolvel entre o homem e a mulher; lhes confere a graça de se amarem mutuamente, de educarem christanmente os filhos.

Nas bodas de Caná, na Galliléa, o Messias transformou a agua em vinho, para significar com este seu primeiro milagre que a união natural dos

esposos passava a representar coisas santas. Aquella agua mudada em excellente licor, symbolizava a graça sacramental, que inebria os corações dos núbentes.

Pouco tempo depois os phariseus abordaram o Divino Mestre e pediram sua opinião no tocante ao repudio. O Rabi citou as palavras do livro sagrado e dirimiu logo a controversia com estas palavras claras e precisas: «Não separe o homem aquelles que Deus uniu».

E' o retorno á monogamia edenica. Deus não creou varios homens, para attenderem aos caprichos de Eva, nem diversas mulheres, para satisfazerem ao egoismo de Adão.

Houve só um par, afim de fechar as portas á volubilidade do coração, avido de sensações e prazeres novos.

A Igreja recolheu estes ensinamentos e os incorporou á disciplina imposta aos fiéis, disciplina mantida até hoje com uma energia inquebrantavel, sem treguas ou concessões.

João Baptista, o Precursor, morreu em consequencia de defender os direitos sagrados de um casamento legitimo.

Os santos padres prégarão e defenderam, com todo o fulgor de sua eloquencia, esta doutrina e os concilios ecumenicos ou regionaes, proclamaram-na, sem admittir excepções. O proprio schisma grego a incluiu entre seus dogmas e a incorporou aos seus usos.

A historia ecclesiastica regista uma intransigencia rigorosissima neste particular.

Nicolau I vetou, a Lothario unir-se a Valdrada, sobrevivendo sua legitima mulher; Urbano II e Paschoal II procederam de igual modo contra Felippe, rei de França. Se Roma houvesse concedido a Henrique VIII tomar segunda esposa em vida da primeira, a Inglaterra ainda hoje seria catholica, com todos os seus vastos dominios. Sancionasse o Papa a bigamia do landgrave de Hesse e de outros principes allemães e a Reforma protestante teria morri-

do em seus primórdios e hoje não veríamos afastadas do throno pontificio regiões outr'ora tão famosas pela sua fé e pela sua piedade. Ainda na época contemporanea, Pio VII, do fundo de um carcere, ergue seu protesto contra o casamento do imperador dos francêses com Maria Luisa.

Para manter a unidade e a indissolubilidade do vinculo conjugal, o catholicismo não tem vacillado em enfrentar as paixões das sociedades gastas pelos vicios, os instinctos inferiores dos potentados, as blasphemias dos atheus e as calumnias dos escriptores sem consciencia.

A Egreja comprehende, claramente, que o casamento consiste na communidade do domicilio, na união de dois corpos ou na junção de capitães: o matrimonio, para existir, necessita da fusão dos corações. Sabe mais que o coração humano é demasiado voluvel, que as paixões amortecem, que os transportes esfriam no volver dos annos, e que, para amparar a instituição primordial da humanidade, Deus decretou, pereíntoriamente, que a creatura não póde quebrar os élos soldados pelo Omnipotente.

Aos que ingressam na vida de casados, se forem infelizes, poderemos applicar as palavras desenganadoras de Dante:

*«Lasciate ogni speranza voi che entrate»*

(Inferno, III, 9)

No sentir de eminente publicista francês o matrimonio assemelha-se a uma viagem de longo curso, na qual se torna impossivel o desembarque dos passageiros que soffram de enjôo.

Desde que um casamento é valido, certo e legitimamente consummado, não ha, á face da religião catholica, recurso algum para a annullação e novas nupcias.

Sociologos e publicistas discutem a questão do divorcio sob varios pontos de vista; os theologos, porém, respondem com firmeza ás objecções

propostas e proclamam a disciplina da Igreja sobre a indissolubilidade.

Ha' alguns casos raros e excepçionaes em que o casamento póde ser nullo, não obstante certas apparencias de validade. O código de direito canonico enumera e estabelece as condições de nullidade. Então não houve casamento, apenas formalidades exteriores, que não podem surtir valor juridico. Um tribunal romano, a Rota, julga desses casos.

A sentença declara que os nubentes em questão nunca foram casados. A ignorancia ou má fé, que se póde verificar em qualquer genero de contractos, tornou sem effeito a cerimonia effectuada. Não ha, pois, quebra alguma do vinculo conjugal, que não existia.

O divorcio, porém, destróe a união do homem com a mulher, desvirtua um contracto indubitavelmente authenticico.

Não se verifica, pois, parallelo algum nem sombra de comparação, entre os excepcionalissimos casamentos nulos e o divorcio instituido pela lei. Sómente a ignorancia ou a maldade poderão confundir coisas de natureza tão diversa.

A sociedade paganizada attribuiu á autoridade publica o poder de ligar os esposos, pelo contracto civil; rebaixado deste modo o character do matrimonio, tornou-se impossivel evitar que, sacudido pelas paixões desordenadas, vá o homem pedir ao tribunal a restituição de sua liberdade. Dahi a fonte da falada questão do divorcio, que é mais um passo para o concubinato legal ou amor livre.

## OBJECÇÕES

Jornalistas defensores do divorcio procuram casos esporadicos, situações difficeis e circumstancias excepçionaes, que poucas vezes verificam e se encontram na vida; romancistas imaginosos pintam dramas empolgantes, cheios de scenas dolorosas, que prendem a attenção dos incautos.

Quando mesmo certos factos allegados sejam veridicos, não passam de anormalidades, no commum da vida. Na maioria, porém, não constituem senão obras primas de impostura, visando mudar de idéas os leitores incautos.

Argumentam contra a indissolubilidade do matrimonio, dizendo que o homem é livre e ninguém lhe pôde arrancar a liberdade. Resta, portanto, a cada qual o direito de quebrar as cadeias do casamento, quando julgar conveniente ou necessario.

Semelhante arrazoado, sob apparencias de bom senso, envolve confusão de conceitos, em prejuizo da logica e da moralidade.

O homem é livre até ao dia em que, voluntariamente, abraça um estado ou uma profissão cheia de deveres e obrigações.

Os codigos não permitem que deixem a carreira das armas e abandonem a caserna aquelles que, havendo abraçado espontaneamente a vida militar, achem muito oneroso o serviço do quartel.

O divorcio poderá salvar e rehabilitar muitas victimas da malicia alheia e da propria falta de experiencia. Proclamam alguns.

Perguntemo-lhes: quantas outras victimas da malicia alheia existem e que, ninguém pôde salvar?...

Não mandará o juiz encarcerar o incendiario, o ladrão, o assassino, porque a miseria e a deshonra cahirão sobre seus parentes, victimas innocentes?

A' luz deste criterio o veredicto dos tribunaes devia levar em conta as condições de familia dos judicandos.

Apresentam-se os exemplos de casamentos contrahidos por leviandade do coração, sem se conhecerem bem os esposos.

Soffram, pois, as consequencias de sua leviandade. Em negocio de tal monta, para toda vida, ninguém pôde proceder sem madura reflexão.

A infidelidade de um dos conjuges offerece um dos maiores pontos de apoio para os adversarios da Igreja. Aceitar, porém, esta razão como

sufficiente para o divorcio, seria abrir a porta ao amor livre. Bastaria que um delles, impellido pela luxuria, avareza ou qualquer capricho do coração, recorresse ao adulterio... O culpado ficaria livre para seguir seus impulsos desordenados e o innocente, sem garantia alguma. Ademais o processo indispensavel á sentença do judiciario traria ao publico todos os segredos do thalamo e a vida intima das familias. O tribunal tornar-se-ia verdadeira escola de escandalos e escabrosidades.

Ha lares desgraçados, verdadeiros infernos; ha uniões infelizes, situações irremediaveis. Pura verdade. A's vezes o anel de nupcias transforma-se em algemas e o domicilio em galé de forçados.

Ainda nestas circumstancias tão angustiosas a conservação da sociedade e da familia impõe a indissolubilidade do vinculo matrimonial.

A virtude e a honra exigem martyres, pédem o sacrificio de vidas inteiras. Deus assim o determinou, porque é senhor absoluto das craeturas; a sociedade assim o exige, para salvaguardar a moralidade publica.

A guerra compõem-se de atrocidades: sacrifica innocentes e culpados, aquelles ainda mais que estes. No entanto, muitas vezes, a guerra se torna necessaria e não ha fugir, a não ser pela deshonna da patria. O sangue generosamente derramado, no campo de batalha, as existencias em flôr ceifadas pelo inimigo cobrem de gloria o pavilhão nacional e constituem o martyrologio dos povos.

Importa collocar o bem publico acima das conveniencias individuaes.

«A argumentação até hoje invocada pelos divorcistas, diz o sr. Pacheco Prates, reside numa necessidade de ordem pessoal, sem argumento algum do ponto de vista social.

Ora, se a sociedade é esquecida e se, no casamento, os conjuges se obrigam para com ella, na correspondencia dos direitos que lhes são assegurados, não posso admittir que se resolva o as-

súmpto attendendo tão sómente aos interesses unilateraes.

Sou, pois, contra o divorcio».

Em resumo, todos os argumentos apresentados contra a sublime intransigencia da religião fundamentam-se, exclusivamente, na sentimentalidade.

Nada provam, porque provam demais.

Adoptar os sentimentos e os impulsos do coração como norma de governo é expôr a humanidade aos caprichos dos tyrannos e ás volubilidades dos insensatos.

Nero, incendiando Roma e commettendo toda sorte de desatinos, outra coisa não fazia que seguir os arreissos de seu genio.

A electricidade, o automovel, o radio, o cimento armado, a aeronautica, todas as mais brilhantes conquistas do progresso e os mais efficientes recursos da civilização devem ser proscriptos, em nome dos sentimentos humanitarios, pois todos os inventos custam, aqui e ali, sympathicas immolações e dolorosos sacrificios.

## O DIVORCIO E SUAS CONSEQUENCIAS

Nada melhor para um juizo seguro sobre qualquer reforma legislativa do que investigar seus resultado praticos, isto é, os fructos bons ou máus, decôrrentes de sua applicação em determinado país.

A experiencia tem provado mal, em todas as nações que decretaram esta *lei de retrocesso*, como a qualificou insigne publicista.

Deixemos de parte a velha Europa, onde as condições de vida são mais asperas que no nosso meio. Lá, diversos elementos revolucionarios abalararam a estabilidade social e as aperturas economicas complicam os problemas da existencia.

Na America do Norte, porém, o locupletamento do Estado, o bem estar geral e os salarios elevados tornam mais faceis os encargos da familia e a educação da prole.

A escolha dos Estados Unidos para termo de comparação se justifica além disto por costumarmos tomar a grande republica anglo-saxonica como exemplar e paradigma a que fomos pedir constituição, leis e usos geraes. Do norte do continente nos vêm, através do cinema, do automovel, do arranha-céu e dos productos manufacturados, grande parte de nossa cultura e de nosso progresso.

Manda, pois, o bom senso que investiguemos a influencia que o divorcio tem exercido sobre aquella immensa população. Consideremos portanto os resultados desta reforma social em meio de um povo mais civilizado, mais rico e mais instruido que o nosso.

Apenas introduzida a nova legislação, logo o numero de divorcios começou a crescer de modo assombroso: em 1890, houve 33.461 separações; em 1916, ascenderam a 112.037; em 1923, attingiram ao numero phantastico de 165.139.

Glasson, apoiado nas estatisticas, affirma que tende sempre ao augmento o divorcio onde quer que seja promulgado.

Jannet declara que «a instituição do matrimonio e a fidelidade conjugal para muitos já não têm significação pratica, porque o divorcio é tão de uso como em nenhuma parte da Europa».

Os motivos estabelecidos por lei, para a legitimação do divorcio, são multiplos: incompatibilidade de genios e negligencia dos deveres de estado figuram entre os mais communs. Em Washington chegam a esta elasticidade: «Será concedido o divorcio por qualquer outro motivo esclarecidamente admissivel pelo tribunal todas as vezes que este esteja persuadido de que as partes já não podem viver juntas».

Não admira que a desorganização da familia haja chegado ao auge, ao ponto que, em 1906, se reuniram na capital federal, os representantes de 44 Estados e territorios, para estudarem que meios deveriam adoptar, no concernente a esta lei. Terminaram pedindo que todas as unidades da republica

restringissem, o mais possível, as causas legaes do divorcio.

Com sobeja razão o grande cardeal Gibbon, considerando as ruínas accumuladas por esta medida, classifica-a de polygamia successiva e cancro, que corróe as entranhas da nacionalidade americana.

A incompatibilidade de genios, que alguns invocam para a separação legal, constitue porta aberta á destruição da familia.

Já Voltaire, ridicularizando a inconstancia do coração humano, dizia que um casamento fundado sobre a harmonia dos temperamentos podia durar pouco mais de um mês.

A permissão de contrahir novas nupcias, vivendo ambos os conjuges, é retorno franco á decadencia da sociedade romana do paganismo. Então Juvenal falava de mulheres que trocavam de marido oito vezes em cinco annos e S. Jeronymo contava de outra, que tivera vinte e tres esposos e se casára com um homem que já havia tomado vinte e uma mulheres.

E. Reclus escreveu que combatia o divorcio, exactamente, porque desejava precipitar a destruição do casamento e assim apressar a victoria do amor livre.

Roosevelt considera que a facil quebra dos vinculo; conjugaes constitue «verdadeira maldição para a sociedade, ameaça para os lares, causa de máus casamentos, excitação á immoralidade, grande mal para os homens e mal muito maior para as mulheres».

Um dos fins primordiaes do matrimonio é a educação dos filhos. Ora, esta finalidade sublime fica sem effeito ou pelo menos sua execução se torna difficilima, na maioria dos casos, em consequencia da ruptura entre os paes.

Durante os ultimos vinte annos, os Estados Unidos contaram 1.318.000 creanças deixadas á or-

phandade, em consequencia desta lei maldita. Os estabelecimentos de correcção e os institutos publicos estão cheios de filhos abandonados pelos paes divorciados. Estes desgraçados, que logo cedo aprendem a detestar os autores de seus dias, ficam entregues á vagabundagem e á criminalidade precoce. Privados dos carinhos do lar domestico, arrancados do aconchego da familia, atirados, em tenra idade, ás inclemencias da sorte e á malicia do mundo, amadurecem prestes para o vicio e para a perdição.

No anno de 1901, em Chicago, houve 4.478 menores delinquentes; em 1917, eram 20.000!..

Semelhantes Algarismos falam com tão alta eloquencia que dispensam qualquer commentario ou esclarecimento a respeito.

Não menos triste e lastimavel se apresenta a condição das divorciadas. Se culpada, levará em sua frente um estigma de infamia e de deshonra, que nada mais poderá pagar; se innocente, restar-lhe-á um coração sangrando, que nada mais poderá consolar. De qualquer fórma ficará exposta a novas decepções e amarguras, na estrada da vida.

O homem mais facilmente conseguirá contrahir novas nupcias e fazer outras victimas. Esta é que é a verdade, embora certos pretensos defensores do sexo fragil apresentem o divorcio como defesa dos interesses da mulher.

Os preconceitos sociaes desculpam e esquecem, em breve lapso de tempo, as baixezas do sexo forte. Para a mulher a situação torna-se mais precaria. Ao deixar o lar de seu primeiro esposo já não é a mesma que lá entrou; perdeu o seu maior titulo de gloria e o que lhe constituia o encanto e a belleza moral. Não é mais aquella meiga donzella dos dias serenos dos esponsaes.

Na maioria dos casos cahirá na miseria, juntamente com os filhos, e passará dias mais sombrios que os da viuvez.

## A CRISE DA FAMILIA BRASILEIRA

Sob o especioso pretexto de defender os sagrados interesses da familia brasileira, intentam alguns parlamentares e diversos homens publicos a introdução do divorcio entre nossos costumes.

Dizemos «especioso pretexto» porque diante do descalabro social que esta lei occasionou nos Estados Unidos não poderemos considerar que se converta, em nosso país, num meio de regeneração ou dique ás paixões desencadeadas.

Triste e incontestavel verdade, a crise da familia é um facto, que se impõe aos olhos de todos que consideram a vida nacional.

O numero de desquites e separações legaes, muitas vezes precedidos de escandalos ruidosos, além dos, impropriamente, chamados *crimes de amor*, adulterios, raptos, seducções e todo o cortejo de miserias deste quilate, indicam que estão abaladas as tradições de antanho.

Nos primordios da colonização, quando os primeiros povoadores ainda não haviam transportado para aqui suas familias ou não tinham contraído matrimonio nas terras de Vera Cruz, é certo, os desmandos, em assumpto de moralidade, ascenderam a um grau maximo. Bem cedo, porém, se organizaram os nucleos de europeus e as feitorias dos portuguezes e logo, sob a influencia da religião catholica e a garantia da autoridade constituida, se estabeleceu uma sociedade de costumes austeros.

As uniões não legitimadas diante da Egreja ou as pessoas que levassem vida desregrada estavam sob a reprovação geral, que se traduzia pelo afastamento das familias honestas e de tratamento. As questões de honra representavam papel importantissimo nas relações sociaes e quase sempre eram decididas pelas armas. As offensas á santidade e inviolabilidade do lar se lavavam com sangue.

Ainda hoje, no interior, sobretudo nas terras do Nordeste, onde melhor se conservaram as usan-

ças coloniaes, predominam os principios do antigo purdonor cavalheiresco.

Nos grandes centros urbanos, porém, mercê do cosmopolitismo dissolvente e dos adventicios de toda especie, já não observamos mais, infelizmente, aquella firmeza moral dos tempos idos.

A decadencia de nossa instituição basica tende a accentuar-se, a menos que o estudo aprofundado das razões do mal leve os poderes competentes á adopção de meios que extingam ou diminuam esta calamidade nacional.

Longe, bem longe, vão os tempos em que, nas escolas publicas, de par com as disciplinas communs e o respeito á autoridade constituida, se ensinava o conhecimento do temor de Deus e a existencia de uma vida futura e eterna.

Não mais se ministra a educação religiosa, que fundamenta em principios sobrenaturaes e indefectiveis os deveres para com a patria e a humanidade. Proclama-se uma instrucção moral e civica, especie de panacéa, que tem o valor que se lhe queira dar.

Effectivamente. As noções de consciencia e dever prescriptas pelos programmas officiaes, não bastam para a formação de um espirito livre, que se reservará o direito de aceitar ou recusar, o que lhe agrade ou desconvenha. Daqui a bancarrota do laicismo, a fallencia da moral sem Deus, hoje reconhecida e declarada universalmente.

Sim. Sómente um juizo e um tribunal, fóra do proprio individuo e acima d'elle, poderão refrear as paixões desencadeadas, impôr limites aos interesses inconfessaveis e sopitar os impulsos da carne.

Os theatros e cinemas, principalmente, constituem outros agentes corrosivos da saúde espiritual do povo brasileiro.

Não chegamos ao extremo de condemnar, em absoluto, este genero de diversões, que se póde converter em outras escolas de moral, de civismo e

sciencia. Serão, quando bem empregadas, meio prestante para disseminar os conhecimentos mais praticos, pelo modo mais intuitivo.

Falamos, porém, do cinema tal qual, ordinariamente, o temos: fitas de seducções, filmes de escandalos, dramas passionaes, trazendo para a tela o que de mais recatado existe e desvendando coisas que o pudor e a decencia mandam occultar.

As pelliculas, sobretudo as americanas, apresentam mocinhas escassamente vestidas ou, melhor, inteiramente desvestidas, de attitudes provocantes e seductoras, de olhares apaixonados e de maneiras desenvoltas. E' a *miss*, linda, caprichosa, leviana, amiga de rapazes, que vae sózinha ao cinema, ao theatro, chá-dansante, café-concerto, casas de pasto; fuma, toma aperitivos, bebe cock-tail e faz excentricidades de toda sorte.

A jovem brasileira, de costumes *atrazados*, de educação recatada, de habitos regulados e modestos, simples, que não frequenta diversões desacompanhada da mamãe ou do irmão, julgará, na sua mentalidade, de *inculta*, que a educação ideal para seu sexo e condição é a liberdade, á americana. Deste modo a frequencia destas casas de diversões torna-se o maior demolidor dos costumes modestos e encantadores das antigas familias dos engenhos e fazendas do interior do país.

A imprensa fornece outra série de causas desta lenta, mas profunda, corrosão da moralidade publica e deseducação de nosso povo.

Um escandalo, um crime qualquer, que se dê, vem logo para as folhas idarias em letras berrantes, titulos suggestivos. Os pormenores mais intimos, com os antecedentes e consequentes do facto delictuoso, os comparsas todos, nada escapa á reportagem ávida de novidades. Photographias, cartas compromettedoras, alcovitice dos creados, murmuracões dos vizinhos — tudo enfim que devia ficar á guarda da policia e da justiça — tudo é vasado em letra de fôrma. E, para completar a obra de descredito, os gazeteiros annunciam, de envolta

com o titulo do diario ou da gazeta, o ultimo escandalo que acaba de arrebeitar. A deshonna de um lar, que se desmorona, é uma pedra arrancada aos alicerces sobre que repousa a estabilidade social de nosso povo.

E o publico, que tem seu fraco por esta especie de chronicas, devora as folhas que as descrevem.

Os romances e as novellas de amor, narrando aventuras escabrosas e scenas passionaes, exercem influencia terrivelmente nefasta sobre o animo da mocidade, que se deixa empolgar e suggestionar pelas phantasias de certos escriptores.

A moda, com seus desregramentos, e as danças, com attitudes lascivas, insuflam as tendencias baixas da natureza e exaltam os sentimentos eroticos.

Eis ahi compendiadas, em rapida synthese, as causas principaes da decadencia de nossa moralidade publica e da propalada crise da familia brasileira.

Negar estes factos e contestar a veracidade das razões aqui allegadas é o mesmo que desconhecer o abalo que soffre a nossa vida de povo christão.

Resta apenas, com um criterio acima dos preconceitos sectarios, procurar os recursos para atenuar a crise e estancar-lhe as fontes ou pelo menos diminuir-lhe os effeitos nefastos.

## DE QUE MODO CONJURAR O MAL

O meio primordial de que devemos lançar mão, para evitar o esphacelamento dos lares, é reconduzilos a Deus e collocar a religião como centro de vida e fundamento da familia.

Poderá parecer obsoleto o remedio apontado; terá o cheiro de sacristia. Mas é infallivel.

A consciencia alimentada pela verdade catholica manterá paes, esposos, filhos e creados — cada um no logar que lhe compete.

Grandes são as responsabilidades do estado conjugal, graves as suas obrigações e sérios os seus compromissos, mas a Igreja tem fontes de energia natural e extraterrena, para enfrentar todas as situações por mais delicadas que sejam e levar de vencida todos os obstáculos.

A fidelidade mutua constitue o primeiro elemento do matrimonio, sem o qual a vida commum se tornará um supplicio. Deve fundar-se não nos dotes phisicos, nas qualidades exteriores e menos ainda nos proventos materiaes; a concepção christã do casamento colloca a fidelidade nos dotes da alma, nas prendas do espirito, as quaes não mudam; e acima de tudo considera Deus, que vigia o lar, que se estabeleceu, para premiar ou punir, consoante a obediencia ou violação de sua santa lei.

A's estatisticas do raciocinio e ás volubilidades dos sentimentos oppõe-se uma lei eterna, para repressar o egoismo humano.

A graça sacramental eleva o amor natural e torna-o prudente, generoso, paciente e cheio de animo nas horas tormentosas da vida.

A lembrança de Deus suaviza as provações e adoça as amarguras do viver. No estonteamento dos salões festivos e nas illusões fagueiras da mocidade, um joven par poderá prescindir do conforto que a fé apresenta; mas quando graves desgostos vêm ensombrar o tecto commum e sérios abalos perturbam a tranquillidade caseira, se os sentimentos não recebem alento sobrenatural, um céu de negruras obscurece a frente daquelles que nada esperam além desta vida.

O sustento da prole e a educação dos filhos encontram nas idéas religiosas orientação especial, que faz olhar como sagradas estas obrigações e aponta o justo meio entre a severidade da disciplina domestica e as caricias da paternidade.

Aos filhos a Igreja ensina e ordena que devem amar, obedecer e respeitar aos queridos autores de seus dias.

Assim, num bello equilibrio de deveres e direitos, se mantém a familia, fortalecida pelas energias celestes e illuminada pelos esplendores da crença. Deste modo se accumulam reservas espirituaes, que preparam almas fortes e caracteres viris.

Encontra-se, infelizmente, um ou outro lar christão onde ha conjuge ou filho delinquente e prevaricador, mas estas excepções procedem sempre da obliteração dos preceitos essenciaes da religião. Ao lado destes tristes casos, fóra do common, são innumeraveis as desgraças e infidelidades no seio das familias que abandonaram, por completo, a pratica dos preceitos moraes do Evangelho.

A preparação para o estado conjugal exige sério cuidado e especial formação.

O ingresso em qualquer estado ou profissão requeir conhecimentos certos e habilitações technicas, que garantam o exito do candidato. Para abraçar uma carreira liberal torna-se indispensavel um tempo de estudos e exames, que demonstrem a capacidade e a competencia, adquiridas em dado periodo de tempo.

Sendo o casamento estado de altas responsabilidades individuaes e de maior importancia social, segue-se que ninguem o deve abraçar sem estar aparelhado para os grandes encargos, que vae assumir.

Neste particular, estamos em lastimavel atraso e muito ha que reformar, sobretudo no tocante ao sexo feminino. Os nossos collegios, em sua quase totalidade, limitam-se ao ensino das línguas estrangeiras, de trabalhos de agulha, da pintura e de um pouco de dança e gymnastica, mas negligenciam por completo o preparo das futuras donas de casa, que terminam o curso com brilhantismo e cheias de premios, mas não passam de bonecas de salão, desconhecendo, inteiramente, os deveres de mãe de familia e as regras do arranjo domestico.

A educação sexual e a eugénização não resolvem o problema, pois não se trata simplesmente de apurar as qualidades da raça, como se pratica nos postos zootéchnicos com os bovinos e muares...

O Estado deve e póde fazer muito em pról desta instituição, da qual elle tira sua origem — a família.

A legislação italiana, elaborada sob o regime fascista, encerra dispositivos esclarecidos, que muito concorrem para amparar os lares e fazer respeitar os direitos sagrados, que lhes são inherentes.

\*

\* \*

Ao encerrar estas considerações sobre o matrimonio christão em face do divorcio legal, externamos nossos votos de que os brasileiros esclarecidos e bem intencionados dediquem um pouco de attenção a estes assumptos tão graves e de consequências tão vastas para a vida nacional.

Ainda uma observação entendemos necessaria.

No Brasil ha dois regimes de casamento, inteiramente diversos: o civil, unico reconhecido pelo governo; o religioso, unico admittido perante a consciencia catholica.

Desta situação tentam tirar partido individuos sem escrupulos, praticando a bigamia: casam-se na Igreja com uma mulher e com outra effectuam o contracto civil, ou procedem vice-versa.

Não pretendemos debater este assumpto nem nol-o permittem os estreitos limites deste ensaio; apenas lembramos o quanto seria proveitoso á familia nacional o entendimento amigavel entre os poderes civil e ecclesiastico, nos moldes do que, recentemente, realizou, na Parahyba do Norte, o venerando Arcebispo D. Adaucto Aurelio de Miranda Henriques.

Igualmente seria de grande utilidade o combate intenso á audaciosa corrente divorcista, que propaga e dissemina suas perniciosas idéas no seio da sociedade brasileira. Este combate deverá ser feito por congressos populares, conferencias e por muitos artigos de jornal e impressos, que inculquem os sãos principios da moral christã e a santidade do estado matrimonial.

Esta propaganda se impõe com o recurso salvador da familia brasileira.

## AS ILLUSÕES DA SOBERANIA POPULAR

O christianismo, inaugurando uma nova ordem na politica, estabeleceu como dogma fundamental: «todo poder procede de Deus e quem resiste ao poder constituido, resiste, por isto mesmo, á autoridade de Deus».

O philosophismo impio do XVIII seculo procurou dar nova origem ao principio de autoridade e declarou, peremptoriamente, que a soberania reside na multidão, na maioria, que escolhe seus delegados ou representantes.

Daqui nova ordem na difficil e complicada arte de governar os povos e no machinismo tão complexo do parlamentarismo: camara dos deputados, senado e assembléa constituinte.

A governança hominal tornou-se muito mais vasta e o carro do Estado viu crescer, sem medida, o numero dos que se dizem legitimos representantes dos verdadeiros interesses nacionaes.

A theoria imaginosa do «Contracto Social», excogitada por Rousseau, não passa de uma hypothese inteiramente gratuita, sem existencia de facto no mundo real, sem vestigios na historia ou pre-historia dos povos.

A' parte o texto sagrado, que faz remontar ao Omnipotente a fonte de todo poder, texto confirmado pelas narrativas do Antigo Testamento, em que o Senhor dos Exercitos mandava sagrar os reis de Israel, á parte, repito, as considerações de character religioso, manifestam-se, evidentemente, as contradicções da mentida soberania do povo.

Um principio elementar de logica affirma que «ninguem dá o que não tem».

Isto é tão absolutamente verdadeiro que não necessita de demonstração.

Ora, o suffragio universal pecca directamente, contra esta evidencia do bom senso. O commum dos homens, a grande massa dos operarios das fabricas, dos trabalhadores ruraes — o Zé Povo — que comparece ás urnas e constitue, em todos os países que se regem pelo systema democratico, o grande numero dos eleitores, não tem nem pôde ter o senso justo das grandes questões publicas nem descortina o que melhor convenha á nação.

Se, individualmente, o votante não goza do descortinio necessario a bem deliberar sobre os interesses geraes, como o conjunto destes ineptos poderá, convenientemente, dispôr a seu talante da sorte do povo?

Dirão que, justamente, em razão da incapacidade do povo para governar a si proprio é que se estabeleceu a fôrma representativa, a cujas mãos os collegios eleitoraes confiam a solução dos mais graves problemas.

Tal resposta deixa a questão no mesmo pé em que estava. A maioria, não conhecendo o que mais convém ou desconvém ao bem publico, não terá discernimento bastante para escolher entre os diversos partidos politicos e os programmas dos candidatos.

O suffragio universal perverte, de algum modo, as noções de justiça e de conveniencia. Sim: porque se a approvação ou rejeição de um projecto depende do maior numero de vózes pró ou contra: logicamente se deve inferir que a justiça e as conveniencias publicas dependem do favor popular.

A força deste argumento é tão ponderosa, que as sociedades anonymas e todas aquellas que gyram em torno de grandes interesses financeiros collocam a administração em mãos de um pequeno conselho de membros de reconhecida capacidade de trabalho e de manifesto preparo technico.

Entre os proprios accionistas, nas assembléas deliberativas, ha differença do voto do portador de

uma unica acção para o do portador de cem ou mais.

Nunca se perguntou ao conscripto para o serviço militar quem deveria ser o general ou o commandante, nem tão pouco escolhem os marujos o capitão do navio.

As companhias industriaes, os regimentos militares e as tripulações dos vapores, imagens da grande collectividade humana, não se aventuram ao risco e á perigosa experiencia da entrega da chefia suprema aos caprichos do maior numero.

Não parece equitativo que só as communidades nacionaes se aventurem a taes praticas no tocante ao governo da coisa publica.

Ha ainda motivos para outras ponderações.

Não parece equitativo que o sabio e o investigador do bem nacional tenham iguaes direitos aos do homem da plebe, ignorante e simples. Manifestamente é injusto conceder a mesma participação nos negocios publicos ao modesto operario, de responsabilidades muito limitadas, e ao grande proprietario, sujeito ao maximo da tributação.

O dogma da soberania popular encerra o germe de perigosas revoluções, pois colloca a direcção suprema da sociedade nas mãos daquelles que são os maiores interessados na destruição do presente estado de coisas, a que denominam de regime capitalista.

Objectarão que é necessario reunir o maior numero de opiniões sempre que determinado numero de pessoas deve tomar alguma resolução: que é preciso a banca examinadora sommar a maioria de votos dos professores presentes para julgar da capacidade de um alumno. As deliberações do conselho de sentença dependem tambem do maior numero pró ou contra o accusado.

O argumento parece irrespondivel, mas é fallaz, porque suppõe uma paridade que não existe e applica á universalidade das massas o que se verifica apenas em um pequeno aggregado de homens.

Nos exemplos citados, o ajuntamento de in-

divíduos, os lentes que examinam e os jurados: trata-se, evidentemente, de creaturas das quaes cada uma seria capaz de deliberar por si mesma sobre o caso em questão. Não assim, porém, na generalidade dos eleitores, em que predominam a ignorancia mais ou menos completa dos interesses em jogo e as paixões habilmente exploradas pelos cabos eleitoraes e pela imprensa partidaria.

A historia, grande mestra da vida, guarda os factos, onde podemos beber os ensinamentos indispensaveis á orientação politica das nacionalidades.

O constitucionalismo, implantado em nome da soberania popular, em nome da liberdade e do direito, em nada tem concorrido para a felicidade dos governados.

Nas monarchias, o soberano não passa de um méro regulador entre o rotativismo dos partidos politicos; nas republicas, não parece melhor a situação. Sob o presidencialismo, observa-se a absorpção das franquias populares pelo chefe do Estado, que vae, pouco a pouco, alargando sua esphera de influencia e de dominio. No parlamentarismo, o poder vive á mercê das paixões dos grupos mais numerosos, que entram, a seu bel prazer, a acção do executivo.

A terceira republica francêsa e as instituições vigentes em nosso país documentam, de sobejo, o que acima ficou dito.

A Revolução destruiu os *reis de direito divino*, proclamou o homem senhor absoluto na ordem politica; daqui a desordem e a corrupção administrativas, oriundas do esquecimento dos direitos do Omnipotente e dos direitos dos homens.

Paul Ribot escreveu estas graves sentenças: «Fazei abstracção de Deus, não haverá mais direito, não haverá senão a força; ella se apodera do nome de vontade popular, de opinião publica; mas sob todas essas fórmulas ella permanece no que realmente é, poder injusto, o contrario do direito. O suffragio universal não é outra coisa no fundo, senão a invasão do materialismo na politica».

## O TRABALHO

Dentre os phenomenos mais communs e mais constantes da natureza creada, o trabalho se manifesta ininterrupto.

Mais restrictamente definiram-no como o emprego de energias para a consecussão de um fim determinado.

O trabalho humano soffre apreciações diversas, por parte daquelles que o estudam e lhe medem a capacidade productiva.

Os literatos se apegam a divagações estereis, sem que encontrem algum resultado pratico. Descrevem os panoramas deslumbrantes do mundo physico, os altos e baixos do orbe terraqueo, os pincares altaneiros, que dominam os fundos valles, as montanhas áridas, donde escorrem as aguas, que fertilizam as planicies. Citam os dias de sol a pino e as noites de brumas molhadas sem restea de luz; comparam os extremos da claridade com os abysmos das trevas e depois, naturalmente, deduzem que ha necessidade destas gradações, para não desaparecer a harmonia universal.

Sob este aspecto apresentam ao operario a sua condição como decorrendo, fatalmente, da ordem indispensavel ao equilibrio social.

Os trabalhadores representam, na humanidade, o papel dos valles e das sombras, na ordem physica. Contra este estado de coisas não ha lutar nem resistir.

A philosophia não explica melhormente a situação do homem em face do trabalho.

O philosopho impio diz que Deus está muito afastado dos seres que vivem neste mundo, e, portanto, não póde escutar as lamurias dos infelizes. A religião, diz elle, não se occupa destas miserias nem consegue corrigir as injustiças dos homens: aos pequenos e aos ignorantes contentará a esperança de outra vida, mas o espirito forte só em suas convicções sobre os imperativos do dever e sobre as idéas moraes encontra conforto e coragem.

Assim falam os mentores do pensamento e os amigos da sabedoria do seculo.

A escola economista propõe outro systema, que, absolutamente, não satisfaz aos espiritos sedentos da posse da verdade e que aspiram uma mais equitativa circulação das riquezas. Acena com promessas de futuros melhoramentos e cita as conquistas dos dias presentes e os progressos já alcançados neste particular. Demonstra a possibilidade de novos augmentos de salarios, diminuição das horas de trabalho, barateamento dos objectos usuaes e dos generos de primeira necessidade.

As associações mutuas, os institutos de previdencia, a protecção toda especial ao sexo fraco e aos menores e mais os seguros contra accidentes, falta de serviço e quaesquer occurrencias da vida completarão o alevantamento das classes laboriosas. Os habitos de parcimonia e a educação domestica auxiliarão a grande obra de reforma social.

O socialismo e o communismo, encarando sómente a necessidade para a communhão humana da serventia prestada pelo operariado e ao mesmo tempo considerando a predominancia numerica desta classe, proclama-a soberana absoluta sobre a terra. Aquelle que constróe as locomotivas formidaveis, que vencem as distancias; o mineiro, que escava as galerias subterraneas, em busca do ferro e do carvão; o modesto cultivador dos campos, que abastece os centros urbanos — todos, enfim, que mourejam nas fabricas e nas officinas, são os dominadores legitimos da humanidade, porque sem seu concurso as nações não poderiam subsistir.

Esquecem-se, em seu estulto orgulho, de que sem uma classe dirigente, que coordene as energias individuaes, seria impossivel a marcha ordinaria da vida contemporanea.

A formidavel concentraçãõ economica dos tempos modernos transformou as condições ordinarias de existenciã para as classes trabalhadoras, facilitando a propaganda de idéas incendiarias e principios subversivos.

As escolas socialistas se encarregaram de difundir os systemas que visam substituir a propriedade particular, sobretudo a hereditaria, pela propriedade collectiva, sob a gestãõ do Estado.

A socializaçãõ das industrias nacionaes e de todas as fontes de riqueza e producçãõ, possuidas pelo capitalismo, deveriam fazer o enriquecimento do proletariado, estabelecendo sobre a terra uma *idade de ouro*.

Os principios de liberdade, igualdade e fraternidade, promulgados pela Revoluçãõ francêsa, e o suffragio universal, consagrado pelas constituições, abriram o caminho ás tendencias para a revoluçãõ social.

Do exposto verificãmos que os literatos, os philosophos e os economistas não resolvem, praticamente, a questãõ do trabalho; os socialistas e os communistas apresentam uma soluçãõ demasiado violenta para ser adaptada ás actuaes condições do mundo civilizado.

Em meio destas correntes diversas, que discutem e procuram resolver assumpto de tão capital importancia, cumpre investigar a natureza das coisas, para encontrar uma resposta satisfactoria e equitativa para este tão momentoso problema.

A contemplaçãõ acurada das manifestações vitales demonstra que o trabalho é condiçãõ inseparavel da materia organizada. Onde quer que se encontrem os phenomenos essenciaes aos seres vivos, mesmo em grãõ infimo da escala zoologica, ahi se acha a actividade, sob movimentos diminutos e imperfeitissimos.

A cellula, unidade da vida, realiza as diversas operações indispensaveis á conservação da propria existencia.

Os mineraes e a materia bruta não se furtam á lei geral da actividade; astros e oceanos, inconscientemente embora, executam determinadas trajetorias, indispensaveis ao equilibrio da gravitação universal.

Neste conjunto harmonioso e complexo o homem não pôde ser o unico ocioso. O cerebro é um inextricavel meandro de filetes nervosos, por entre os quaes circula o pensamento; vive para meditar, escrutar e investigar. O admiravel mecanismo dos olhos, as complicadas percepções apanhadas pelos outros orgams demonstram que o corpo humano é um grande aparelho, disposto ao funcionamento.

Não é crível, pois, que este conjunto tão perfeito de instrumentos tenha por destino a ferrugem da inercia.

Ainda mais. Perfunctoria observação demonstra que a natureza fornece, dadivosamente, tudo quanto é necessario á vida dos seres irracionaes. A sós, pelos campos, encontram os animaes quanto lhes baste á sustentação, sem o concurso forçado de muitos individuos da mesma especie; o mundo physico dispõe ao alcance facil os elementos indispensaveis á subsistencia.

Quanto ao homem, porém, a natureza assume attitude adversa, de modo que se torna necessaria a violencia para o ser humano preparar ou adquirir tudo de que precisa. Deste modo a obrigação de trabalhar se impõe á conservação da propria existencia.

A desorganização do trabalho humano creou, através dos tempos, os escravos e os libertos, os servos e os senhores, os opprimidos e os oppressores, os indigentes e os millionarios.

Visto que o emprêgo das forças humanas se manifesta imprescindivel á marcha da sociedade,

importa, necessariamente, dar-lhe amparo e assistência, para evitar que se converta em tyrannia e exploração.

Proteger o trabalho quer dizer collocar o operario e sua familia em condições moraes e materiaes que lhes assegurem as garantias essenciaes a uma existencia honrada e digna.

O primeiro ponto a estabelecer e firmar é a questão do salario justo e equitativo. Para se resolver com acerto este importante problema, devemos tomar como ponto de partida o principio de que o labor humano, na qualidade de meio de subsistencia, além do valor mercantil, estimavel em cavallo-vapor ou kilowat-hora, tem outro valor, de ordem moral, adstricto ás responsabilidades sociaes e aos encargos domesticos do individuo. Por outras palavras: o salario quotidiano deve assegurar ao operario os recursos de prover ás necessidades proprias e aos encargos de sua familia.

Este simples enunciado comporta as mais delicadas e complexas soluções, relativas ás modalidades que o revestem.

Outro aspecto delicado apresenta-se no que toca á garantia de condições de hygiene e salubridade no interior das officinas e nos bairros operarios, onde vive agglomerada a população proletaria.

Caixas de soccorros, mutualidades e seguros diversos offerecem subsidios importantes para o advento de dias menos asperos para as classes laboriosas.

Associar o operario á prosperidade da empresa ou ao menos fazel-o participante dos lucros da mesma, constitue um elo fortissimo de solidariedade, vinculo de paz social e tranquillidade publica.

A comunidade de officios induz, logicamente, a comunidade de interesses, que leva a se associarem aquelles que necessitam de protecção material e assistencia moral.

Daqui a formação das grandes uniões e federações operarias. O syndicalismo revolucionario,

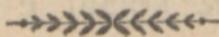
porém, transformou estas aggremações, pacificas de sua natureza e fins, em poderosa arma de luta e instrumentos de combate entre as ordens sociaes.

Este conceito falso e odioso das organizações profissionaes, cavando mais fundamente os abysmos que separam as camadas extremas da humanidade, estabelece uma attitude de hostilidade e um ambiente de desconfiança entre as categorias humanas.

Felizmente, o rumor surdo das reclamações desesperadas do proletariado encontrou éco no seio dos governos e entre aquelles que presidem aos destinos dos povos. As nações mais cultas, de maior concentração economica e de maior actividade industrial, envidam sérios esforços e promovem os meios attinentes á melhora de condições do operariado, por vias pacificas.

Os tratados internacionaes, celebrados nos ultimos tempos, marcam um grande passo para o advento de uma éra mais tranquilla para o mundo agitado.

Um facto, porém, não póde passar despercebido: os principios geraes sobre a legislação do trabalho, estabelecidos pelo tratado de Versalhes e incorporados ao direito das nações civilizadas, reproduzem, quase literalmente, os conceitos exarados na *Rerum Novarum*, a immortal encyclica do immortal Leão XIII.



## CAMPOS OPPOSTOS

O homem, separando a religião e o Estado, destruiu a união moral, que equilibrava as tendências do espirito e as ambições da materia.

De um lado, a sociedade: a religião, a família e a propriedade; de outro, o anarchismo, personificado na plebe desvairada, que só respira odios e ameaças. Os espiritos reflectidos pregam a ordem e a obediencia ao principio de autoridade; os corypheus da revolução universal annunciam uma era de paz e de justiça sobre as ruinas da estabilidade social.

Negar ou desconhecer os males e as injustiças de que o homem é triste victima não é possível: ha mistér inquirir-lhes as causas, portanto.

Duas explicações existem para as miserias da vida: o christianismo affirma que a maldade humana causa as desordens publicas e vicia as melhores legislações; a escola naturalista, com Rousseau, sustenta que o homem nasce essencialmente bom, mas as leis e as instituições sociaes o corrompem.

O espirito christão inspira o levantamento individual, o aperfeiçoamento do proprio eu, para melhorar a collectividade. Declara a obrigação de cada um combater as proprias paixões revôltas, reprimir as ambições desregradas, cumprir o dever e, deste modo, reformar o todo, por meio do renovamento de cada uma das partes.

A educação religiosa, partindo deste principio, inculca no animo juvenil que a febre do gozo e o delirio dos prazeres constituem um mal, que é preciso vencer; impõe trocar a trilha florida do sensualismo pela verêda aspera do sacrificio.

O homem formado por estas concepções não responsabilizará seus semelhantes pelas difficuldades e soffrimentos que encontrar na vida; julgará a si com severidade e usará de indulgencia para com o próximo.

A crença numa vida futura, que corrije as desigualdades presentes, sustenta e fortalece o animo no meio das provações mais arduas e prolongadas.

O espirito do seculo materialista, ao contrario, affirma que não se deve violentar a vontade nem reprimir os sentidos, porque no homem tudo é bom.

Corollario desta philosophia, surge uma ética egoistica, proclamando direitos sem deveres.

A intelligencia, alimentada de semelhantes idéas e orientada por tal cultura, necessariamente formará uma geração dissoluta e anarchista. A juventude procurará entregar-se a toda sorte de prazeres e sorver a taça da felicidade; a idade madura, desenganada do mundo e insatisfeita com as vaidades da vida, empunhará dynamites contra tudo que julgar causador dos seus dissabores. Vendo na actual organização da sociedade a razão ultima dos seus males, na autoridade um inimigo e na propriedade um roubo, attentará, em louco desespero, contra os fundamentos das instituições vigentes.

Não constitue, infelizmente, tarefa irrealizavel convencer as multidões simples e rusticas de que a salvação do homem se encontra na ruina da ordem politica e na inversão dos valores sociais.

Não houvessem dito ao camponês da Moscovia e ao operario de Petrogrado que o czarismo era a causa unica da miseria do povo e, hoje, não contemplariamos a caudal de sangue que inunda a Russia e os clarões de incendio que sinistramente illuminam a Europa.

Deixemo-nos de illusões. Não julguemos que o bom, ordeiro e pacifico povo brasileiro seja

incapaz das coleras da revolta e das explosões revolucionarias.

Ninguém pense que o mal se encontra apenas nos países em que o socialismo e o communismo se acham organizados em fortes partidos politicos e que promovem demonstrações formidaveis.

Em nosso Brasil vão preparando uma atmosphera propicia ao desenvolvimento dos germes anarchicos.

Espiritos cultos e importantes organs da imprensa assestaram baterias formidaveis contra os homens do governo e as instituições da Republica. Reclamam contra os abusos da autoridade e os defeitos da legislação, mas se esquecem de inculcar os deveres do povo e o respeito ao fundamento da ordem e da paz — o principio de autoridade.

Explorando as paixões populares e enfraquecendo a submissão ao poder publico, os descontentes preparam as futuras investidas contra os governos.

Certo que muitos destes pioneiros da democracia não querem a revolução, alguns pelo menos assim o declaram, desejam uma evolução liberal, como na Inglaterra.

Enganam-se. O povo, uma vez imbuido de idéas revolucionarias, não se deixará levar por argumentos, nem cederá á persuasão.

Um individuo póde parar a meio caminho do precipicio da anarchia, mas uma multidão desvairada não reflecte e se lança, furiosamente, contra aquelles que os tribunos apontam como responsaveis dos males communs.

Não quero negar os vicios do nosso systema e occultar os erros dos politicos. Ha muita coisa a reformar, é certo.

Antes, porém, de proclamar o suffragio universal como uma conquista da democracia, importa convencer o eleitor de que o voto é, acima de tudo, uma questão de consciencia.

## ARGENTARIA

Um rei de Babylonia teve uma visão, segundo a Escripura, na qual contemplava immensa estatua, com a cabeça de ouro, o peito de prata, o corpo de ferro e os pés de barro.

A' parte as explicações dos exegetas, sobre a successão dos imperios, cremos, licitamente, applicar-se á sociedade moderna o mysterioso sonho do monarcha antigo.

A civilização dos nossos tempos e o equilibrio social pendem do capitalismo, do ouro, que se arvorou em centro do universo e que G. Papini chamou «esterco do demónio».

As bases do estado politico apresentam-se fragilimas, pois a philosophia encyclopedista do «Contracto Social» admite que o viver em communitades é livre escolha e acceitação do ser racional e não uma necessidade suprema e imprescindivel. Deste modo, todos os poderes constituídos não passam de méra invenção do homem, que os póde mudar ou destituir a seu bel prazer. Estas doutrinas collocam a sociedade em um estado de equilibrio instavel.

A escola sem Deus afastou a creança da vida futura e o temor da sancção eterna, deixando ao homem apenas as realidades da existencia terrena. Daqui a sêde do ouro, a ambição das riquezas temporaes.

Em todos os tempos a «*auri sacra fames*» actuou na vida das sociedades, mas em nenhuma época o appetite de possuir e enthesourar se manifestou mais voraz e insaciavel.

Já não se trata do desejo legitimo de melhorar a propria situação e de providenciar um pouco para o dia de amanha. Não. Mostra-se, hoje em dia, um frenesi de conquistar o metal sonante e de o fazer multiplicar.

Um poeta pagão, cynico e epicurista, recomendava aos seus compatriotas que, primeiro, cuidassem de ajuntar dinheiro, depois, se sobrasse tempo, dedicassem-no á virtude. Ao menos aquelle materialista considerava a virtude como uma coisa, embora secundaria, porém digna da actividade e diligencia humanas.

Em nossos tempos, ao invés, o espirito do seculo parece não querer mais, sequer, prestar attenção aos principios da moralidade e ás regras da justiça.

O typo caracteristico deste seculo é o banqueiro, o homem de negocios, que só cuida do temporal, só respeita os milhões, só visa os interesses financeiros. São os grandes agiotas os verdadeiros senhores da politica internacional. Os correctores de fundos publicos e os argentarios trazem nas mãos a sorte dos povos, a paz e a guerra, a ruina ou a prosperidade. As competições internacionais e as crises politicas pendem mais dos escriptorios bancarios do que das reuniões dos ministerios. A necessidade de collocar vantajosamente vultosas sommas ou o desejo de conquistar economicamente determinado povo, estimulam arreganhos e ateiam guerras cruentas. Enquanto a flôr da nacionalidade derrama, denodadamente, o sangue generoso, os magnatas do ouro calculam proventos materiaes e sommam os juros dos grandes emprestimos.

Vergonhosos açambarcamentos, ferindo os interesses vitaes do povo; explorações baixistas e altas ficticias; fallencias fraudulentas; empresas sem capital; incendios propositados; especulações inconfessaveis: tudo mostra a usura, que se infiltrou, para vergonha nossa, no capitalismo da época contemporanea.

A febre do ouro, «atacando o individuo, o degrada; penetrando na familia, a dissolve; invadindo a sociedade, compromette-lhe a existencia».

Effectivamente. Cabe ao utilitarismo monetario deste seculo a maxima responsabilidade nos crimes que deshonram e envilecem a civilização actual.

O timbre do ouro ensurdece os ouvidos da pobre humanidade, de sorte que as regiões mais povoadas são aquellas onde o dinheiro circula com mais abundancia e a vida apresenta-se mais facil e prazerosa; os pontos de maior concurso de frequentadores são os clubes de jogo e as casas de cambio; os homens mais acatados e temidos são os millionarios, os ricos, que pódem mobilizar sommas respeitaveis. A importancia das nações e o valor dos povos medem-se pelas cifras orçamentarias e pelas possibilidades economicas, ficando de lado as estatisticas da moralidade e os costumes publicos.

No individuo, a especulação e o calculo rebaixam a moral e diminuem os sentimentos de honestidade e endurecem o coração, que se torna rigido e frio, como o metal que o fascina.

O ouro tudo compra: vendem-se, em nossos dias, honra, justiça, a propria fidelidade á palavra dada. O patriotismo, muita vez, não passa de pretexto a serviços mercenarios e interesseiros.

Amizades, innocencia, sinceridade dos affectos e conveniencias sociaes — tudo deve ceder passo ao augmento de patrimonio, ao accrescimo dos depositos bancarios.

Na familia, maior estrago produz este espirito de mercantilismo.

A base da instituição magna da collectividade humana é o amor. Póde existir uma familia sem tecto, sem filhos, sem patrimonio: mas não póde haver familia sem amor, sem este élo precioso e forte, que une os corações. As desgraças e as enfermidades podem preservar da destruição a familia, se esta estiver firmada num amor perenne e sincero. Ao invés disto, porém, o dinheiro torna o

casamento uma especulação de nova ordem, onde cada desposado procura tirar vantagens sobre o outro consorte. O dote em especie e a posição na sociedade encarregam-se de eliminar as differenças de genio, a desigualdade de religião, a fraqueza de character e a inferioridade de educação.

Daqui a desordem no interior do lar; as rixas e as disputas, que preparam o desquite legal; as vergonheiras e a lama, que não se devem nomear. Depressa passam os sonhos de felicidade, os dias da lua de mel desaparecem celeres; surgem logo as desavenças, o esbanjar do patrimonio.

A divisão de uma herança, o cumprimento de algumas disposições testamentarias, eis o bastante para litigios em familia, para desavenças profundas e mortaes entre irmãos. Não raro, o odio fraticida separa, para sempre, seres que se criaram e viveram juntos e uma parcella de dinheiro extingue os sentimentos do sangue e abafa as vózes da razão.

Maior ainda o abysmo cavado na sociedade pelas ambições de dinheiro e prazeres. A ostentação de luxo, nas classes abastadas, céva o odio proletario e augmenta a separação entre as camadas sociaes.

Os ideaes tresloucados e os intuitos insanos dos revolucionarios e communistas encontram algum fundamento nos desperdicios e esbanjamentos nababescos dos filhos predilectos da fortuna.

Aos gestos desdenhosos das senhoras elegantes corresponde o olhar antipathico do humilde operario. Aos calculos egoisticos dos proprietarios e directores de fabricas, o jornaleiro oppõe o odio surdo e o desejo insopitavel da vingança. Quanta vez, ao regressar tardio, com o passo grave e cansado, ao proprio lar, onde o esperam mulher e filhos curtindo privações; o homem do povo não se vê atropellado pelo automovel luxuoso, que lhe suja de lama a veste remendada... Quem contará os impetos de despeito e pensamentos de maldição que perpassam nos cerebros de *chauffeurs* e outros

empregados, que, expostos ás inclemencias do tempo, esperam o termino de bailes orgiacos, onde damas elegantes, cavalheiros distinctos se entregam ás voluptuosidades das danças, ás intrigas de salão e aos regalos dos banquetes...

Retirem destas pobres creaturas os principios de ordem e os sentimentos de dever e eis a hora das reivindicações freneticas contra os ricos.

Laboram em grave erro e vivem em tal engano os que julgam só existir perigo social nos países industrializados e cheios de anarchistas.

Não. O nosso Brasil, infelizmente, não se acha isento de graves perturbações em futuro proximo.

As condições da riqueza publica e a organização do trabalho offerecem campo aberto á propaganda intensa de idéas demolidoras e principios subversivos.

Os figurinos de Paris e os filmes dos Estados Unidos exerceram profunda influencia sobre os costumes da familia brasileira, introduzindo o desperdicio e a ostentação. E as nossas patricias, esquecendo-se de que a elegancia não se faz, nascem, vão adoptando tudo que se diz moda, sem attenção ao clima, ás tendencias da raça e á educação atavica e á finalidade historica de nossa nacionalidade.

A maior agricultura, a fonte primarcial de exportação, o café, offerece exemplo typico do capitalismo explorador. A casa do fazendeiro apresenta todo conforto; o tanque de natação, o parque ajardinado, o aparelho de radio, a *frigidaire* e o mais que o dinheiro sabe proporcionar. A vida da familia não dispensa, desde o passadio ao vestuario, nada do que seja gozo e luxuosidade.

Ao lado disto, filas extensas de pequenas casas sem conforto, onde moram os colonos e camaradas do cultivo dos cafezaes.

Homens, mulheres e creanças, entregues á faina agricola, asseguram a colheita da safra, que,

vendida, garante os desperdícios dos proprietários e senhores das terras.

E depois lá vai o fazendeiro gastar, em poucas noites, numa estação de águas em Poços de Caldas, ou num casino de Santos, senão no estrangeiro, o que tantas pessoas ajuntaram com o próprio suor.

Nas capitães vê-se um grupo de negociantes melhorar os estabelecimentos, construir lindas villas para residência, ampliar as installações, enquanto os empregados e caixeiros ganham uma migalha, entre máus tratos e despezos.

Entreguem a estes homens, assim explorados, alguns pamphletos revolucionários e encham estas cabeças de idéas anarchicas e, em breve, vel-os-emos transformados em outros tantos fervorosos asseclas de Lenine.

A imaginação exaltada do povo pede, em diversos, uma reforma social irrealizavel e deixa-se arrastar por agitadores interesseiros.

O maximalismo proclama a confiscação de todo o capital, o que trará a ruina de todas as empresas industriaes, e a igualdade de classes, que é a utopia mais irrealizavel no seio da collectividade humana. Esta ideologia insensata reveste, porém, fórma tão seductora, que logra deslumbrar espiritos incultos, torvados pelas paixões e deprimidos pela miseria economica.

Entre nós quase tudo se acha por fazer e já os máus elementos começam a se organizar, explorando os sentimentos inferiores do povo.

Importa dotar o operariado de instrucção civica e religiosa, condições hygienicas de trabalho, diversões honestas e festas publicas, que o tornem participante das alegrias da vida.

No entanto, estas reformas sociaes impõem algum desprendimento e certo gráu de generosidade da parte daquelles que possuem maior somma de bens materiaes.

O desapêgo da fortuna temporal, o desprendimento das riquezas, existe não sómente no conse-

lho evangelico, posto em pratica no monachismo christão, mas tambem varios moralistas e fundadores de religiões o inscreveram entre os elementos basicos do aperfeiçoamento da individualidade humana.

Os philosophos cynicos precederam, de muitos seculos, aos mandamentos da perfeição christã.

Crates de Thebas, no IV seculo, antes de Christo reduziu a especie todo o seu patrimonio e distribuiu o importe aos indigentes, para ensinar o abandono da fortuna pessoal.

Antisthenes fazia consistir o soberano bem na virtude, e a virtude no desprezo das riquezas, grandezas e voluptuosidades. Abraçou, espontaneamente, a pobreza e, segundo consta, foi o primeiro que tomou o sacco e o bordão como symbolos da sua philosophia.

Diogenes mostrou-se sempre implacavel inimigo do luxo, das riquezas e de todos os preconceitos das cidades.

Vardhamânagina e Budha, contemporaneos, exhortavam, igualmente, seus discipulos á abnegação do proprio EU e á renuncia do mundo.

Platão, como medida de prudencia politica, queria que os guerreiros de sua Republica nada possuíssem.

A historia, veridico e fiel repositório de factos, regista, ao lado do locupletamento economico, os vicios degradantes, que precedem ao occaso das nacionalidades.

«As primeiras republicas, escreveu G. Papini, viveram e floresceram até o dia em que os cidadãos se contentaram, como na velha Esparta e na velha Roma, com uma estricta pobreza e decahiram assim que estimaram o ouro acima da vida «sobria e pudica».

Estes conceitos lapidares encontram cabal razão nos factos que vamos presenciando.

O que mais falta ao seculo andante é um pouco do espirito evangelico, que manda collocar no segundo plano da vida os interesses materiaes.

Occorreu, em nossos dias, um acontecimento unico, na historia.

Antiquissima dymnastia, de ha longos seculos, dominava, de direito e de facto, sobre varios Estados, cujos habitantes nunca protestaram contra os soberanos reinantes.

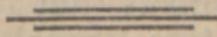
No terceiro quartel do seculo findo as convulsões politicas e as idéas do unitarismo riscaram do mappa este país, reduzindo a casa real á penuria.

Emfim chegou a hora das reivindicações, da resposta de um povo a uma offensa á consciencia politica dos povos.

A justiça humana, porém, é sempre muito incompleta em suas reparações. Ao velho monarcha desthronado, em troca das suas possessões, entregaram-lhe uma estreita facha de terra na sua antiga capital; por milhões de subditos, deram-lhe os seus serviços; como indemnização dos tributos de sessenta annos de usurpação, offereceram-lhe uma parcella do total.

Este rei, que tantos annos viveu, exclusivamente, ás expensas de seus subditos fiéis e dedicados, manifestou o maior desinteresse quando se tratou de ajustar as clausulas financeiras das restituições que lhe eram devidas pelos mais justos titulos.

Esta dymnastia tão desapegada dos bens da terra é a de S. Pedro; este rei tão generoso é o Papa — S. S. Pio XI.



## CLEROPHOBIA

Os seculos herdam o legado de odio ao sacerdocio catholico. Os tempos de fé olham no ministro do Altissimo o medianeiro entre a divindade offendida e a humanidade offensora. Por isto o apreço tributado á casta sacerdotal indica o gráu de sentimento religioso de cada povo.

Certo que, em todas as épocas, o padre soffreu injustiças e recebeu vilipendios, mas os dias presentes avantajam-se aos de antanho.

Ao espirito observador virá logo o desejo de inquirir a causa de semelhante phenomeno e formulará conjecturas.

Será, porventura, porque alguns transviados, perjurando á vocação, vivem insubmissos, passam uma existencia folgada ou libertina?

Não. Coisa extranha. O padre máu, repudiado pela Igreja, recebe as homenagens sociaes e as considerações humanas. Ao sacerdote interdito, suspenso, degradado, não faltam os applausos do mundo, os elogios da imprensa amarella, o apoio dos anticlericaes.

Não constitue novidade o facto tristissimo e deprimente de uma população inteira insurgir-se contra a autoridade episcopal, quando esta fére com as penas canonicas um vigario delinquente.

Em favor da batina liberal, pretensa victima do despotismo diocesano, erguem altos brados os inimigos do clero, exaltando o decahido, a quem chamam homem de character, intelligencia esclarecida, espirito independente, tolerante, formado de accordo com os tempos modernos.

As tendencias de anarchia e de revolta, que minam os fundamentos da sociedade contemporanea, applaudem estes levitas independentes, porque, sabem, nada ha a receiar de taes homens.

O sacerdote cumpridor do dever, dedicado ao seu rebanho, votado ao sacrificio, este, sim, é apontado ao povo como obscurantista, retrogrado e inimigo da liberdade. O padre, que sabe pensar feridas, estancar lagrimas de infelizes, dar pão aos famintos, esclarecer ignorantes, visitar os enfermos nos tugurios e os encarcerados nas masmorras, a este, sim, o seculo descrente e revolucionario não o pôde tolerar.

Os tempos passados assitiram a revoluções, que depunham reis, derruiam thronos e partiam sceptros, mas, através destas mutações politicas, a sociedade permanecia firme e estavel. As transformações não passavam das exterioridades, fórma de governo, applicação das leis e distribuição dos encargos publicos.

As lufadas das paixões politicas deixavam intactos os principios sagrados sobre os quaes repousa a sociedade: a religião, a familia e a propriedade.

Aquellas gerações reconheciam a J. C. como centro da harmonia social e gravitavam em torno de ideaes religiosos.

O seculo actual appareceu trabalhado, fundamentalmente, pelos mais deleterios elementos.

O philosophismo abalou os principios basicos do Estado christão, preparando a revolução politica; o livre exame scindiu as fontes da verdade e preparou o divorcio entre a religião e o Estado; a questão social assignalou ao homem uma finalidade méramente temporal.

O liberalismo separou a ordem politica da ordem religiosa, enfraquecendo a ambas; o livre pensamento declarou que a razão humana não pôde aturar as restricções impostas pela fé; a critica historica procurou apagar na memoria dos povos a

personalidade de Jesus; o racionalismo entendeu despojar Christo da natureza divina.

O abalo das idéas produziu o enfraquecimento das crenças que, nos seculos preteritos, haviam illuminado e fortalecido as gerações de costumes severos e aspirações nobres.

Os tempos presentes caracterizam-se pela preocupação de destruir todo o passado, para preparar um futuro mais auspicioso.

Na derrocada actual, por entre as oscillações dos homens e as vicissitudes dos tempos, o desmoronamento dos imperios e as crises dos governos, só o catholicismo permanece de pé, inabalavel nos seus fundamentos.

A phase triste e perturbada da historia, que atravessamos, justifica as palavras profundas e bem pensadas de Guizot: «Lavra na sociedade moderna um grave mal, que é o desrespeito á autoridade. A Egreja Catholica é a maior e a mais santa escola de respeito que ha sobre a terra».

Os dizeres do historiador protestante revelam a razão ultima do odio ao clero nos dias contemporaneos.

Inimigos encarniçados atacam a sociedade e procuram minar-lhe os mais solidos alicerces: a crença religiosa, a instituição familiar e o direito de propriedade.

E o padre é o mais estrenuo defensor destes reductos oppugnados.

O radicalismo revolucionario não olha apenas o humilde serventuario do culto, que vive, difficulosamente, com as magras esportulas dos fiéis; vê, porém, um elemento de moralidade e uma fonte de disciplina.

O padre, sem familia, porque renunciou aos castos gozos do matrimonio e á doce tranquillidade do lar, préga a inviolabilidade do thoro e a dignidade do viver; sem fortuna, porque o Evangelho lhe veda preocupar-se com o dia de amanha, ensina o respeito aos bens alheios e a restituição do roubado; sem liberdade, porque compromette

a propria, na uncção sacerdotal, é o vingador dos direitos publicos e prerogativas individuaes.

O poder civil arrancou á Igreja o poder temporal e ella continúa a apoiar a autoridade humana contra a audacia dos insubmissos e offerece o maximo exemplo de respeito ás potestades constituídas. Quando o povo, faminto e ludibriado, toma uma attitude de revolta e desespero e organiza barricadas e paredes, vae o sacerdote reduzir á obediencia a turba faminta, não a coronhadas e a pata de cavallo, mas com argumentos persuasivos e palavras de vida eterna.

Eis por que os inimigos da sociedade juraram extinguir a tribu levitica.

---

---

---

## MALES DE HOJE E DE OUTRÓRA...

Podemos distinguir no ser humano tres especies de vida: intellectual, affectiva e physica.

A primeira subsiste pela verdade; a segunda nutre-se do amor e a terceira consiste na saúde.

Em nossos tempos estes elementos de vida se encontram profundamente affectados em sua constituição intima. Senão, vejamos rapidamente.

O mundo moderno parece perguntar, como o proconsul romano: Que é a verdade?

E todos a procuram sem a encontrar.

Pedem-na á philosophia, mas esta não lhe possui o segredo. De um lado, o vulgo não póde penetrar a significação das theorias e ouve indifferente as prelecções dos grandes mestres; de outro, ainda que o povo ouvisse os oraculos da sciencia do pensamento e das razões ultimas, não saberia distinguir onde se acha a verdade, dadas as contradicções dos systemas e a opposição reinante entre as diversas escolas.

A imprensa, igualmente, não offerece ao espirito humano o pabulo desejado da verdade; os jornaes em sua maioria incarnam credos politicos e interesses commerciaes; exploram as paixões populares e a opinião publica. De resto, propagam mais a mentira que a verdade.

Os amigos, melhor intencionados que sejam, não pódem esclarecer a nossa intelligencia, porque ou os cégam os interesses, ou os enganam os prejuizos ou, não raro, sabem menos que nós.

Os publicistas e os sociologos não evangelizam a verdade, porque, mutuamente, se degladiam,

combatendo-se uns aos outros. Ora propõem reformas radicaes, ora tudo querem destruir, ora pregam um conservantismo absoluto na miragem de uma sociedade estatuida sobre novas bases.

O amor constitue e sustenta a vida do coração.

Nada, porém, mais inconstante e mais volúvel que a vontade humana. Tantos cuidados, tantos zelos e tantos sacrificios para a conquista de algum bem; esforços e tentamens para a consecussão de determinado objectivo; apenas colimado o alvo, já o coração, trefego e irrequieto, procura novos motivos de soffrimentos.

A sociedade moderna corre á cata das gloriosas mesquinhas do mundanismo; almeja a posse do bezerro de ouro; suspira pela aura popular; vive sitibunda dos prazeres materiaes e das alegrias dos sentidos.

Nenhum seculo mais que o nosso ouviu falar de fraternidade universal, igualdade entre as nações, justiça entre os povos: nenhum tambem presenciou maior explosão de odios internacionaes, competições politicas, conflictos de interesses e desvairamentos revolucionarios.

Bellas theorias falam de contractos sociaes, engendram nova ordem de coisas. E o homem continúa o eterno insatisfeito, o eterno revoltado.

Na familia, o afrouxamento dos liames conjugaes, o enfraquecimento do poder paterno; nas classes sociaes mais fundo se torna o abysmo, que as distancia; os antagonismos partidarios avolumam; mais irrefreaveis apparecem as ambições materiaes.

O corpo necessita da saúde.

A hygiene moderna, solícita e energica, mede a cubagem do ar, para cada individuo; fórma clubes de regatas, organiza associações athleticas e desportivas, promove a gymnastica, o canto e a natação; estabelece cordões de isolamento e deixa navios de quarentena. A medicina descobriu os anesthesicos, que eliminam a dôr; a prophylaxia

immuniza os individuos e garante as gerações vindouras; os medicamentos mais energicos extinguem os germes letiferos do organismo.

E apesar de tudo, vemos uma juventude rachitica, enervada e fraca; os rostos lividos, as faces encovadas e as olheiras fundas denunciam as gerações dos prostibulos. As cadeias regorgitam de sclerados, os enfermos enchem os hospitaes, os loucos povôam os manicomios.

O sensualismo é o escorregadio declive, por onde resvalam as energias da mocidade hodierna.

A imprensa pornographica, as estampas lubricas, os espectaculos obscenos, as modas lascivas e a linguagem libertina asphyxiam as gerações novas.

Daqui resultam infructiferos os esforços da sciencia para salvar do naufragio uma sociedade a que falta energia para jugular as paixões e coragem para refrear os sentidos.

\*

\*

\*

Cesar Augusto, no apogeu da gloria, disse: «Não sei que coisa desejar, porque tenho tudo: saúde, riqueza, poder, gloria, prazeres, divertimentos. Sinto, porém, que me falta alguma coisa, mas não sei o que seja. Experimento um vacuo no meu coração e isto me afflige e tira a paz».

Estas palavras encerram a photographia moral da antiga Roma, quando do apparecimento do christianismo.

A soberana do universo possuia tudo: a opulencia das riquezas arrancadas aos povos saqueados; o brilho das letras, representadas por poetas, oradores e philosophos; os encantos da arte, monumentos, banhos publicos, theatros e palacios; as leis mais sabias e perfeitas do mundo antigo.

O progresso material rivalizava com o intellectual: estradas bem construidas punham em communicação as mais remotas provincias do imperio; os jogos e os divertimentos mais variados entreti-

nham o povo-rei; os palacios mais sumptuosos e os festins e banquetes mais requintados deliciavam a nobreza romana.

Nada lhe faltava — só a virtude.

Veu a religião christan e prégou a verdade revelada, que esclarece a intelligencia; proclamou a igualdade entre os homens, filhos todos de um mesmo Deus, e promulgou uma moral austera e castigada, que salvaguarda as energias do corpo e conserva as forças do espirito.

\* \* \*

No seculo XVIII, Frederico II, da Prussia, pedia a Voltaire vinte annos para aniquilar o catholicismo.

Pois bem, passou o impio rei-philosopho, passaram os necrophoros do Christo e a Egreja continúa de pé, firme, inabalavel.

A religião, que salvou a Europa contra o furor das invasões barbaras, se apresenta a preservar da ruina e da destruição completa a sociedade moderna.

Na derrocada do imperio romano os claustros foram asylos inviolaveis, que abrigaram as artes, as letras e as sciencias antigas, para, mais tarde, entregal-as ao espirito humano arrancado á barbaria.

Hoje a mesma Egreja aponta ao mundo contemporaneo o porto abrigado, em meio dos males que solapam a civilização hodierna.

Os caprichos perversos das vontades transviadas, a resistencia aos poderes constituidos e ao principio de autoridade, o excesso de vida material, a ambição desmedida dos bens de fortuna e a sêde do gozo sensivel, a abusiva liberdade da imprensa, a desorganização da familia e a investida contra as suas bases — eis a voragem ameaçadora dos nossos tempos.

Para cada um destes males, para cada uma destas chagas o espirito fecundo e salvifico do christianismo offerece remedio efficaz e prompto.

## LIBERALISMO E LIBERDADES

Encontrar o justo meio entre a liberdade e a escravidão, entre o sentimento natural ao homem de querer dispôr de si e de seus actos e os direitos da collectividade e do poder constituido tem sido, em todos os tempos, o maximo problema da humanidade.

Na antiguidade era a tyrannia dos cesares de envolta com as revoltas, por vezes sangrentas, dos escravos e dos servos; na época moderna é a reacção dos povos contra as autoridades publicas; em nossos dias é a onda rubra do anarchismo e do communismo, na theoria, irrompendo, não raro, em explosões terrificas de odios e em nuvens negras de incendios.

O philosophismo do seculo XVIII abalou as idéas basicas, que sustentavam as construcções sociaes; substituiu a crença no sobrenatural e os principios eternos da religião por concepções puramente ideologicas, que não correspondem á realidade do mundo physico e nem satisfazem á tendencia innata do ser pensante, que procura na divindade o começo e o fim de todas as coisas.

O racionalismo naturalista, affirmando que o homem é essencialmente bom e que nada existe superior a elle, deu origem ao liberalismo, que não passa da adopção, na ordem politica, dos erros dos encyclopedistas.

J. J. Rousseau ensinava que o homem nasce naturalmente bom e que todas as suas tendencias e inclinações são legitimas; exigia que se lhe concedesse a liberdade de crescer e desenvolver tão li-

vrememente como os passaros nas florestas, as hervas nos campos e os selvagens nas brenhas; concluia, logicamente, que os esforços dos paes e educadores eram attentatorios ao direito natural e, por conseguinte, viciavam e abatiam os caracteres ao invés de nobilital-os e aperfeiçoal-os.

O primeiro principio do liberalismo applicado á vida publica e social consiste em estabelecer a soberania absoluta da razão, fonte essencial e necessaria de toda autoridade. O povo tem a faculdade de conferir a quem quer que seja o poder e reservar-se o direito revocatorio sobre seus mandatarios.

Os vastos direitos attribuidos ao individuo deveriam trazer consigo uma diminuição muito sensivel da potestade publica e reduzir ao minimo o prestigio do Estado, uma vez que sómente a razão é a fonte e a essencia mesma da autoridade.

Por este caminho enveredam os seguidores do liberalismo economico, infenso a qualquer intromissão do governo na regulamentação do trabalho e na concorrência internacional. Ao Estado incumbiria garantir a segurança publica, manter a ordem, sem ingerencia alguma effectiva sobre a vida nacional.

As demonstrações praticas provaram tão ruidoso fracasso das theorias liberaes, que lhe tiraram todo o credito, a ponto de os seus fautores repudiarem esta utopia optimista. Neste recuo, abraçaram o extremo opposto e entregaram as prerogativas individuaes ao poder publico, ao qual constituiram arbitro supremo da sociedade.

A autoridade nacional ou seja o Estado absorveu, por assim dizer, a personalidade do cidadão, que abdica de todas as suas franquias em face dos representantes do povo soberano.

Nenhuma corporação, civil ou religiosa, tem poder ou direitos em face do Estado omnipotente, que não depende de ninguem e que elabora seus codigos sem olhar para as crenças doutrinarias ou encargos da consciencia dos subditos. Donde se in-

fere que o Estado nada pôde praticar que mereça o qualificativo de injustiça, visto que é o senhor absoluto dos seus destinos.

Destes principios dimana o estadismo, a heresia política moderna, que destróe os mais bellos privilegios da individualidade humana. Se a Igreja condemna este systema por estar em opposição formal aos seus dogmas fundamentaes, a sociedade o deve repellir, porque attenta contra os sentimentos e as tendencias da natureza racional.

Existem ainda, é certo, adeptos de um liberalismo bem systematizado e coordenado, que aspiram a harmonia universal das nacionalidades, firmada na liberdade civil, equitativamente concedida a todos os membros da communhão humana. Mas o liberalismo, por sua propria natureza, encerra os germes do individualismo, que combate as associações; da centralização, que cerceia as regalias dos municipios, e do centralismo, que absorve os direitos da religião e da familia.

A instrucção laica e o atheismo official, isto é, a indifferença do país em assumptos que respeitam ás crenças religiosas professadas pela maioria da população, promanam desta mesma fonte, bem como a liberdade de consciencia, no sentido em que a entendem os adversarios do catholicismo.

Admira que, após tantos annos de vida constitucional e de tantas conquistas politicas, appareça este retrocesso ao espirito do paganismo, que não conhecia a liberdade individual e a dignidade humana. Os pagãos não estimavam o nobre sentimento da independencia pessoal, pois o individuo pertencia ao Estado e era estimado pela força ou dextreza de que podesse dispôr ao serviço da patria.

Diz F. de Coulanges: «Ou succedessem a monarchia ou a aristocracia ou a democracia, nenhuma destas revoluções concedia aos homens a liberdade verdadeira, a liberdade individual».

As theorias do liberalismo não resistem á analyse sincera de uma critica serena e verdadeira. O homem não nasce essencialmente bom, como en-

tendia o philosopho de Genebra; ao contrario, tráz em seu coração tendencias e appetites que, se não soffrerem correcção, se tornam criminosos e attentatorios ao bem commum. Em segundo logar, a sociedade não é uma convenção livre entre os homens, mas procede das necessidades congenitas de um ser fraco, que precisa do amparo da familia, a qual, por sua vez, só encontra segurança e estabilidade na religião e na patria.

As doutrinas liberaes servem, ironia da sorte! para justificar os absurdos monstruosos e os despotismos sanguinarios das revoluções, que pretendem encarnar a soberania popular. Sim. As victimas do terrorismo francês e do bolchevismo russo foram immoladas em nome da liberdade e dos direitos dos povos.

Deste systema politico dimanam as chamadas liberdades modernas — de consciencia, de cultos, de imprensa, de ensino e de associação. A liberdade de consciencia e de culto assegura ao individuo o direito de professar e propagar as crenças que entender ou de não professar nenhuma e estabelece o principio de que não deve haver religião official ou privilegiada; a de imprensa concede a faculdade de defender quaesquer idéas sobre costumes, religião ou politica, ainda que sejam impias ou immoraes as theorias apresentadas; a de ensino garante a propaganda de todos os crédos por meio do magisterio publico.; a de associação permite que se fundem sociedades, mesmo secretas e revolucionarias.

Esta doutrina, ou antes, este corpo de doutrinas, veiu agravar todos os males que ameaçam a sociedade moderna. Os opprimidos de toda especie, os desherdados da sorte, entendendo que sua condição social resulta de uma longa série de injustiças e explorações, investem contra aquelles que julgam responsaveis de seus males. Daqui a falta de tranquillidade, que se observa, tanto na vida publica como privada.

Contra as agitações sociaes e os abalos, que interrompem o curso normal da vida das nacionalidades, empregam os governos duras leis de repressão e de excepcional rigor e não comprehendem que, deste modo, augmentam a morbosidade dos delinquentes, que tomam a attitude de victimas e de martyres...

A logica inexoravel dos factos patenteia, a cada revolução que estala, a cada crime politico que se commette, o absurdo de arvorar a liberdade como nórma politica e principio de governo.

Negar ao poder publico o direito de corrigir os desvarios da liberdade ou o abuso dos direitos é o mesmo que recusar á policia a faculdade de encarcerar os assassinos, os incendiarios e os gatumos... visto que todos agem segundo suas opiniões e de accordo com sua vontade.

Objectarão os partidarios das liberdades modernas que o homem é essencialmente livre.

Responder-lhes-emos que o homem tem, por força da propria natureza, a liberdade physica, mas não a liberdade moral. Acima das variações da vontade ou das phantasias dos nescios, pairam as noções de bom e máu, de justo e injusto, que ninguém póde arrancar da intelligencia humana. Os preconceitos poderão perverter o sentido exacto destas palavras, as paixões pódem trocar o bem pelo mal e a ignorancia conduzir ao erro na escolha do objectivo dos nossos desejos e aspirações. Mas a consciencia collectiva, o tribunal da opinião publica e o senso commum do povo chamarão sempre erro ao inverso da verdade, mal, ao opposto do bem.

---

## PACIFISMO

As contingencias diversas, que presidem ao desenvolvimento normal das collectividades humanas, determinam as fronteiras territoriaes de cada país e a organização interna de cada povo.

Os preconceitos raciaes, as condições geographicas, as premencias economicas e as necessidades naturaes delimitam as barreiras, que separam as diversas populações do globo terrestre.

Ao lado desta diversidade de patrias e de destinos politicos, ha traços de união, vinculos de approximação, que prendem as gentes entre si e estabelecem relações de amizade.

Em toda parte o homem é o mesmo; identicas são as exigencias fundamentaes da natureza e as origens primitivas; iguaes a finalidade e as directrices das diversas nacionalidades. A consciencia dos povos professa a igualdade de direitos e deveres.

As relações entre os Estados autonomos devem partir destes principios e seguir as consequencias logicas, que delles dimanam.

VeZ por vez os interesses oppostos e as necessidades convergentes das soberanias nacionaes ateiam conflictos armados, onde os direitos e deveres cedem logar á força e á violencia.

E' a guerra.

A antiguidade desconheceu a fraternidade entre os povos e os sentimentos de justiça e equidade nas suas relações. Nos campos de batalhas decidia-se a sorte das populações, sem que pesassem na balança das contas os principios de humanidade.

Grego ou romano só conhecia cada qual a sua cidade; olhava o resto do mundo como barbaros despreziveis, que jaziam na incultura e insociabilidade.

Esta mentalidade permittia e considerava licito qualquer tratamento, por barbaro que fosse, infligido a um povo extranho, visto que tudo se devia sacrificar ao bem da patria. Na salvação publica consistia a lei suprema das antigas republicas.

Daqui as nações se entreolharem como inimigos, que buscavam occasião de se degladiarem até a morte. As guerras eram questão de vida ou morte; após a batalha, a cidade vencida era entregue á pilhagem e ao saque; seus filhos reduzidos ao captiveiro, quando não passados a fio de espada, e os thesouros confiscados, quando não lançados ao incendio, iam todos ornar as pompas dos triumphadores... A morte nas arenas sangrentas dos circos, ás mãos dos gladiadores, ou a suprema ignominia da escravatura — eis tudo quanto podiam esperar aquelles que a fortuna dos combates deixava em poder dos inimigos. A passagem dos exercitos marcava a trilha dos invasores com rastros de sangue e o clarão das fogueiras marciaes. A destruição de Carthago, no fim da terceira guerra punica, por Scipião Emiliano; a quêda de Numancia, que durante quatorze annos desafiára as aguias romanas; o cerco de Corintho — são provas sobejas de quão profundo era o odio que separava os povos antigos, que se disputavam a hegemonia sobre a terra.

Certo que as guerras modernas guardam paginas que fazem corar a civilização deste seculo, mas, felizmente, os horrores dos horrores dos dias que correm ficam muito aquem das crueldades praticadas, a cada passo, pelos povos mais cultos da antiguidade.

Ha no fundo humano um que de fereza e malvadez, que explode ao fragor dos combates, quando o inimigo pisa o solo patrio ou lhe ameaça a integridade, mas logo o bom senso acorda

e os sentimentos de fraternidade universal tocam as cordas affectivas do coração.

Accresce que muitas das barbaridades attribuidas ao furor bellico não passam de accidentes lamentaveis, que se tornaram impossiveis de evitar. Os modernos engenhos de destruição dispõem de tão largo raio de acção que attingem, necessariamente, muitas victimas indefesas.

\*

\*

\*

O facto capital dos nossos dias é a interdependencia economica em que vivem os povos. O industrialismo moderno, as applicações scientificas dos varios productos da natureza, a utilização commercial de coisas até pouco tempo imprestaveis, a rapidez das communicações e a facilidade dos transportes collocam as nações em mutua dependencia. Um terremoto no Japão, uma inundação na China, uma gréve na Australia, uma colheita insufficiente nos Estados Unidos, uma safra prejudicada na Africa Austral basta para repercutir nos mercados europeus ou mesmo universaes. As correntes emigratorias estabelecem contacto mais ou menos permanente entre raças diversas. Na propria Europa os operarios de um país vão prestar serviços em outro e findo o seu contracto, regressam aos patrios lares. As conferencias interparlamentares, as empresas de turismo, as missões de diversos generos, militares, navaes, scientificas ou commerciaes, concorrem não pouco para o fomento de relações amistosas entre as raças e os continentes. As vultosas operações financeiras, quer sob a fórmula ordinaria de grandes emprestimos, quer debaixo da firma de poderosas empresas industriaes, para exploração de ferrovias, minerios e outros ramos de actividade, são factores de aproximação.

Aqui, porém, reside a maior difficuldade para a pacificação universal. Por baixo destas apparencias amistosas, atrás dos bastidores das con-

venções politicas estão os interesses dos millionarios, que têm razões inconfessaveis para fomentarem as lutas entre os povos. Se os operarios se dão as mãos e confraternizam, os patrões semeiam o odio e alimentam as discordias.

Sim. A guerra é das empresas mais lucrativas, senão a mais lucrativa, embora um pouco arriscada.

Guerra é dinheiro. Dinheiro para o formidavel aparelhamento bellico; dinheiro para manutenção dos exercitos em campanha. Os aperfeiçoamentos, quotidianamente introduzidos, exigem sommas fabulosas. Depois da guerra surgem outras despesas, talvez maiores: as reparações do que foi destruido, as pensões aos mutilados, as indemnizações... A estas urgencias acodem os consorcios bancarios com os creditos precisos, a juros vantajosos...

E' o que vemos hoje em dia, depois da guerra mundial; vencidos e vencedores arruinados, todos ao peso de formidaveis compromissos, que lhes devoram o melhor dos orçamentos.

Fala-se, actualmente, em diversas dictaduras pelo mundo em fóra: dictadura de Mussolini, na Italia; de Rivera, na Espanha; do proletariado, na Russia; da imprensa sobre a opinião publica; mas ninguem nomeia a mais forte, a mais poderosa, a mais disfarçada: a dictadura da moeda, a dictadura dourada, a dictadura dos argentarios...

As corridas armamentistas entre as potencias e as competencias sobre maior ou menor quantidade de material bellico provocaram alarme nos circulos diplomaticos e suscitaram a celebração das conferencias internacionaes de Paz, em Haya, nos annos de 1899 e 1907. Os plenipotenciarios reunidos na capital da Hollanda, apesar das criticas que soffreram, deram um passo notavel no caminho da arbitragem e da pacificação dos povos.

A Côrte Permanente, que resultou daquellas assembléas, 1900 a 1914, conseguiu solução amistosa para doze conflictos entre varias nações. Merecem especial menção os litigios entre a França

e a Allemanha, em 1909, por causa dos desertores de Casablanca, e entre a França e a Italia, relativamente ao caso de Mantouba e Carthago, em 1912; questões estas que, por momentos, puseram em perigo a tranquillidade da Europa.

Os juristas discutiram e assentaram varios pontos sobre legislação de guerra, immuniidade dos territorios neutros, principios de occupação militar e tratamento de prisioneiros, estabelecendo principios de accordo com as prescripções do direito das gentes e as exigencias moraes da sociedade hodierna.

Infelizmente, porém, a conflagração européa veio destruir esta obra tão auspiciosamente começada e annullar muitas das mais importantes conquistas da civilização.

A paz, que se lhe seguiu, foi a paz da violencia e da vingança; paz de corvos, que disputavam uma presa exanime. As clausulas do tratado de Versalhes foram dictadas pelo odio dos vencedores, surdos aos gritos de dôr dos vencidos. Os sentimentos humanitarios, os principios philosophicos, as conveniencias sociaes — tudo foi deixado á margem pela mentalidade da victoria.

Passaram annos. Muitos dos mandatarios dos dias da luta foram postos de lado; outros, que restaram fóra do poder, tomaram a direcção da coisa publica.

Volveu uma decada e a situação não melhorou nem cicatrizaram as feridas abertas na guerra e aggravadas na paz.

Loçarno foi o primeiro aperto de mão trocado entre vencidos e vencedores. Aos detentores do mando supremo e aos conductores dos povos cumpre a tarefa de levarem a termo a obra da pacificação mundial.

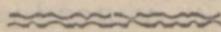
#### Nota.

A Egreja, que tanto trabalhou pela paz, durante a conflagração mundial, continúa a desenvolver sua acção pacificadora.

Emquanto as chancellarias discutem tratados e interpretam clausulas, os catholicos se confraternizam, como tem acontecido nas brilhantes conferencias entre catholicos franco-allemaes.

Ainda em Outubro do anno findo, 1929, a Associação Catholica pela Paz Internacional, com sede em Washington, dirigiu aos catholicos norteamericanos o seguinte appello:

«A hora presente compõe-se de idealismo e de cynismo, de generosos esforços e de pesado indifferentismo. Urge que os Catholicos dos Estados Unidos tomem partido com o idealismo e seus generosos esforços, na esperança de que o mundo não resvale novamente nos espasmos das guerras deprimentes e nocivas. Urge investigar seriamente a situação internacional e trabalhar com persistencia pela consolidação da paz mundial. Mais do que a honra de nossa cidadania americana que vae nisso implicada, a consciencia religiosa nos impõe o dever de agir quanto antes por amor de Deus e do proximo. Convém, mesmo, cooperar activamente com organizações internacionaes, despidas de caracter religioso, enquanto não haja perigo de contrariar os principios da fé catholica».



HOMENAGEM

ao

SANTO PADRE PIO XI,

Por motivo do jubileu sacerdotal.

20-XII-1929

# ENSAIOS APOLOGETICOS

A FÉREJA E O PROGRESSO SOCIAL

## A EGREJA E O PROGRESSO SOCIAL

O seculo dos encyclopedistas tomou as palavras liberdade, igualdade e fraternidade como lemma de combate ao espirito christão, e, deste modo, procurou illuminar os destinos dos povos e preparar a renovação da ordem politica.

As idéas modernas, nos dias contemporaneos, professam verdadeiro fetichismo pela civilização, cultura e progresso, que constituem as supremas aspirações do materialismo theorico e pratico.

Concebido sob aspectos varios e ordenado para finalidades diversas, o conceito de progresso social encerra multiplas accepções.

Os credos partidarios sobre as liberdades politicas e as opiniões pessoaes a respeito das necessidades materiaes entram em alta dose no modo de avaliar a civilização dos povos.

O fascista olha a dictadura de Mussolini como o governo ideal para o seculo XX; o communista vê na Russia a terra promettida da liberdade; os conservadores fitam no passado a trilha a seguir para o futuro.

Qualquer, porém, que seja o juizo formado sobre o progresso, os inimigos da Igreja assacam-lhe a pecha de constituir obstaculo ao engrandecimento das nações.

A accusação de que a nossa religião não pertence mais a este seculo, porque é inimiga do progresso, encontra-se, a cada passo, nos labios de tribunos e oradores, e apresenta-se, quotidianamente, nas laudas, que os jornalistas e escriptores destinam á impressão.

Antes do mais deve notar-se, preliminarmente, que a finalidade do culto divino ultrapassa os limites estreitos da existencia terrena; acima do conforto material, do requinte artistico e da perfeição literaria, a Igreja colloca os interesses eternos e os novissimos do homem.

Os ideaes christãos põem os elementos moraes e intellectuaes da collectividade humana muito acima do bem-estar temporal. A' luz deste criterio o mais virtuoso será preferido ao mais sabio e este ao mais rico; o povo mais morigerado e mais satisfeito com a sua sorte terá a primazia sobre as nações mais opulentas e melhor installadas na vida.

Sendo o homem composto de espirito e materia, a civilização mais perfeita será aquella em que os costumes, as sciencias e a riqueza caminham em relativa harmonia.

Estabelecidas estas premissas, passaremos a considerar até que ponto concorreu a Igreja para o progresso da sociedade, sob o triplice aspecto material, intellectual e moral.

## I — A EGREJA E O PROGRESSO MATERIAL

A especiosa accusação de que o espirito catholico se oppõe ao progresso material é muito velha.

Na derrocada do imperio romano, quando a civilização se desfazia, os adoradores dos idolos responsabilizavam os fiéis de serem a causa das invasões barbaras e de todos os males, que affligiam o povo.

S. Agostinho, após treze annos de profundos estudos, deu resposta cabal a esta objecção, no seu tratado de philosophia da historia, «A Cidade de Deus».

Cumpré notar que, se os progressos do espirito não acompanham o locupletamento economico e a instrucção publica, não haverá uma collectividade feliz e verdadeiramente humana.

A experiencia demonstra que o desenvolvimento febril da civilização e o surto estupendo do progresso não contém a agitação da sociedade moderna dos povos.

O catholicismo olha um fim transcendental e eterno; visa nobilitar o homem e preparal-o para a vida futura; no entanto não despreza as exigencias materiaes e faz a prosperidade temporal dos seus adeptos, como observa, judiciosamente, Montesquieu.

A formação das nações da Europa contemporanea deve-se, quase exclusivamente, á religião catholica.

Um escriptor protestante, inglêz, depois de muito estudar as origens da França, chegou á conclusão de que esta potencia é obra do episcopado. O mesmo poderíamos dizer de muitos dos estados modernos.

Foi o catholicismo que amansou os barbaros, amênizou os costumes e preparou, durante longos seculos de experiencias politico-sociaes, a civilização, de que tanto nos orgulhamos.

Não póde haver progresso algum nem desenvolvimento sem trabalho. Todos os melhoramentos, de que desfructamos, procedem de qualquer esforço, seja nobre, como o estudo das leis da natureza e das operações do espirito, seja humilde, como o arrotear os campos e guardar armentios.

Em todos os ramos da actividade humana encontramos a religião ao lado dos que mourejam de sol a sol, incentivando-os á perseverança na faina quotidiana e á resignação ás condições da existencia.

O monachismo christão foi o maior e o mais efficaz elemento de utilização do solo nos tempos medievaes.

Deante do industrialismo presente, esquecemos o quanto deve a sociedade aos monjes, que deram, primeiro, o exemplo de uma vida consagrada ao trabalho manual.

C. Cantú, na «Historia da Italia», faz notar que os mesmos que se orgulham dos progressos das sciencias naturaes, em nossos dias, encontrariam muito a aprender dos antigos moradores dos claustros.

A' sombra tranquilla dos mosteiros viveram os obscuros constructores da Europa civilizada, os humildes obreiros que, num labor fecundo, drenaram os pantanos, sanearam as charnecas e iniciaram o povoamento de vastas extensões desertas.

Montalembert, nos «Monjes do Occidente», escreve: «Nós sahimos dos collegios sabendo de cór o nome das cortesans de Jupiter, mas ignorando competamente a existencia e o nome dos fundadores daquellas grandes ordens religiosas, que civilizaram a Europa e tantas vezes salvaram a Egreja».

Os países da America Latina offerecem exemplo typico de povos educados e formados pelo catholicismo. Acompanhando os expedicionarios e conquistadores, vinham os religiosos, que se dedicavam, de corpo e alma, á catequese e á civilização dos aborígenes.

Ao lado da capellinha tosca, um campo para o trabalho agricola; de par com as verdades elementares da fé, os padres ministravam os primeiros rudimentos das artes necessarias á vida.

Foram os missionarios os defensores intransigentes da liberdade dos indios contra as extorsões iniquas dos colonos europeus:

A obra humanitaria e civilizadora da Egreja, em nossos tempos, apresenta-se ainda mais florescente e mais universalizada.

A exposição missionaria, levada a cabo na capital do mundo christão, demonstra a solicitude carinhosa da religião pelo bem-estar material e alevantamento intellectual das raças inferiores. As missões possuem não só templos, oratorios e cemi-

terios, mas dispõem de enfermarias, asylos, orphanatos, além de escolas primarias, lyceus de artes e officios, estações agricolas, dotado tudo, quanto possivel, de pessoal idoneo.

Nos países mais adeantados e progressistas a influencia benemerita do catholicismo manifesta-se por innumerables obras de acção social, como sejam circulos de estudos, patronatos, hospicios, casas de caridade, agencias de collocação, mutualidades, associações de operarios e caixas de soccorro e outros institutos em nada inferiores aos congeneres socialistas.

Nas horas difficeis, nas crises mais agudas, parte de Roma o brado de armas e a voz de commando, para congregar as energias dispersas dos filhos da Santa Egreja. Irrompe uma peste, sobrevem uma inundação num país remoto, logo a generosidade da Sé Apostolica se faz sentir, sem exceptuar as nações acatholicas e os povos pagãos.

Não satisfeita com distribuir o pão material aos necessitados e prodigalizar palavras de conforto aos afflictos, a religião procura a felicidade dos despròtegidos da sorte, infundendo-lhes sentimentos de resignação e de esperança.

Não póde ser inimigo do progresso um culto que consagra os instrumentos do trabalho e as construcções da arte. O ritual romano encerra bençams para as officinas, casas escolares, telegrapho, fructos do campo.

A influencia benefica do soberano pontificado, no tocante á paz internacional, á harmonia entre as classes sociaes e ao equilibrio do principio de autoridade com os direitos dos subditos, hoje ninguem contesta, pois os factos são evidentissimos.

Esta mesma potencia espiritual apresenta ainda outro titulo, quiçá mais legitimo, á gratidão social: a defesa da liberdade humana.

A carta de Leão XIII ao Cardeal Lavigerie, de 20 de Novembro de 1890, sobre a escravidão negra, permanecerá como um monumento autentico da civilização christan.

As phrases sonoras de alguns escriptores brilhantes, mas sem probidade litteraria, não podem riscar da historia os traços profundos da actividade benemerita do catholicismo.

## II — A EGREJA E O PROGRESSO INTELLECTUAL

Espiritos mesquinhos ou ignorantes negam ou diminuem a contribuição do catholicismo para a cultura intellectual dos povos.

Uma investigação historica, mesmo perfunctoria, manifesta que a Egreja, em todos os tempos, contribuiu para o desenvolvimento das varias sciencias. Duas esferas de conhecimentos podemos considerar: a religiosa e a profana.

A primeira, que é essencial á vida da fé, mereceu sempre o mais acendrado carinho, consta da prégação das verdades reveladas e dos preceitos moraes, que illustram a mentalidade e arrastam as potencias da alma.

Seria longo enumerar a série dos escriptores ecclesiasticos, controversistas, santos padres, theologos e philosophos, que, através dos seculos, empregaram o seu talento na defensão da verdadeira doutrina.

Não é este, no entanto, o nosso intuito, porque o materialismo do nosso seculo dá preferéncia ás sciencias humanas e subordina a marcha da civilização ao adeantamento da cultura humanista.

Neste particular tambem, como veremos nas paginas proximas, a religião catholica apresenta as melhores credenciaes á gratidão dos povos.

Quando a civilização romana cahia em pedaços e as invasões retalhavam o imperio do mundo, a Egreja recolheu os mais preciosos legados da litteratura e das artes greco-romanas, para as entregar, mais tarde, á sociedade arrancada á barbaria.

A idade moderna teria perdido todo ou quase todo contacto com os escriptores da antiguidade,

se os conventos não houvessem conservado os manuscritos de Roma e da Hellade.

Guizot, na «Historia da civilização em França», confessa: «Póde dizer-se sem exaggeração: o espirito humano proscripto, batido pela tormenta, se refugiou no asylo das egrejas e dos mosteiros: abraçou-se supplicante com os altares, para viver ao seu abrigo e ao seu serviço até que tempos melhores lhe permittissem reaparecer no mundo e respirar em pleno ar».

Montalembert, em «Os Monjes do Occidente», escreve: «Um sem numero de factos attesta que os mosteiros eram, em toda parte, os fócios de educação não só para os jovens clerigos senão também para a juventude leiga».

No meio da ignorancia geral, que succedeu á época dos barbaros, a Egreja envidou todos os esforços possiveis para disseminar a instrucção entre as massas populares.

Carlo Magno, admirado do florescimento litterario da Italia, ordenou, nas celebres *capitulares* de 797, que se instituíssem escolas, por todas as localidades; os monjes e os sacerdotes foram os mestres escolhidos, pois em outras classes sociaes não havia pessoal apto para o magisterio.

Os concilios daquella época, ao par de definições dogmaticas e de réformas moraes, legislavam, não raro, sobre o ensino publico. Bastará verificar as actas dos de Aix-la-Chapelle, em 789, de Thionville, em 805, de Moguncia, em 813, de Roma, em 826, de Paris em 829, e de Valença, em 855. O terceiro e o quarto concilios de Latráo (1.179 e 1.215) decretaram a fundação das escolas episcopaes e o estabelecimento dos gráus de bacharel, licenciado e doutor.

A gratuidade do ensino primario constitue um titulo de benemerencia, que invocam os governos laicistas modernos: pois bem, nos tempos caliginosos da era medieval, a religião catholica o pôz em pratica, estatuinto que os bispados e mosteiros, segundo as proprias rendas, réservassem

um beneficio conveniente para pagar a um mestre que leccionasse, gratuitamente, aos clérigos e aos alumnos pobres.

E. Randu, nos seus estudos sobre a educação popular na Alemanha do Norte, confessa que o catholicismo «lançou a pedra angular do ensino, constituindo assim para o povo como para os literatos a base da civilização germanica».

Os factos falam tão alto que Windthorst pôde affirmar, no parlamento prussiano, em 1872: «Na Germania a Igreja fundou a escola e a conservou, e elevou o povo a este gráu de cultura em que elle se encontra».

Sob o antigo regime existiam, na França, 24 universidades, cerca de 900 escolas secundarias e 25.000 primarias, que a Revolução destruiu. Estes estabelecimentos ministravam instrucção inteiramente gratuita; sem as taxas exorbitantes, que devem pagar, hoje, os estudantes ricos e pobres.

G. del Monte, no monumental livro «La libertà della Scuola», estudando exhaustivamente o progresso e o desenvolvimento da cultura intellectual dos povos mais adeantados do mundo, faz importantes revelações sobre esta materia e analysa a situação sob o ponto de vista catholico.

Sem razão accusaram a Igreja de haver restringido, do seculo XII a XV, a liberdade do ensino, quando ella não fez mais que exercer uma vigilancia necessaria, para afastar do magisterio os herejes e os deshonestos.

O papado nunca se attribuiu o direito exclusivo de crear universidades e institutos superiores de ensino, pois as universidades fundadas pelos soberanos ou organizadas pelas iniciativas privadas receberam o mesmos favores que as erectas pelos breves pontificios.

As universidades constituem motivo de justafania para as nações da Europa. Estes vetustos

educandarios guardaram, através dos seculos, o deposito do saber humano e prepararam as élites intellectuaes dos povos.

Se os mosteiros e as abbasdias recolheram os antigos manuscriptos e fomentaram a instrucção geral, as universidades formaram os grandes mestres, que abriram o caminho para a cultura moderna.

Leonel Franca, em «A Egreja, a Reforma e a Civilização», estudando as origens das universidades europeas, baseado em dados seguros, assim conclue: «Resumindo: no decurso de pouco mais de tres seculos (XII—XVI) no seio de uma sociedade emersa, não havia muito, da barbaria, lutando contra todos os obstaculos de um ambiente sem patrimonio intellectual hereditario, a *Egreja Catholica*, (o grypho é do autor) *coadjuvada por principes e soberanos catholicos, com um esforço civilizador gigantesco, conseguiu dotar a Europa de 88 institutos superiores de ensino*».

A Reforma protestante, a Revolução francêsa e as transformações politico-sociaes, que se lhes seguiram, lançaram mão dos legados seculares e dos bens patrimoniaes, conservados pela religião catholica, para as obras de beneficencia e desenvolvimento da instrucção popular.

O estado moderno arrega-se o direito exclusivo de legislar em materia de ensino, em detrimento das prerogativas sagradas da familia e da missão divina da Egreja.

Apesar dos multiplos entraves politicos, das difficuldades economicas e das reformas laicistas, o catholicismo não se contenta com as glorias do passado e continúa a defender a causa do progresso intellectual.

Já neste seculo, tão agitado de guerras e commoções sociaes, elle fundou universidades na Italia, Hollanda, Polonia, Estados Unidos, Canadá, Japão e China, e, actualmente, possui cerca de 60 institutos universitarios.

As grandes universidades catholicas, quer pela numerosa frequencia dos alumnos, quer pela operosa actividade litteraria e competencia technica do professorado, em nada desmerecem da estima geral, no juizo das autoridades competentes.

Ha ainda a enumerar os grandes seminarios escolasticados, com faculdades das sciencias ecclesiasticas e os Institutos Biblico e Oriental, o observatorio astronomico do Vaticano e outros estabelecimentos de finalidade artistica ou litteraria.

No ensino secundario e primario, a operosidade dos catholicos marcha em plena expansao progressista. Que o provem as escolas parochiaes, gymnasios diocesanos e as numerosissimas casas de educacao abertas e mantidas pelas congregacoes religiosas. Só de nosso pais teriamos extensa lista a apresentar.

Acima do progresso scientifico acha-se a cultura philosophica, que desenvolve o raciocinio.

Os que ignoram o progresso do pensamento christão, accusam a Igreja de erguer o edificio da crença sobre as ruinas das faculdades intellectuaes.

Muito ao contrario; o estudo da revelação alarga a esphera dos conhecimentos humanos e rasga novos horizontes aos estudos transcendentaes.

A prova deste facto encontra-se na historia da philosophia, desde a idade patristica até ao renascimento escolastico contemporaneo.

Certos espiritos livres, gratuitamente, affirmam que a fé catholica encadeou a razão humana, levando-a a abdicar dos seus mais legitimos direitos.

Para rebater tal asserção basta a palavra do celebre racionalista A. Harnack, da Universidade de Berlim: «Nenhuma outra época mostrou tanto desejo de pensar e tanto vigor em submeter á razão todas as existencias e todos os valores como a idade do meio».

H. Höffding, da Universidade de Copenhague, Dinamarca, embóra adversario do thomismo, confessa que a Idade Média, longe de ser um deserto ou um mundo de trevas, como dizem, muito contribuiu para o progresso intellectual.

No ultimo quartel do seculo XIX, Leão XIII promoveu a restauração da philosophia christã, segundo a mente de S. Thomás de Aquino.

Logo appareceu a neo-escolastica, que recolheu o precioso legado do antigo pensamento christão e, dissipando arraigados preconceitos, inaugurou uma época de progresso para os estudos philosophicos, harmonizando as doutrinas reveladas, os factos scientificos e as conclusões da razão humana.

Ao appello pontificio attenderam celeres os theologos romanos e iniciaram nova phase para as investigações do raciocinio ao serviço do dogma.

Actualmente, além dos seminarios diocesanos e collegios das ordens religiosas, os institutos superiores de ensino catholico desenvolvem as theses thomistas.

Até a Sorbona e a Universidade protestante de Amsterdam, Hollanda, contam sua cadeira de philosophia escolastica.

O contingente do catholicismo para o progresso artistico é, sob todos os pontos, admiravel e digno de nota.

Os quadros de Fra Angelico, Perugino, Raphael, Tintoretto e Leonardo da Vinci; as estatuas de Miguel Angelo, Bernini e Canova; a cupula de Buonarotti; os cantos de Dante e de Tasso; as harmonias de Palestrina e Rossini proclamam bem alto a inspiração infundida pelo sentimento religioso.

Roma, capital do orbe christão, é uma maravilha das artes e o Vaticano, morada dos pontifices, o museu do mundo.

Emile Mâle, em «*Art et artistes du moyen age*», desvenda os ideaes que elevaram na terra a imagem do céu, através da orgia architectonica dos templos gothicos, cuja arte, no dizer de Chateaubriand, «na minuciosidade iguala e na grandeza supplanta os monumentos da Grecia».

### III – A EGREJA E O PROGRESSO MORAL

Descrever a acção moralizadora do catholicismo e computar até que ponto influenciou elle sobre os costumes dos diversos povos, comporta extenso tratado de philosophia da historia. Seria necessario partir da sociedade romana, na época da decadencia, e seguir, através das vicissitudes dos tempos e das mutações politicas, até aos dias contemporaneos.

A tarefa tão ingente não mette hombros este ligeiro estudo; sim, apenas lançar um golpe de vista sobre a contribuição religiosa para o desenvolvimento cultural da humanidade.

Ainda assim difficuldades enormes quase impedem a verificação da moralidade dos povos.

As estatisticas pódem fornecer subsidios documentaes de subido valor, relativamente ao progresso material e intellectual; quando, porém, se trata de algarismos referentes aos costumes publicos, a coisa muda de aspecto.

«E' extremamente difficil, diz A. Krose, quase impossivel formar uma idéa exacta da moralidade de um povo só com o auxilio das estatisticas. O que, ordinariamente, é conhecido com o nome de estatistica moral, não passa de uma estatistica da immoralidade, ou, melhor dito, um indice da immoralidade».

Os dados sobre a criminalidade e os cãdastros da pólicia não pódem, por muitos motivos, ser o estalão pelo qual se julgue dos habitos dos habitantes de um determinado país.

Antes de tudo é necessario fixar a attenção para as divergencias, que ha, entre os codigos penaes das varias nacionalidades. O que determinado povo castiga com severidade, outro olha com relativa indulgencia. Em segundo logar o criterio que preside a elaboração das estatisticas diverge muito entre os países e até dentro das proprias fronteiras nacionaes.

As condições economicas e sociaes exercem poderosissima influencia sobre os costumes publicos.

Sob a premencia das necessidades e ao imperio das circumstancias impostas pela grande guerra, cahiu muito o nivel moral das nações europeas. Assim o attestam os entendidos no assumpto.

Cumpra ainda notar que muitos delictos escapam ás malhas da policia, segundo confessam juristas notaveis.

A influencia de factores extraordinariamente complexos, que actuam sobre a responsabilidade dos actos humanos, torna summamente difficil avaliar a influencia dos principios religiosos sobre os habitos de cada individuo.

O atavismo racial, as condições mesologicas, as convenções sociaes e a legislação penal são elementos imponderaveis, que se fazem sentir nas deliberações da vontade.

No entanto, tomadas as nações christans e levadas em parallelo com os povos infiéis, mahometanos, budhistas ou idolatras, veremos logo que aquellas levam vantagens sobre estes, do mesmo modo que os países catholicos superam os protestantes no que diz respeito aos costumes.

Na impossibilidade de computar todas as forças materiaes da Igreja, este pequeno esborço procura chamar a attenção para alguns factos principaes.

Elemento de summo valor para o alevantamento dos costumes são as congregações, que mantêm ou dirigem, á custa de toda sorte de sacrificios, abrigos para a velhice desamparada, orphana-

tos, casas de misericórdia, institutos de preservação ou regeneração moral, para creaturas expostas aos resvaladouros da vida mundana. Incontáveis os actos de beneficencia material de innumeradas associações para operariado urbano, creadas de servir, agencias de collocação, assistencia aos imigrantes e muitas outras.

Não menor contingente de energias sans offerece a diffusão da bôa imprensa, em todos os países, espalhando livros, revistas e jornaes, dando combate á imprensa livre e pornographica.

Como computar o valor inapreciavel dos sacrificios e da abnegação das Filhas da Caridade; Irmanzinhas dos Pobres e das Religiosas do Bom Pastor?

Só o verdadeiro espirito christão, de que o catholicismo é depositario, consegue formar estas almas desprendidas da terra, que são, nos hospitaes, anjos de conforto e, nos abrigos de expostos, custodias da innocencia. Deante desta virtude heroica até a impiedade se descobre admirada e reverente.

As conferencias vicentinas, congregações marianas e outras ligas de character religioso exercem poderosissima influencia sobre o animo da juventude, prevenindo quedas desastrosas e consolidando no bem caracteres vacillantes.

Ha um mal de tremendas consequencias, que vae minando a existencia da humanidade. Referimo-nos ao neo-malthusianismo, deshonra da civilização materialista dos nossos tempos.

Em algumas regiões, sobretudo nas de maior desenvolvimento industrial e de maior cultura litteraria, os nascimentos se mantiveram estacionarios, entrando, mais tarde, em franco declino. E assim o egoismo das gerações presentes sacrifica o futuro, não só da patria, mas tambem da propria especie.

Antes, muito antes dos publicistas e criminalistas attentarem para este suicidio colectivo, e patentarem suas desastrosas consequencias, já a Egre-

ja formulára terriveis censuras contra aquelles que, no matrimonio, tentassem illudir os decretos da Providencia.

Premios ás familias numerosas, favores especiaes concedidos á natalidade elevada, imposto contra o celibato e outras reformas da legislação penal e do direito publico — todos estes recursos da moral leiga não pódem ferir a consciencia humana nem constringer a vontade epicurista.

Se os países catholicos não se acham immunes deste cancro social é que o liberalismo e a impiedade abalaram os sentimentos de fé, que alimentaram e fortaleceram as gerações passadas.

A prophylaxia da sociedade e a therapeutica dos povos encontra-se nos preceitos rigidos e na intransigencia da Igreja Catholica, no tocante aos costumes.

Á chave do problema ethico-religioso da despopulação encontra-se no fortalecimento dos principios doutrinaes. No sentir de Deschanel é a hygiene dos espiritos que é preciso melhorar.

A natalidade illegitima envolve uma violação da lei divina e uma offensa á honestidade publica.

No entanto, ainda sob este mesmo ponto de vista, segundo Oettingen, se torna impossivel «estabelecer uma escala de moralidade nacional baseada nos numeros absolutos ou relativos das estatisticas criminaes».

A legitimação, legalmente reconhecida pelos codigos civis, não deixa margem á averiguação exacta dos nascimentos illegitimos.

Esta transigencia juridica diz bem alto da decadencia dos costumes, que se observa nos tempos actuaes.

Importa tambem considerar o modo pelo qual se levantam as estatisticas legais. Na Inglaterra, que figura como uma nação de limitado numero de filhos espurios, os registos de nascimentos, casamentos e obitos, segundo M. Ertl, deixam muitissimo a desejar.

Pacientes e minuciosos dados; colhidos na Suissa, Allemanha e Hollanda, dão ganho de causa aos catholicos, onde estes vivem em igualdade de condições com os protestantes.

A verificação do que dissemos ficará ao cargo de quem levantar duvidas sobre o mesmo, pois os limites estreitos deste trabalho não permitem transcrever quadros comparativos.

Duas manchas afeiam a vida dos povos civilizados, dois delictos depõem contra o progresso moral da humanidade: o divorcio e o suicidio.

J. Wäppaus, em 1855, dizia que o numero dos divorcios annuaes fornece os elementos pelos quaes se póde julgar da honestidade dos costumes de um povo.

A Egreja foi, em todos os tempos, o maior e o mais firme amparo da familia, mantendo com toda inflexibilidade o character indissolvel da união conjugal.

A Reforma abriu mão desta fonte perenne de moralidade e introduziu culposas mitigações.

A historia demonstra que as nações a principio usam moderadamente desta indulgencia legal, mas depois resvalam, por completo, no abysmo, que ameaça tragar a instituição da familia.

Esta lei de regresso attinge de cheio o futuro dos povos, em razão do abandono em que ficam os filhos dos divorciados.

O augmento das separações conjugaes, nos diversos países, que as admittem, chegou a tal ponto que já se excogitam meios que detenham a desorganização dos lares.

Os Estados Unidos, nação classica do divorcio, em 20 annos, contaram 1.318.000 creanças privadas dos carinhos dos paes, em razão do divorcio. Só na California 40 % dos recolhidos pelas instituições publicas provinham de casaes legalmente separados.

As consequencias criminaes não se fizeram esperar, andaram na mesma proporção: em 1901, Chicago contava 4.478 menores delinquentes, dezesseis annos depois, 20.000.

Do argumento incontestavel dos numeros resalta a superioridade moral da Igreja sobre a religião reformada e sobre o paganismo. Nos países em que catholicos e protestantes vivem em promiscuidade, a percentagem de divorciados entre os primeiros é tres e quatro veezs menor que entre os ultimos.

O suicidio é symptoma de decadencia. É refugio dos scepticos, que em nada acreditam, e dos desesperados, que não encontram conforto.

Esteve em voga entre as classes cultas da sociedade romana, gasta de vicios e enojada de prazeres sensuaes.

Nos tempos de fé mais viva e de maior observancia da moral christian o homem mostra-se mais forte contra esta fraqueza moral.

«O catholicismo, diz Masaryk, torna os seus sequazes pacientes e doces; dá ao homem uma doçura e uma mansidão singular; offerece-lhe os seus ensinamentos; nas suas formulas e cerimoniaes tanta consolação e esperança, que não deixa logar ao pessimismo».

A Saxonia, berço do lutheranismo, sobrepuja, em numero de suicidios, a todos os outros países do mundo.

\*  
\*   \*  
\*

O rapido estudo que acabámos de fazer, demonstra, á evidencia, a obra civilizadora da Igreja.

Quem não houver, á força de preconceitos, esquecido o valor documentario dos factos invocados, confessará o quanto deve o homem á religião christian.

Sem esquecer a missão primordial de guardar os sagrados depositos da fé e da moral, sem deixar de orientar a creatura racional para seus fins

eternos, o catholicismo envida todos os esforços no intuito de attender ás mais elevadas aspirações da alma e aos mais justos reclamos do corpo.

O que acabámos de considerar, referente ao progresso material, intellectual e moral, justifica, plenamente, as palavras da grande encyclica «*Immortale Dei*» :

«A missão primariã e essencial da Egreja, obra immortal de um Deus misericordioso, é a de salvar as almas e de as elevar á posse dos bens celestes. Mas, torna-se ella, ainda mesmo quanto aos interesses puramente materiaes, uma fonte, donde, naturalmente, brotam vantagens tantas e tão estimaveis, que não as poderia offerecer maiores, ainda quando ella fosse fundada só com o fim de, sobretudo, promover a felicidade desta vida presente».



## A EGREJA E A DEMOCRACIA

Quem assiste ao desenrolar dos factos, neste conturbado inicio de seculo, e procura encontrar as origens e medir as consequencias dos acontecimentos politicos e sociaes, não póde sem ansiedade olhar para o futuro.

Hora agitada de uma época filha do nervosismo contemporaneo atravessamos; graves e tristes occurrencias enchem de negrura os annos que já volveram; nuvens sombrias toldam a perspectiva dos porvindouros.

Neste quadro da sociedade hodierna dois elementos trabalham a destruição da ordem e da paz, indispensaveis á vida dos homens e dos povos. Dois factores de ruina e aniquilamento preparam desgraças, que ameaçam de subversão total as nações mais progressistas e mais civilizadas. Dois males ferem de morte o mundo moderno e accumulam germes nefastos á tranquillidade dos continentes.

Na ordem religiosa o indifferentismo diligencia para extinguir a crença em Deus e a vida sobrenatural da alma. Na ordem politico-social a agitação operaria parece um symptoma de agonia das instituições fundadas sobre o capitalismo.

O indifferentismo de que aqui se faz menção não é o indifferentismo individual, dos que fazem selecção entre os mandamentos do Decalogo e os preceitos da Igreja; dos que não se confessam ou não jejuam, nem tão pouco o hybridismo monstruoso que é o catholico maçon e dos que se dizem catholicos, porém, não romanos. Estes casos insula-

dos, pessoaes, nascem ou da ignorancia religiosa ou de uma vida desordenada. As mais das vezes procedem de uma educação religiosa nulla ou muito superficial, ministrada por paes negligentes em assumptos de consciencia.

Não. Trata-se aqui do que mais restrictamente se chama tambem a *apostasia das massas*, isto é, do descaso dos deveres religiosos, da ignorancia dos mysterios da fé, em que jazem as camadas populares.

Se nas zonas ruraes a maior parte da gente campesina conserva as tradições christans e se descobre ao toque do *Angelus*, no campanario da aldeia, outro tanto não se dá nos centros urbanos, onde a classe trabalhadora vive como se não houvesse Deus nem alma.

Noutras épocas via-se o povo lutar pela defesa de suas egrejas e seus templos contra sacrilegos e usurpadores; hoje olha quase indifferente para os edificios sagrados.

Em certas phases da historia a interpretação de um texto da Escripura Sagrada punha em polvorosa uma cidade; um ponto de doutrina bastava para conflagrar um imperio ou dividir um reino.

Hoje desapareceram as guerras de religião. Foi um bem. Não é a sabre que se evangeliza; não devem as almas dirimir as controversias sobre dogmas e costumes. Os theologos disputam e debatem pareceres; raramente os leigos tomam parte nestas polemicas.

E' um bem, já o affirmamos. No entanto, esta paz revela que desapareceu, em sua maior parte, o interesse que estas questões despertavam. Aos filhos do seculo pouco importam as theses que tanto enthusiasmo despertavam em seus antepassados.

A genese deste estado de espirito encontra-se no acurado estudo da historia, nos factos que se desenrolam desde os fins da Idade Média aos nossos tempos.

Injustiças perpetradas, ha longas datas, erros consummados desde remotos seculos constituem o patrimonio de iniquidades, a herança dos dias presentes.

A raiz deste estado de animo provém da Reforma protestante, que partiu a continuidade religiosa da Europa, quebrou os élos, que formavam o sustentaculo do espirito de fé e de fraternidade, que unia os povos aos pés do throno pontificio. Implantou a desigualdade das almas, separando-as até nas esperanças eternas e nos actos do culto.

O poder espiritual, a pedra angular das vetustas monarchias e instituições politicas, sahiu ferido e abalado em seus elementos basicos.

Perturbada e enfraquecida fundamentalmente, a ordem religiosa, breve ia chegar a vez de soffrerem tambem perturbações os organismos politicos. Luthero desfraldou o estandarte da revolta e convulsionou os espiritos já trabalhados pelos «reformadores antes da Reforma».

Voltaire, lançando o ridiculo sobre o que de mais veneravel havia na religião, insultando a Christo e á Egreja, desorientou o senso dos povos e procurou riscar da mente humana as cogitações mais serias e profundas. Os philosophos encyclopedistas completaram a obra; tentando tudo explicar pela razão, proscreveram o sobrenatural e, logicamente, tudo que tinha origem e finalidade acima da materia.

Debilitada a ordem religiosa, baralhada a ordem intellectual, não tardaria o naufragio das organizações politicas.

Foi o que succedeu.

A Revolução francêsa veio como corollario logico da obra de Luthero e de Voltaire.

A fermentação dos espiritos determinou a catastrophe em que sossobrou a antiga monarchia de Clovis.

Sem temor de que nos julguem exaggerados affirmamos que não mais reinou a tranquillidade no seio dos povos. Ha, sómente, intervallos de cal-

ma entre as diversas explosões de anarchismo, que sacódem as nações.

Reinos, republicas e imperios succedem-se em curtos lapsos de tempo, demonstrando a agitação em que se debatem as gentes.

A's perturbações tão graves de ordem religiosa, intellectual e politica devia, necessariamente, seguir uma profunda desorganização economica, desarranjando a circulação das riquezas.

Sobreveiu a onda demagógica, trazendo nos labios palavras impias, no coração sêde inextinguivel de vinganças, no cerebro idéas incendiarias e projectos subversivos.

De ha um seculo aos nossos dias vem se operando uma transformação economica tão grande que seria inevitavel um terrivel abalo de todo o organismo politico.

## A QUESTÃO SOCIAL

Esta designação comprehende todas as difficuldades que existem nas relações entre as diversas classes humanas, ou, mais restrictamente, entre patrões e operarios.

A apprehensão dos espiritos e a espectante ansiedade geral bastam como medida da importancia deste problema. A illustração dos sabios, a cultura intellectual dos legisladores, a prudencia dos mais velhos, as resoluções das assembléas populares e a perspicacia dos legisladores demonstram o maximo interesse por esta causa.

Para complicar a situação, já de si difficil, homens turbulentos e brados revolucionarios excitam as multidões, procurando cavar mais fundo o abysmo que separa o capital e o trabalho, as riquezas e o proletariado.

A machinaria moderna transformou, por completo, as condições da antiga industria e, consequentemente, a vida daquelles que subsistem com o salario do trabalho quotidiano.

Hoje um artifice pôde, sózinho, realizar uma obra para a qual, nös tempos passados, seria necessario reunir muitas pessoas.

O sapateiro, o carpinteiro ou qualquer outro operario, pöndo uma machina em movimento, consegue fazer mais do que dez ou cem collegas seus de ha um seculo, em varios dias de serviços constantes.

A força productiva da industrialização moderna reduz os seus assalariados a uma condição de humilhante dependencia. As fabricas, onde tudo é feito por apparelhos proprios, exigem, em geral, pouca habilidade da parte dos empregados, o que lhes paralyza a faculdade inventiva e o estímulo de aperfeiçoar a propria obra. Além disto não faltam desoccupados que substituirão, de prompto, os que abandonam a officina, por não se conformarem com o salario estipulado, ou que foram despedidos por não chegarem á hora marcada.

Outros males acompanham ao progressò e desenvolvimento das manufacturas.

O principal é o urbanismo.

O augmento das fabricas trouxe do campo para as cidades uma população adventicia, que veiu viver á sombra das chaminés. Simples lavradores e homens rudes dos valles pittorescos procuraram os grandes centros, onde pudessem encontrar trabalho, melhor remunerado, e uma situação mais confortavel de existencia. Deixaram as aldeias tranquillias e as cidades provincianas para se engolpharem na agitação estonteante das metropoles superpopuladas. Abandonando o tecto avoengo, onde a longa serie de seus ancestraes passou toda a existencia, estes filhos do povo lá deixaram tambem os mais bellos sentimentos anichados em seu coração: o amôr ao lar, a resignação á vida humilde e a estima da paz bucolica. Tornam-se, deste modo, presa facil das idéas anarchistas, dos prazeres baratos e das agitações tumultuosas. Não possuindo mais um lar, um pedaço de solo, um tecto — coisa alguma a perder — torna-se-lhes facil conspirar

contra tudo e contra todos, já que se sentem vencidos na luta ardua pela conquista do pão quotidiano.

Os campos ficaram ao abandono, e a pequena propriedade, que fez o locupletamento e a felicidade de outras gerações, foi passando ás mãos dos ricos, que, por via, augmentaram seus latifundios, com prejuizo da producção de cereaes e consequente encarecimento da vida.

O amanho das terras tornou-se cada vez mais dispendioso, subindo de preço os generos destinados ao consumo publico.

Não sómente na velha Europa, mas tambem na joven America, estes factos se fazem sentir e dão que pensar aos governantes e governados.

Ainda ha pouco tempo a Allemanha experimentou uma crise tremenda na sua vida rural e nos Estados Unidos as difficuldades da agricultura constituiram ponto de programma para os candidatos á presidência da republica.

Na Italia, Mussolini encetou uma verdadeira campanha nacional contra o exodo das populações campesinas, que emigram para os grandes centros urbanos.

Em nosso Brasil este phenomeno de migrações dentro das fronteiras patrias reveste-se de consequencias mais graves para o futuro, pois ao lado do trabalhador nacional, que deserta do interior do país, vêm formar levas e levas de imigrantes, que se deixam ficar no litoral, avolumando as fileiras dos desoccupados, que perambulam por toda parte.

Os interesses da nacionalidade exigem uma legislação severa, que feche as portas a certa especie de estrangeiros e facilite a entrada de lavradores, que venham explorar esta terra exuberante de seiva.

A incuria do poder legislativo prepara uma série de problemas, que comprometterão o futuro deste grande país. A limitada industria nacional e a escassa densidade da população não permitem

que comecemos desde agora a lutar com a falta de trabalho, o urbanismo e o encarecimento da vida, em uma terra tão generosamente dotada pela natureza.

A riqueza cria necessidades. Muito exacto.

O augmento das rendas acarreta novas despesas, e exige conforto e diversões.

Alcançando, nas capitaes, maior salario e encontrando meios faceis de se entregarem aos prazeres, os camponêses a elles se entregam, na frequencia de cabarés, theatros, cinemas, tascas e outros centros de perdição moral. Ahi deixam o que, economizado, poderia constituir as reservas para os dias amargurados, quando doentes ou despedidos da officina.

Pertencendo, em sua grande maioria, ás caixas de pensões e sociedades mutuas, perderam a parcimonia dos seus antepassados, que conservaram o *pé de meia* e o mealheiro.

A corrupção dos costumes, consequentemente, entrou a grassar entre os humildes e os desherdados da sorte.

Para aggravar o mal, os incredulos e os liberaes afastaram dos templos as multidões, attra-hindo-as ás festas e aos divertimentos. Prégaram uma doutrina de igualdade, mas não a igualdade de direito, que ensina a Egreja — o rico é irmão do pobre e seu semelhante, dentro da desigualdade de classes estabelecida pelo proprio Deus.

As novas idéas vieram aggravar o descontentamento geral do proletariado.

O seculo passado anniquilou as *corporações dos misteres*, creadas na Idade Media, que amparavam o operario, davam-lhe protecção e, ao mesmo tempo, envidavam esforços em pról da harmonia das classes e mantinham, entre as mesmas, os laços sagrados da caridade christan.

A legislação e as instituições publicas, ao passo que garantiam e protegiam a riqueza, deixavam ao

abandono os trabalhadores, victimas da cobiça desenfreada dos senhores deshumanos e divididos, entre si, pela concorrência desleal.

Por fim os opprimidos comprehenderam a situação precaria em que se achavam e acordaram para a reacção. E a reacção foi terrivel.

Chegou a hora das reivindicações dos espoliados contra a ganancia dos exploradores desalmados.

Conscios de sua força numerica, conhecendo, á evidencia, a importancia do papel que desempenham na vida da sociedade, convictos da justiça de sua causa, apresentaram-se para um ajuste de contas. A miseria commum, habilmente explorada por homens ambiciosos do mando, creou a solidariedade de classe, que permite formidaveis paredes, como a grêve dos mineiros da Inglaterra.

A conflagração européa veio agravar as tristes perspectivas das nações e ensombrar de negras os horizontes dos povos.

A mobilização geral, por quatro lugubres annos, exauriu as energias nervosas da raça humana; o encarecimento dos generos indispensaveis á vida, a industrialização de países novos até então simples consumidores de productos manufacturados, e o augmento continuo dos compromissos dos governos, provenientes das dividas de guerra, vieram tornar intoleravel uma situação já difficil e periclitante.

O mal-estar alastrou-se por todo mundo, sem excepção de continentes ou nacionalidades.

Não sómente os velhos países da Europa experimentaram os effeitos desta crise tremenda, mas tambem os Estados Unidos e a Australia, em pleno desenvolvimento economico, com reservas immensas de riquezas naturaes, são theatro de greves taes que põem em sobresaltos os mantenedores da ordem publica.

Eis o quadro da hora que passa.

## A EGREJA E O FUTURO

Resta confrontar as theorias modernas, as questões politico-sociaes, com a situação do catholicismo, na derrocada do seculo presente.

«Julgo, escreveu o grande autor da «DEMOCRACIA NA AMERICA», que não ha razão de se ter a religião catholica como inimiga natural da democracia. Entre as varias doutrinas, o catholicismo me parece, ao contrario, uma das mais favoraveis á igualdade de condições».

Falloux proferiu estas palavras: «No meio das divisões contemporaneas, um unico facto permanece incontestavel: *é o advento da democracia*. Nenhum estado social exige mais imperiosamente a infiltração do christianismo».

O movimento politico, que marcha e progride neste seculo, tem raizes profundas no coração humano e nos principios do Evangelho.

A justiça social reclama uma instrucção intellectual mais completa, uma moralidade mais perfeita, uma assistencia material mais ampla e uma influencia politica mais equitativa para as classes laboriosas.

São estes os sentimentos que inspiram e culminam as reivindicações operarias.

Reclamam a igualdade — um direito humano.

Pedem liberdade — uma coisa sublime.

No entanto, ahi reside a difficuldade toda, porque da liberdade á licença, da igualdade á familiaridade vae um passo sómente...

Em nome da liberdade os revolucionarios do Terror ensoparam de sangue o solo glorioso da França.

Até nós chega o crepitar do incendio bolchevista, que os algozes do povo russo atearam. Elementos revolucionarios, á sombra da tolerancia dos governos, tentam derrocar nossa organização politica.

Só a Igreja poderá salvar o mundo hodierno e acalmar a tempestade que ruje e ameaça a humanidade.

Dissemos, ha pouco, que as aspirações proletarias encontram fundamento nas maximas ensinadas por Jesus. Exemplifiquemos.

A Igreja realizou a obra admiravel do levantamento dos humildes, dos pobres e dos abatidos.

Os operarios de hoje, que vomitam diatribes contra a religião e a inculcam como indifferente á causa dos desfavorecidos da sorte; estes mesmos, se houvessem existido quando da brilhante civilização greco-romana, não passariam de miseros escravos.

O catholicismo foi a primeira religião que prégou a igualdade entre os homens; não uma impossivel igualdade de facto, mas a igualdade de natureza, em face de Deus, Pae commum da humana especie.

Os sacramentos nivelaram logo todas as categorias sociaes. Na ceia eucharistica senadores e consules tomaram assento com escravos e libertos.

A liberalidade dos ricos e as collectas dos fiéis attendiam ás necessidades dos indigentes e corrigiam as injustiças da sorte.

Este facto não passou despercebido aos Cesares e Augustos, que votaram logo odio á nova crença, com receio de que ella abalasse as bases sobre as quaes repousava o equilibrio do imperio.

A democracia christã procurou dar liberdade aos que gemiam sob a escravidão e cuidou de transformar a condição dos escravos em servos, que, embora obrigados ao trabalho, escolhiam, livremente, o genero de occupação e o senhor a quem entendessem prestar serviço.

No volver da Idade Media, este movimento social foi caminhando até elevar o servo á dignidade de municepe, que gozava de direitos politicos

e vivia a salvo do cutello e baração dos senhores feudaes.

Mais um passo. Os privilegios do municipio abriram caminho aos direitos de cidadania.

Em nossa época este movimento politico-social atravessa um periodo critico de extrema gravidade.

As classes travaram luta entre si: a onda demagogica avança; o futuro apresenta-se como uma esphinge, que ninguem pôde decifrar.

Haverá um accordo? Chegarão os contendores a um entendimento amigavel?

E' cêdo para qualquer prognostico.

No entanto, sejam quaes forem as surpresas de amanha, duas palavras resumirão o papel da Egreja: justiça e caridade.

Procurará, por todos os meios a seu alcance, afastar os espantosos perigos, que aguardam a sociedade. Lançará o ramo de oliveira no campo em que se degladiam patrões e operários, separados em guerras fraticidas. Condemnará toda expliação e injustiça, sem olhar quem a pratica. Consolará todas as victimas.

Se um reviramento da humanidade inverter a situação das classes, a religião catholica continuará, impavida, sua rota luminosa.

Hoje préga ao proletario a submissão ás condições de vida, resignação á vontade divina e as esperanças eternas.

Aponta o exemplo de José, o carpinteiro de Nazareth, que ganhava o pão com o suor de seu rosto.

Amanhan, ensinará as mesmas verdades aos ricos, privados de seus thesouros, aos proprietarios despojados dos seus bens.

Mostrará aos ex-argentarios a figura do mesmo José, descendente da casa real de David e reduzido á mesquinha condição de operario.

Desempenhará mais uma vez o papel que representou nos V e VI seculos, quando a velha aristocracia romana cahia ante os barbaros invasores, para, num amplexo de caridade, unir vencedores e vencidos, preparando o advento da civilização christan, que esplendeu na Idade Media.

Deste modo o catholicismo aguarda os acontecimentos e não lhes teme as consequencias.

Os proprios inimigos da religião, os mais encarniçados, reconhecem esta verdade.

Taine, em VOYAGE EN ITALIE, cita a celebre passagem do grande publicista protestante Macaulay, affirmando que o catholicismo será grande e respeitado, quando um viajante da Nova Zelandia se detiver, no meio da solidão, a desenhar as ruinas da soberba cathedral de S. Paulo, de Londres.

Proudhon pergunta: «Quereis conhecer este principio creador e conservador da Egreja? A Egreja crê em Deus. Ella crê melhor que nenhuma outra seita. E' a mais pura, a mais completa, a mais brilhante manifestação divina; e não existe, fóra della, quem saiba fazer um acto de adoração».

O catholicismo permanece indestructivel e coheso, não obstante as commoções internas e os assaltos dos inimigos externos, porque saturou o coração humano com o pensamento em Deus.

\* \* \*

«Ora, naquelle tempo havia gigantes sobre a terra, porque, depois que os filhos de Deus tiveram commercio com as filhas dos homens, geraram estas homens possantes e afamados no seculo.

Vendo, pois, Deus que era em extremo grande a malicia dos homens na terra, e que todos os

pensamentos dos seus corações em todo o tempo eram applicados ao mal...

Pesou-lhe de ter creado o homem na terra, e, tocado de dôr, disse:

Eu destruirei o homem que creêi, desde o homem até os animaes, desde os reptis até as aves do céu, porque me pesa de os haver creado». Genesis, VI, 4—7.

A citada passagem do Pentateuco, parece, applica-se ao seculo presente.

O homem moderno, pelo progresso realizado, tornou-se verdadeiro gigante.

Construiu chaminés mais elevadas que os maiores obeliscos da antiguidade; soltou monstruosas aeronaves á conquista dos espaços; por meio da electricidade, pôz em contacto as nações mais remotas; paquetes transoceanicos fazem o escambo dos productos mais variados da terra; emfim, a civilização material avançou até onde não mais podia ultrapassar.

E' de temer que a sorte destes novos gigantes não seja mais feliz que a dos seus antepassados, mencionados pela Sagrada Escriptura.

O homem concentrou todas as suas energias na materia e já não o anima o sopro do espirito sobrenatural. Na embriaguez dos seus triumphos, no esplendor de suas conquistas, acredita-se o unico senhor, o soberano a quem tudo está sujeito e que a ninguem deve homenagem.

Chega, pois, a hora da expiação.

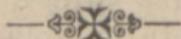
As descobertas scientificas tornam-se engenhos de destruição, machinas de morte, como na grande guerra.

As competições internacionaes e as agitações operarias enchem o mundo de lamentos e gritos de desespero. O industrialismo prepara a desgraça da sociedade hodierna.

Virá o diluvio. Não um diluvio de agua, mas um diluvio de fogo e sangue.

As fontes do abysmo e as cataractas do céu não submergiram a arca de Noé, que resistiu á inundação universal.

Das ruinas de todas as instituições humanas, do occaso dos imperios e das republicas restará alguma coisa intangivel: a barca de Pedro — A Igreja Catholica.



## A LIBERDADE DA ESCOLA

Entre as preocupações dos governos modernos surge, em primeiro plano, o regime escolar, isto é, o molde da instrução publica.

O estadismo laico, filho da Revolução francesa e dos Direitos do homem, intenta fazer da creança uma propriedade nacional e, deste modo, vindicar para o ministerio official as prerogativas inherentes á instrução e educação da juventude.

Encarando o problema sob um ponto de vista superior, acima dos preconceitos philosophicos, resalta aos olhos do observador ponderado que tres instituições de origem natural e divina se acham intimamente ligadas, em razão de vitaes interesses, no que toca á escola: a familia, o Estado e a religião.

A familia cabe, em primeiro logar, o direito de educar os seus membros, pois é ella uma sociedade anterior a todas as outras. O Estado tem alçada sobre o preparo intellectual dos futuros cidadãos, que devem continuar as glorias da patria. A Igreja, sociedade sobrenatural e universal, precisa de formar o espirito humano para a conquista de um destino eterno.

Da harmonia entre estas tres sociedades, do mutuo respeito aos seus direitos, surgirá um regime de perfeita tolerancia que garantirá a verdadeira liberdade em materia de ensino.

Encontrar uma solução opportuna e uma formula que satisfaça ao mesmo tempo aos direitos da familia, aos interesses do Estado e á finalidade da religião, eis a questão maxima para os catholicos dos nossos tempos.

Os males decorrentes da falta de educação religiosa, quer para o individuo, como para a familia e a sociedade, são de tal ordem que até os anticlericaes os confessam. Aqui, porém, não temos o proposito de ventilar este assumpto, mas simplesmente defender os direitos da familia sobre a formação intellectual e moral dos seus membros.

Peçamos á historia a lição dos factos e os povos antigos nos dirão se ao Estado ou á familia assiste o maior direito de instruir a juventude.

Esparta e Roma apresentam typos diversos de cultura e preparo popular.

A primeira recebeu de Lycurgo uma legislação apta a formar um povo guerreiro e conquistador. Dividiu os cidadãos em tribus; decretou a eliminação dos fracos e invalidos; deu ao Estado forte organização militar; instituiu a educação em commum.

Após uma série de guerras duras e sangrentas conseguiu Esparta estabelecer uma ephemera hegemonia sobre as outras republicas da Grecia continental, mas, dentro em pouco, foi esmagada pelos povos rivaes, passando das mãos dos seus tyranos para o dominio de Roma.

Ao invés disto, os romanos nasceram, cresceram e se engrandeceram á sombra da liberdade escolar, do ensino ministrado pela familia. Tanto na republica, como no imperio, na idade de ouro da cultura latina, os paes eram o arbitro supremo da educação de sua prole.

O poderio das aguias demonstra-se tão grande na historia que dispensa qualquer commentario.

No imperio o primeiro a violar a liberdade do ensino foi o apostata Juliano, que desejava isolar os christãos da vida intellectual.

As nações modernas encontrarão na historia antiga prestantes lições e advertencias para não desprezarem os direitos naturaes.

Os governos contemporaneos enveredaram largamente por um systema de educação popular

muito semelhante ao que preparou os antigos guerreiros espartanos. Depois não se admirem dos resultados nem se lamentem das consequências...

No colapso da civilização antiga, nas invasões barbaras, a Igreja recolheu e abrigou a sciencia e preservou da ruína total os mais preciosos thesouros das raças hellenicis e latinis. E, deste modo, preparou o ambiente cultural em que, segundo a judiciousa observação de Thiers, floresceram genios da tempera de Bacon, Descartes e Galileu.

O estadismo hodierno, conscio do poder moral que a escola usufrue sobre o animo da juventude, procura, por todos os meios, arrancar á Igreja este ponto de apoio. Em favor das ambições laicistas surgiu uma theoria absorvente, que entrega ao poder publico, como propriedade, a infancia e estabelece, sob bases capciosas, a confusão entre instruir e educar.

A noção exacta das coisas não permite que se estabeleça a igualdade de direito entre enriquecer a mente de conhecimentos variados e desenvolver as faculdades da alma. A instrucção prepara os sabios; a educação forma os bons; uma adorna a intelligencia, a outra ennobrece o coração humano.

A escola é o cadinho onde se depuram as gerações; se christan, terá unidade de principios, bases definidas e fins alevantados; se laica, educará uma mocidade, senão impia, pelo menos vacillante nas crenças religiosas e incapaz de enfrentar os partidos subversivos.

Bofadini escreveu recentemente: «Temos trabalhado em destruir por uma educação materialista todo o sentimento religioso das nossas populações, e ao mesmo tempo estamos destruindo, por uma politica cheia de absurdos, aquellas mesmas, razões de bem estar, a que o materialismo parece ser tão devotado».

De facto. A escola sem Deus fórma uma mocidade anarchica e indisciplinada, minada pela corrupção dos costumes e enfraquecida pelo vicio. E assim se prepara a ruina da sociedade de amanha.

O prurido de laicizar o ensino introduziu o cháos no preparo intellectual das gerações novas: a zoologia intenta demonstrar a origem simiesca do homem; a historia conspira contra a veracidade dos factos e deturpa-lhes a significação; a philosophia esposa o materialismo; a ethica professa doutrinas epicuristas; as bellas artes desprezam as fontes naturaes da inspiração e vão buscar motivos na cultura pagan.

O abalo das idéas e a sua repercussão na estabilidade das instituições vigentes já influem de tal modo na vida publica das nacionalidades que os governantes procuram algum succedaneo para a consciencia religiosa.

A instrucção moral e civica é a panacéa do seculo, a taboia de salvação a que se apegam os governos afastados dos principios basicos, que incutem no animo do povo a ordem social e o respeito á lei. Buscam um apoio na consciencia individual e na propria noção do dever, já que o espirito de revolta tudo ameaça transtornar.

As consequencias terrificas da moderna demagogia, claramente patenteadas na desordem moral e social do após guerra, impõem aos governos sensatos a obrigação de estricta vigilancia contra o espirito revolucionario deste agitado começo de seculo.

A estructura intima da collectividade humana não dispensa solida organização defensiva contra os principios dissolventes, que minam o actual estado politico e economico dos povos. Os fructos da revolução, nos desgraçados países, que tomou para campo de suas nefastas experiencias, demonstram que a anarchia e a perseguição religiosa não pôdem trazer felicidade ás nações.

Portugal, em 1910, deu por terra com a monarchia e o clericalismo. Longa série de agitações

políticas tem convulsionado o ex-reino e; no entanto, quaes os beneficios provenientes deste novo estado de coisas? O liberalismo em nada contribuiu para o engrandecimento economico e progresso cultural da antiga Lusitania.

O bolchevismo destruiu o vetusto throno dos czares, proclamou a liberdade do povo russo e desde 1917 que a Moscovia offerece ao mundo o triste espectáculo de um povo que se suicida. A' desordem politica juntou-se a miséria economica, para, congregadas, encherem as paginas do martyrologio de uma raça.

O Mexico, ha uns vinte annos, cahiu em poder dos caudilhos anticlericaes e ninguem poderá sustentar que o povo mexicano viva feliz e que o país desfrute de situação privilegiada, quer no que toca á ordem interna, quer no que se refere ás relações exteriores.

Estes factos vão trazendo nova luz ao que importa ao bem dos povos e á conservação da sociedade.

Hoje podemos dizer que já se observa uma orientação nova em materia de pedagogia e que a formação espiritual da mocidade vae voltando á Igreja Catholica.

Ha um facto digno de nota e que resalta ao olhar investigador do estudioso: os catholicos gozam de maiores direitos nos países em que estão em minoria, como Allemanha, Hollanda, Inglaterra e Estados Unidos, que na França, Belgica e Italia, onde a maioria da população professa o catholicismo.

Ora, se a democracia é o governò do povo, o predomínio absoluto do numero de suffragios eleitoraes, os países catholicos deveriam tutelar, do melhor modo possivel, os interesses espirituaes dos seus subditos. No entanto, vemos o contrario.

A explicação, porém, não parece difficil.

Na Allemanha e na Hollanda, a luta contra a prepotencia protestante foi condição de vida ou morte para os catholicos; a defesa dos interesses

da familia e da religião creou a organização e da organização surgiu a acção publica.

Na Inglaterra e nos Estados Unidos o facto deverá ser attribuido á grande acceitação e diffusão que lá tiveram principios proclamados pela Revolução; se os anglo-saxões não respeitam os direitos divinos da Egreja, respeitam os direitos sagrados da familia.

Noutros países catholicos, infelizmente, o liberalismo enfraqueceu a consciencia politica dos cidadãos, conseguindo impôr a separação entre religião e o Estado, a secularização dos cemiterios, a laicidade do ensino, o casamento civil, o divorcio e medidas vexatorias para o exercicio do culto divino.

\* \* \*

Agora passemos em revista a situação dos catholicos de varios países, no tocante ao ensino religioso.

Na Allemanha, após a gloriosa luta do *Kulturkampf*, as condições escolares melhoraram sensivelmente.

O socialismo entendeu riscar da constituição republicana o ensino da religião. Mas o clamor de todo o episcopado, unido ao professorado catholico, conseguiu a retirada do iniquo projecto.

Na luta para a conquista da liberdade da instrucção religiosa, nas escolas publicas, tanto os catholicos como os protestantes se encontram de accordo, porque reconhecem que é dever supremo e direito natural dos paes a educação physica, moral e social da prole.

A Baviera, segundo G. Monti, é, na confederação germanica, o Estado que melhor mantém, ao menos em principio, o caracter christão da escola primaria. Os cursos secundarios são simultaneos, mas a Egreja exerce sobre elles uma vigilancia directa, emquanto que na Prussia esta vigilancia é

indirecta. Em ambas o Estado sustenta as faculdades universitarias catholicas de theologia, philosophia e historia.

Apesar disto, os catholicos procuram firmar o principio e a actuação progressiva da escola inteiramente catholica em todos os gráus.

Os diversos Estados da federação americana favorecem a iniciativa, no que toca ao progresso da instrucção publica, sem se arrogarem ingerencia alguma nos programmas e na administração. A' sombra desta tolerancia governamental os catholicos fundam e multiplicam seus estabelecimentos de ensino, de todos os gráus, com os mesmos direitos que os institutos officiaes. Cêrca de cem milhões de dollares consomem os catholicos com as escôlas que possuem.

Na Inglaterra, os dois milhões de catholicos, dispõem de escolas proprias, para instrucção dos seus filhos; embora não disponham de uma universidade, frequentam as livres do typo antigo, como Oxford e Cambridge, onde os capellães exercem vigilancia particular e instituições especiaes conservam a solidariedade espirital entre os filhos da Egreja Romana.

A Hollanda, protestante, offerece, neste ponto, condições mais satisfactorias que a Belgica, onde os catholicos, apesar da sua maioria numerica, assistem á avançada sempre crescente e ameaçadora dos socialistas e antichristãos.

O regime fascista, querendo levantar as instituições desacreditadas do systema parlamentar, inaugurou nova ordem de coisas.

Ha uma declaração de Mussolini que encerra preciosas verdades:

«A Italia é um país catholico, por isso, é preciso que nas escolas se ensine o catecismo. Um país é forte, se é moral; e não é moral sem religião. Na formação da creança é mistér dar preeminencia ao ensino religioso, segundo a formula estabelecida pela tradição catholica».

Não obstante, porém, tão bellas palavras, a reforma Gentile não offerece garantias efficazes á verdadeira liberdade pedagogica, antes prepara um disfarçado monopólio official.

A solução da questão romana deixa prevêr dias mais felizes para a monarchia da familia de Saboya.

A concordata celebrada a 27 de Setembro de 1927 entre a republica da Lithuania e a S. Sé apresenta o exemplo do respeito que o Estado catholico deve aos direitos ecclesiasticos.

O artigo XIII do referido tratado estabelece o ensino religioso obrigatorio em todas as escolas publicas ou subvencionadas pelo Estado. O programma e a escolha dos textos é da competencia da autoridade ecclesiastica. A nomeação dos docentes e a vigilancia sobre o ensino religioso, no que diz respeito ao seu conteúdo e á moral dos professores são feitas de conformidade com o Direito Canonico. Caso o Ordinario retire a algum dos professores a faculdade que lhe havia dado, este ultimo perderá o direito de ensinar a religião.

Além de outras disposições de ordem administrativa e disciplinar, o Estado compromette-se a promover os meios pelos quaes os alumnos das escolas publicas ou subvencionadas possam cumprir convenientemente os seus deveres religiosos.

No que toca á educação da juventude catholica, a republica reconhece os direitos previstos pelo canon 1.381 e dará portanto attenção ás observações justificadas dos pastores diocesanos.

As concordatas celebradas com a Lettonia, 30 de Maio de 1922, com a Baviera, 29 de Março de 1924, e com a Polonia, 10 de Fevereiro de 1925, mostram da parte do poder civil sentimentos de justiça e tolerancia e a confiança de que os sobre-ditos tratados não affectam a soberania nacional nem compromettem a liberdade scientifica do ensino publico.

Os países democraticamente organizados devem ser coherentes: se adoptam um regime fun-

dado sobre o principio do predominio da maioria, devem respeitar os preceitos basicos da religião que professa o maximo numero dos seus cidadãos.

A philosophia racional, o direito publico e as tradições da civilização christan, mandam pôr a salvo, em materia de ensino e educação, os direitos primordiaes da familia.

Yves de la Brière diz:

«A comunidade politica foi instituida para garantir os direitos e legitimos interesses da sociedade domestica e não para os absorver, os confiscar, se substituir ella mesma ao papel normal e natural da familia. Por investidura divina, são os paes os primeiros responsaveis, na educação e instrucção dos filhos. Um Estado bem regulado ha de reconhecer que seu officio é, não o de lhes disputar este papel, mas o de respeitá-os e ajudá-os no cumprimento de sua nobre missão natural e providencial».

Ao Estado cumpre vigiar, para impedir tudo que na formação da juventude possa trazer prejuizo aos interesses da comunidade social e supprir ao que faltar ás iniciativas das familias e dos grupos particulares.

Aspectos curiosos apresenta o liberalismo do seculo. Entre as potencias signatarias do tratado de Versailles — tratado que garante a lingua e a religião das minorias ethnicas — ha Estados constitucionaes que violentam a consciencia da quase totalidade dos seus subditos.

A França, onde vem de Napoleão I a tendencia de transformar o ensino em monopolio do Estado, apresenta um exemplo typico.

As vexatorias leis de Combes, contra as congregações religiosas, fecharam 7.164 estabelecimentos com 1.487.000 alumnos, sem contar com as escolas francêsas da Syria, Palestina e Egypto, onde se educavam 130.000 creanças.

A situação do Brasil merece estudo particular.

O cesaro-papismo trabalhou fundamente a velha monarchia dos reis fidelissimos, preparando uma constituição liberal, no reino, e um regime demagogico, na republica.

Na colonia, o poder civil interferia, indebitamente, no governo da Igreja.

O primeiro bispo de nossa patria teve que ir á metropole justificar-se das accusações dos prepostos de El-Rei Nosso Senhor...

O Marquês de Pombal, omnipotente ministro do fraco José I, expulsou os jesuitas, fechou-lhes os seminarios, deixando, para todo o Brasil, apenas, o seminario de Pernambuco, com professores formados na Universidade de Coimbra; um corpo docente mais a preparar funcionarios publicos que serventuarios ecclesiasticos.

O primeiro Imperio experimentou de perto a influencia da maçonaria, que se revelou na intromissão injustificada do governo em materia attinente aos interesses vitaes da religião.

A Regencia decorreu sob o liberalismo de batina do Padre Diogo Antonio Feijó, que, se illustrou o nome na qualidade de primeiro magistrado do imperio, não soube zelar as prerogativas sagradas da religião, cujo ministro era.

O segundo Imperio reflectiu, em sua politica, as idéas voltairianas de D. Pedro II.

O ultimo imperante fazia alarde de suas crenças liberaes e hobreava os reis philosophos, como José II, da Austria, Frederico II, da Prussia, e Catharina II, da Russia.

A extincção dos noviciados das ordens religiosas, os embaraços postos á erecção de novas dioceses e parochias e outros factos semelhantes abriram caminho á questão religiosa, que levou ao carcere os grandes prelados D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, bispo de Olinda, e D. Antonio de Macedo Costa, do Pará.

Este estado chronico de hostilidade aos interesses vitaes e sagrados da religião preparou o

advento do agnosticismo republicano, que fére, tão profundamente, os direitos espirituaes da população brasileira.

A separação entre os poderes espiritual e temporal trouxe, incontestavelmente, muitos beneficios á Egreja no Brasil.

A' sombra do novo regime multiplicaram-se as dioceses, as parochias centuplicaram e as instituições religiosas viçam e proliferam por todo país.

Infelizmente, porém, muitas culpas graves pesam em nossa consciencia de nação catholica; entre estas as maiores: o atheismo official e o laicismo escolar.

A mentalidade dos nossos governos póde synthetizar-se nas palavras de Campos Salles, no celebre discurso, no Senado, a 13 de Junho de 1891:

«Emquanto fôr necessario combater a influencia da Egreja, para garantir, com a acção do poder civil, o progresso social, eu a combatarei».

Esta estreiteza de vistas encontrou cabal refutação na monumental conferencia de Ruy Barbosa, no Collegio Anchieta. A *Agua de Haya*, reivindicando a origem e o espirito de nossa lei organica, assim se expressa:

«Ha por ahi uma feição peculiar de radicaes, emanação da França voltairiana, da França revolucionaria, da França jacobina, da França comtista, que imaginou engendrar a theoria da nossa constituição á luz das tendencias francêsas, das preocupações francêsas, das reacções francêsas, das idiosyncrasias francêsas.

Mas, senhores, a constituição federalista do Brasil não tem a mais remota descendencia ás margens do Sena. Sua embryogenia é exclusiva e notoriamente americana. Ora, os americanos, por esse lado, não devem nada á influencia francêsa. Em 1789, quando a França abriu a éra tormentosa das suas revoluções, dois annos havia que os Estados Unidos fruiam pacificamente a sua constituição actual. A celebre *Declaração de Direitos do*

*Homem* é de 1791. A *Declaração* americana é de 1776. De 1791 foi a primeira constituição francêsa. A primeira americana foi de 1787. De modo que os Estados Unidos precederam annos e annos á França no regime das constituições escriptas e na declaração das liberdades humanas. A Constituição francêsa tem sua ascendencia na philosophia do seculo XVIII e no *Contracto Social* de Rousseau, com algumas indigestas reminiscências inglêsas, hauridas em Montesquieu. A americana, com uma estirpe de seis seculos no Tamisa, venerava a sua primeira avoenga na Magna Carta, as ultimas nas cartas coloniaes e nas constituições das colonias emancipadas, tudo genuina e directa progenie dessa liberdade inglêsa, que nunca se separou da Biblia e da Cruz...»

Tocqueville já havia observado que a religião era a mais alta instituição da democracia americana.

Ao lado dos luminosos conceitos da maior cerebração da nossa nacionalidade, ha declarações formaes dos primeiros magistrados e patriarchas da jurisprudencia dos Estados Unidos.

O notavel juiz Cooley diz abertamente:

«Nenhum preceito do direito constitucional se quebranta quando se fixa um dia de acção de graças e jejum, quando se nomeam capellães para o exercito e a marinha, quando se abrem as sessões legislativas orando, ou lendo a Biblia, quando se anima o ensino religioso, favorecendo com a immunidadade tributaria as casas consagradas ao culto...»

Pódem bradar as *vestaes da Constituição*, pódem clamar os phariseus da Republica; ahi estão exarados os preceitos da verdadeira democracia, que sabe respeitar os principios religiosos do povo e salvaguardar os direitos da consciencia publica.

A' luz de uma interpretação logica dos dogmas da lei organica de nosso regime, o sr. Antonio Carlos, presidente de Minas Geraes, acaba de es-

tabelecer o ensino religioso nas escolas publicas, dentro do horario disciplinar.

### NOTA:

Estava terminado este ensaio, quando o tratado de Latrão veio solucionar a «Questão Romana».

A liberdade da escola e os direitos da Igreja foram salvaguardados pelos artigos infra transcriptos.

## O ENSINO RELIGIOSO

*Art. 35* — Para as escolas de ensino secundario, dirigidas por corpos ecclesiasticos ou religiosos, a instituição do exame do Estado fica valida, tanto para os candidatos dos institutos governamentais como para os das ditas escolas.

*Art. 36* — A Italia considera como base e perfeição da instrucção publica o ensino da doutrina christan, segundo a tradição catholica. Por isto, ella consente que o ensino religioso actualmente dado nas escolas publicas elementares, tenha desenvolvimento ulterior nas escolas secundarias, sendo estabelecido um programma de accordo com a Santa Sé e o Estado. Este ensino será dado por intermedio de mestres ou professores, padres ou religiosos, approvados pela autoridade ecclesiastica e subsidiariamente por mestres e professores leigos, que para isto tenham um certificado de capacidade, passado pelo Ordinario diocesano. A revogação do certificado pelo Ordinario, priva o mestre de poder ensinar. No ensino religioso das escolas publicas, só serão accetos livros approvados pela autoridade ecclesiastica.

*Art. 37* — Os dirigentes das associações do Estado para a educação physica, para a preparação militar, afim de não impossibilitarem a instrucção

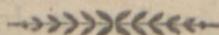
e assistencia religiosa á juventude a elles confiada, regularão os seus horarios de modo a não impedirem o cumprimento dos deveres religiosos nos domingos e dias santos. Os directores das escolas publicas farão o mesmo para as reuniões eventuaes dos alumnos em dias de festa.

## AS UNIVERSIDADES CATHOLICAS E OS SEMINARIOS

*Art. 38.* — As nomeações dos professores da Universidade Catholica do Sagrado Coração e do Instituto annexo de ensino Maria Immaculada, são subordinadas ao *nihil obstat* da Santa Sé, que póde affirmar se ha objecções sob o ponto de vista moral e religioso.

*Art. 39.* — As Universidades, os Grandes e Pequenos Seminarios, sejam diocesanos, sejam interdiocesanos, regionaes, as Academias, os collegios e outras instituições catholicas, para a formação e cultura dos ecclesiasticos, continuarão a depender unicamente da Santa Sé, sem nenhuma interferencia das autoridades escolares do reino.

*Art. 40.* — As patentes em Sagrada Theologia dadas pelas Faculdades, approvadas pela Santa Sé, serão reconhecidas pelo Estado italiano. Serão igualmente reconhecidos os diplomas conferidos nas escolas de archivistas paleographos e nas de diplomatica documentaria erectas junto á bibliotheca e aos archivos da Cidade do Vaticano.



# CHRISTUS REX

E' admiravel esta Egreja Catholica.

Velha de vinte seculos e ostenta a pujança de forças dos primeiros tempos do christianismo.

Na época em que as doutrinas libertarias e os systemas politicos proclamam os direitos do homem e ruem os thronos mais antigos do universo, um ancião, prisioneiro de Estado, sem armadas e sem exercitos, decreta officialmente, para o mundo inteiro, a festa do Christo-Rei.

Não é de admirar. O catholicismo goza das garantias da perpetuidade, recebeu a promessa de uma duração interminã — até á consummação dos seculos.

Dahi esta força de reacção, este poder de resistencia, que a religião romana offerece.

Affirmam as palavras Christo-Rei uma realza extraterrena, o dominio das consciencias por parte daquelle que declarou: Eu sou rei, mas o meu reino não pertence a este mundo.

Realeza implica a suprema autoridade a que possa ascender um homem. O sceptro resume o poder cesareo, a corôa ostenta o esplendor da majestade.

Alguem definiu a autoridade monarchica com estas breves palavras: o rei reina e não governa.

Ha soberanos por direito de nascimento, de conquista e de gratidão dos povos.

Reis por direito de nascimento são os principes que, legalmente, succedem aos paes na posse do throno. A historia antiga e moderna guardalhes os nomes; poderosos e illustres como o que

affirmava: o sol não conhece occaso em meus dominios; fracos e obscuros, como os chefes das tribus e os regulos africanos.

Reis por direito de conquista são aventureiros ousados, que as auras da fortuna e o exito dos combates elevaram ao solio. E' Alexandre, que da pequena Macedonia estendeu seu poderio sobre a Asia inteira; é Bonaparte, o genio das batalhas, que conquistou a Italia, subjugou o Egypto, humilhou a Germania e depois se assentou no throno da França.

Reis pela gratidão dos povos são aquelles que as nações aclamam e corôam, como reconhecimento de feitos memoraveis, e lhes conferem o supremo commando da coisa publica.

Todas estas glorias, porém, todos estes esplendores são ephemeros e inconstantes. Quando a corôa não tomba em meio dos temporaes revolucionarios, a morte se encarrega de fechar o cyclo dos reinados, restando apenas de todas as pompas um nome que os fastos humanos registam e alguns estudiosos vão exhumar na noite dos tempos.

Um rei existe, entretanto, cujo throno atravessa todas as épocas e cujo dominio se estende a todos os continentes.

E' Christo: rei de uma realleza eterna.

Senhor pelo direito da filiação divina, conquistou, pela sua morte, o imperio das almas, onde o sustenta a gratidão dos povos da terra.

A realleza absoluta do Christo se affirma pela filiação eterna do Pae, pela conquista do genero humano, effectuado na collina sagrada do Golgotha, e se perpetúa através dos tempos e das gerações pelo culto de fé e de amor que o Homem-Deus recebe incessantemente.

A origem divina de Jesus está declarada nas prophcias, que acalentaram as esperanças de restauração nacional de Israel.

Jacob falou do Desejado das collinas eternas; Argeu chamou-o de Desejado de todas as

nações e Isaias vaticinou o advento de Deus conosco, Pae do futuro século e Principe da Paz. E Michéas, ainda mais claramente: Tu, Belém Ephrata, és bem pequena entre as numerosas cidades de Judá, e contudo é do teu seio que ha de sahir o dominador de Israel, Aquelle que existe desde o principio, e cuja geração remonta á eternidade.

Estas prophecias attingiram á realisação quando houve paz no universo e o sceptro do povo de Deus sahiu da casa de David.

Christo conquistou o mundo, ou, melhor, venceu-o pela morte da cruz. O dominio deste novo senhor começou pela victoria contra a morte e prosegue sua marcha triumphal no rolar dos séculos, contando as victorias pelos combates em que se empenha.

O rabbi da Galiléa affirmou a propria divindade e subiu ao supplicio infamante para confirmar esta declaração. A historia da Egreja comprova que só um Deus seria capaz de exercer sobre as almas uma influencia tão vasta e duradoura.

O imperio romano, com 200 milhões de subditos, não encontrava seis virgens voluntarias, que mantivessem acceso o fogo sagrado do altar de Vesta. Para haver sacerdotizas era necessario o emprego de meios coercitivos, pois as honras e os favores não bastavam.

Veiu o Christo e milhares de virgens se offerceram aos supplicios mais horriveis, por amor do justicado do Calvario. Ainda hoje, as vocações religiosas renovam, de modo incruento, embora as immolações dos circos de Roma. Entre a derrocada moral, a que assistimos, rescende o perfume das virtudes heróicas do lirio de Lisieux, Teresinha do Menino Jesus.

O Homem-Deus não conquistou apenas os corações ternos e delicados das donzellas; maior victoria alcançou contra todos os erros, que entenebravam a mentalidade humana, entre as contradicções dos philosophos pagãos. E este prestigio intellectual, longe de esmaecer com os progressos

da sciencia, caminha mais seguro e avassalador. Bastará citar alguns nomes dos nossos dias, para vêr que o catholicismo vive e triumpha nos cerebros mais esclarecidos.

Não sómente os monjes elocubradores da idade medieval, mas os sábios mais conceituados de nossos dias reconhecem a incomparavel força da fé e a influencia intellectual da religião catholica.

Os tempos hodiernos confirmam as palavras judiciosas de J. B. Dumas: O Deus da revelação é o mesmo Deus da natureza. A sciencia não mata a Fé e a Fé mata ainda menos a sciencia.

A vida de Pasteur, talvez a maior cerebração scientifica do seculo passado, vem confirmar que a sciencia aproxima de Deus.

Duhem, o grande physico, fallecido em 1916, dizia: Creio de todo o meu coração as verdades que Deus nos revelou e nos ensina pela sua santa Egreja.

T. Schwann, que concebeu a theoria cellular e é um dos fundadores da cythologia, estava de tal modo convencido da harmonia entre as verdades da fé e as descobertas scientificas que, espontaneamente, submetteu o manuscripto das Investigações Microscopicas á revisão ecclesiastica do Arcebispo de Malines.

Lapparent, celebre pelas suas investigações sobre a historia natural dos sêres inorganicos, em carta ao director da *Revue pratique d'apologetique*, escreveu: «Folgo em declarar que minha fé, como catholico, nunca me embaraçou nas minhas investigações scientificas».

Christo reina tambem pela gratidão dos povos, pois a sua religião é a dos opprimidos e dos fracos.

O christianismo reformou a sociedade romana, amenizou os costumes, libertou os escravos, reorganizou a familia e preparou o advento das grandezas moraes da sociedade moderna.

A escravatura constitue a mancha mais negra da civilização greco-romana. Os infelizes reduzidos a este misero estado não gozavam dos sacrosantos direitos de familia. Varrão contava-os entre os instrumentos de trabalho e escrevia: «Ha, porém, uma differença entre elles, e é que os bois mugem, os escravos falam e o arado não diz nada».

Os jogos de circo, o summo prazer do povo-rei, alimentavam uma instituição mais barbara que a escravidão — os gladiadores, victimas humanas, que se haviam de bater contra as feras, nos amphitheatros.

Trajano, na celebração de seu triumpho contra os Dalmacios, offereceu á plebe romana jogos em que pereceram 10.000 homens e 11.000 feras.

A vida dos pobres e infelizes era tal que Platão chegou a escrever estas palavras: Dar de comer e de beber a um pobre é uma loucura; para si, porque é perder o que se tem; para elle, porque é prolongar a sua miseria.

Pouco mais lisonjeira era a situação do operariado, pois philosophos como Aristoteles, Platão, Herodoto, Xenophonte, Cicero e Seneca consideravam o trabalho coisa indigna de um homem livre.

A mulher era mais uma propriedade mobiliaria do marido que uma companheira.

A creança estava exposta aos caprichos infantidas da tyrannia paterna e o judicioso e grave Quintiliano chegou a affirmar que matar um homem é muitas vezes um crime; mas matar os proprios filhos é muitas vezes uma acção louvavel.

O Estado ou a patria constituia uma verdadeira divindade ao ponto de Fustel de Coulanges dizer que a personalidade humana perdia todos os seus direitos, quando se tratava dos interesses da cidade.

Todo direito dos romanos vinha a cifrar-se no Cesar. O Cesar era a lei viva e a verdadeira divindade da cidade, diz Périn.

O direito de guerra comportava a destruição e ruína dos povos vencidos, cujas cidades eram saqueadas e reduzidos os seus habitantes á escravidão.

Toda melhora actual dos costumes humanos promana da igualdade entre os homens, filhos de um Deus.

As conquistas modernas do socialismo e as liberdades politicas levaram o homem ao esquecimento e ao desprezo do Evangelho, que, primeiro, implantou as idéas de liberdade, igualdade e fraternidade, nos seus justos limites.

No entanto, espiritos dos mais cultos não escondem a importancia das realizações moraes e sociaes do christianismo e o philosopho da Grandeza e decadencia dos Romanos deixou esta sentença: «E' coisa admiravel que, não tendo a religião christan, ao que parece, outro objecto senão a felicidade na outra vida, ainda nesta faça a nossa felicidade».

Christo declarou: «Eu venci o mundo» e este, por todos os meios, lhe tem disputado a victoria.

Nos tempos antigos o mundo armou contra a religião nascente os imperadores, os sophistas e os herejes.

Os imperadores esgotaram todos os recursos da força, todos os ardis da malicia e todas as servicias contra os christãos; estes responderam com a só arma da coragem.

Passaram-se os tres seculos de perseguição, em que o sangue ensopou as arenas dos circos e aos adoradores do Crucificado não era licito existir.

E quando, em louco orgulho, os senhores do imperio do mundo ergueram aquellas columnas de marmore a Diocleciano-Jupiter e Maximiniano-Hercules, por haverem destruido o nome christão, soou a hora do triumpho de Christo.

Resplandeceu no céu uma cruz e por este signal de victoria Constantino entra em Roma, apeia os falsos deuses dos seus altares e proclama a divindade de Jesus.

Os sophistas empregaram todos os artificios da linguagem, no intento de lançar a confusão sobre a nova doutrina. Appareceram então os Santos Padres, depositarios da sciencia sagrada e das tradições ecclesiasticas, e confutaram, brilhantemente, estes pretensos philosophos, enfatuados de orgulho.

Mais tarde veiu a heresia, inimigo tanto mais temivel quanto melhor conhecia a vida e constituição da Igreja; gerado e formado *intra muros*, podia attentar de frente contra as bases da fé. Logo os concilios, assembléas veneraveis de confessores de Christo e depositarios do legado das crenças, enfrentaram estes filhos rebeldes e deceparam, com certos golpes, os ramos mirrados da arvore da vida.

Mudaram os tempos e com elles as armas de combate e os ardis da estrategia inimiga, sem attenuação alguma do odio e da tenacidade dos adversarios do reinado de Christo.

Na época moderna se insurgiram contra a Igreja o renascimento pagão, a Reforma protestante e a Revolução francêsa, que subsiste em nossos dias, debaixo do espirito anarchico hodierno.

A Renascença abriu caminho á apostasia das nações. Os homens, esfumada a intelligencia pelo sopro de Satanaz, convencionaram chamar de barbaria os dez seculos de historia, que os genios de Agostinho, Jeronymo, Chrysostomo, Bernardo e Thomás de Aquino haviam illuminado; Carlos Magno e Luís de França tinham conduzido; e grande numero de santos fundadores de ordens religiosas haviam orientado nas sendas do bem e da virtude.

As estatuas impudicas dos deuses substituiram as imagens dos santos e as saturnaes pagans prenderam a attenção dos que deviam assistir ás solemnidades do culto divino.

Os literatos de então chamaram divinos os poetas, os philosophos, os oradores e os poetas

greco-romanos e desprezaram os escriptores christãos e a palavra dos livros sagrados.

As obras maravilhosas, que o sentimento do sobrenatural inspirou, como as cathedraes gothicas, foram taxadas de barbaras e a belleza material fez que os espiritos deixassem de parte a contemplação das perfeições divinas e das virtudes celestes.

Deus, velando pela sua obra, suscitou Julio II e Leão X, que orientaram, em bem da cultura intellectual dos povos, um movimento destinado a abalar o espirito de fé.

No seculo XVI rebentou uma revolta politico-religiosa que, em poucos annos, separou da communhão romana quase todas as nações da Europa septentrional. Reis e povos quebraram os elos da união sagrada e atiraram-se uns contra os outros, em guerras civis.

O concilio de Trento excommungou os falsos reformadores da obra divina e restaurou a disciplina ecclesiastica na sua pureza antiga.

A phalange invicta da Companhia de Jesus combate, sem treguas, os novos doutores, na Europa, e os missionarios, á sombra das selvas americanas e dos pagodes asiaticos, annunciam a bôa nova do Evangelho aos povos barbaros e ás nações selvagens.

Surge mais tarde a Revolução francêsa, definida por M. Freppel como uma cruzada social organizada contra a realza de Jesus Christo.

E o espirito revolucionario, impregnado de odio contra o catholicismo, não tem poupado esforços para lograr este desideratum iniquo.

«E de ha seculo, diz P. Berthe, que a Revolução vem proseguindo, com uma infernal tenacidade, na deschristianização das sociedades e dos individuos. Já as nações, emquanto nações, deixaram por toda a parte de reconhecer a Jesus Christo como seu rei, o Papa como seu chefe e o Decalogo como lei suprema».

Esta revolta do mundo contra Christo reveste, em nossos dias, duplice aspecto: na theoria, é o atheismo e o livre pensamento; na pratica, o anarchismo e a revolução universal.

Certo que, em meio das perseguições, a fé se apaga em algumas almas fracas, a justiça abandona alguns corações tímidos, a virtude inconstante sossobra entre a leva dos escandalos. Deus, porém, vela sobre seus filhos e preserva seus eleitos e o sangue de martyres, que inunda a terra mexicana, ha de ser, como nos tempos de Tertuliano, a sementeira de novos adoradores do Crucificado.

Mas os triumphos de Jesus não contam apenas as flores rubras do martyrio e vinte seculos de perseguições, que o archivo dos tempos, de Nero a Calles, regista. Ha pompas augustas e sumptuosidades magnificas, que affirmam a realeza espiritual.

Se os governos agnosticos fingem ignorar o prestigio da sé apostolica e voltam as costas ao centro da christandade, de onde se irradiava o maior foco de energia espiritual do universo, os povos genuflexos, nas cidades mais cultas da terra, lançam flores á passagem da Sagrada Eucharistia.

As nações experimentam a necessidade de uma força superior, que as sustente e ampare na derrocada dos nossos tempos.

As civilizações da Assyria, Egypto, Grecia e Roma antiga brilharam, momentaneamente, no apogeu da gloria, mas logo cahiram sem esperança alguma de resurreição. O fatalismo dos povos orientaes não lhes permite a restauração de seu esplendor primitivo.

A sociedade contemporanea, observa Lorenzo Regattieri, em *Vita della Vita*, quer destruir, com theorias materialistas, tudo que o catholicismo construiu desde os tempos apostolicos até á Idade Media, e agora se encontra á beira de um precipicio de que procura escapar.

As escolas philosophicas, os systemas politicos, a força das armas, as riquezas do commercio

— nada póde salvar a humanidade presente: só Christo é a sua Egreja.

O homem tem necessidade de Deus para a sua vida natural, de que Deus é doador e conservador; a sociedade sente a falta do auxilio sobrenatural, para conseguir a finalidade temporal e eterna. O homem precisa da graça, a familia implora dos céus a paz da justiça e do amor, fonte unica da verdadeira prosperidade.

Os principios dissolventes e o excesso de vida material embruteceram os povos; as gentes ergueram-se umas contra as outras, em competições de morte; o poder civil renega a autoridade divina; as culpas individuaes e os crimes dos governos attráem a colera do Eterno.

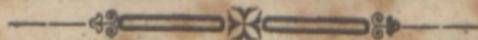
Remedio para todos os males, recurso de misericordia e de perdão, fonte de bençãos e de graças é a Eucharistia, victima de amor aos homens e hostia placavel á divindade.

Para honrar devidamente o sacramento do altar, tão esquecido nestes tempos de tibieza e indiferença, a piedade dos fiéis reúne os congressos eucharisticos, assembléas augustas, onde a multidão immensa dos crentes affirma, solemnemente, a realza social de Christo.

As perseguições podem intimidar os fracos e os erros ensombrar as intelligencias orgulhosas, mas a fé triumphá sempre nos espiritos bem formados.

Christo vive, pelo amor da justiça, nos corações rectos; reina, pelo culto da verdade, nas mentalidades robustas; triumphá nos esplendores da eternidade, sobre as cohortes bemaventuradas.

CHRISTUS VIVIT; CHRISTUS REGNAT;  
CHRISTUS IMPERAT!



## EDUCAÇÃO MORAL

Figura nos programmas officiaes, ao lado da gymnastica, do desenho, das linguas e das sciencias, uma materia até bem pouco desconhecida: a educação moral.

Educar é preparar o homem para as exigencias da vida: ha o preparo physico, que distende os nervos e enrijece os musculos; o intellectual, que aprimora as faculdades do espirito; e o moral, que traça a directriz dos habitos de vida.

A necessidade de uma sciencia dos costumes torna-se manifesta desde que o homem procura reduzir a methodo todos os ramos de sua actividade.

Aliás o ente racional sempre se preocupou com a propria conducta e até com a alheia. A conversação e o tracto social tiram grande parte de seus motivos na analyse do procedimento dos nossos semelhantes. Rebenta um escandalo, apparece um crime sensacional, logo todos manifestam sua opinião e declaram seu modo de julgar.

Os assumptos de costumes formam grande parte da litteratura, quer moralista, quer romantica.

Ninguem pôde contestar que atravessamos uma época em que é absolutamente imprescindível fortificar os caracteres para a luta contra a derrocada social.

A expressão «crise moral», empregada por Scherer, a primeira vez, em 1880, é hoje um logar commum para todos que se occupam destes assumptos, desde o escrevinhador anonymo das

gazetas diarias, até os pensadores nos seus gabinetes de trabalho.

Todos confessam que sem moralidade não pôde haver bondade alguma, pois a propria philosophia proclama a alliança do conhecimento da verdade com o amor ao bem. Erram, porém, muitos quando se trata de encontrar a fonte donde emanam os principios da justiça. Se é evidente que o homem só é homem quando leva uma existencia recta e nobre, não é igualmente manifesto para todos o que constitua a nobreza e a rectidão de vida.

Alguns pedem á sciencia os principios basicos da moral, querem deduzir dos factos scientificos os preceitos que rejam os actos humanos.

«Pedir uma moral á sciencia, diz o insuspeito Anatole France, é sujeitarmo-nos a crueis enganamentos».

A razão apresenta-se obvia: a sciencia estuda os phenomenos que cahem debaixo do dominio da experiencia; olha apenas o exterior das coisas, não pôde, portanto, explicar as causas ultimas de todos os factos analysados.

A moralidade implica actividades conscientes, empregadas num determinado sentido; a sciencia, emquanto sciencia, julga os dados sensiveis do mundo material.

Os problemas moraes são de ordem differente da dos scientificos. Estes perguntam o que a coisa é e como é; aquelles interrogam o que deve ser. As investigações da sciencia seguem o caminho da submissão absoluta aos factos; a moral paira numa esphera superior aos factos, porque legisla sobre elles. A sciencia não distribue premios, nem profere condemnações, apenas explica ou pretende explicar os phenomenos observados; a moral profere juizos sobre o valor de determinados actos.

A noção do dever tambem não pôde bastar como regra de conducta para o homem.

Ninguem contesta o que de nobre e elevado encerra a palavra dever; o que seu cumprimento

produz de bem e de felicidade, quer no seio das famílias, quer nas relações que regulam o trato entre os homens.

Não é preciso ter uma intelligencia superiormente esclarecida ou realizar verificações experimentaes para chegar á conclusão de que o dever existe. Qualquer mediocricidade o attesta e confirma.

O que, porém, não apparece tão claramente manifesto é o principio que impõe o cumprimento do dever.

O imperativo categorico de Kant, isto é, o juizo da propria consciencia, não offerece uma resistencia bastante forte ás paixões e aos interesses.

Se eu mesmo, em ultima instancia, sou o juiz dos meus actos, porque violentar as tendencias da natureza e preterir as satisfações dos sentidos?

Claro está que a sciencia e o sentimento do dever não pódem estabelecer os criterios julgadores da vida humana: a philosophia e a sociologia, como veremos, tambem não.

Rapido olhar sobre a historia do pensamento humano basta para attestar a fallencia da moral philosophica.

Os primeiros mestres da escola jonica limitaram-se a algumas sentenças isoladas e consideravam os usos e a religião como normas supremas do viver.

Democrito, de Abdera, aconselha a renuncia á vida social e preconiza o prazer como regra unica da existencia.

Pythagoras e Empedocles apenas reproduziam algumas doutrinas fundamentaes na piedade para com os deuses.

Socrates admittia a virtude como fim supremo do homem, que devia tender á semelhança da divindade.

Platão identificava o saber com a virtude e estabelecia sobre a metaphysica a orientação da consciencia.

A ethica aristotelica estabelecia a finalidade da creatura racional na satisfação harmonica das propensões intellectuaes, superiores, e estatua a virtude como o elemento indispensavel á felicidade.

Epicuro, que desenvolveu o utilitarismo de Aristippo; collocava o alvo do ser humano em uma base negativa, a ausencia de dôr para o corpo e de agitações para o espirito.

Para elle a virtude e a felicidade consistiam em, de um minimo de soffrimento, tirar o maximo de prazer.

Epicteto fazia consistir o bem em viver segundo a natureza. «Supporta e abstem-te» era seu aphorismo predilecto. Prégava uma vida de accordo com a natureza, isto é, evitando as paixões, que são as doenças da alma.

Os philosophos modernos não fizeram mais que reproduzir, em suas linhas geraes, as doutrinas dos moralistas antigos. Alguns desceram ás consequencias extremas do materialismo pratico.

Nos ultimos tempos appareceu uma moral social ou «sciencia dos costumes».

Durkheim e seus discipulos foram pedir á sociologia as leis que regessem os habitos individuaes. Esta escola visa substituir o egoismo individual pelo, se é possivel dizer, egoismo colectivo.

Uma moral sociologica constitue uma utopia, pois o homem, salvo excepções, que confirmarão a regra geral, considerará o seu proprio interesse superior ao de toda communidade.

A consciencia publica, invocada por alguns, tambem se acha no mesmo caso que a sociologia.

O sentir dos homens sobre o justo e o injusto varia, igualmente, como as opiniões diversas e contradictorias sobre modas e politica.

Quem julga a propriedade um roubo não trepidará em lançar mão dos bens alheios; outro, partidario do amor livre, pouco se lhe dará do respeito á honestidade da familia. O selvagem antropophago julga tão licito comer carne humana como o vegetariano alimentar-se de legumes. Ha

povos entre os quaes a donzella não hesitará em se entregar a quem quer que seja, no intuito de levantar o dote para o seu casamento.

Esparta premiava os ladrões sagazes, os menossos mandavam-nos á forca. O suicidio e o duello, que o christianismo condemna como actos de suprema covardia, os preconceitos sociaes de alguns paíes não só os approvam, mas tambem os declaram licitos e honestos.

O testemunho da historia, no longo decurso dos seculos, demonstra que o homem tende sempre a subordinar os principios e os actos ás paixões e aos interesses.

O esplendor da civilização e a mais requintada cultura literaria não bastam para corrigir as tendencias inferiores da besta humana.

Na antiga Roma Cicero, Virgilio, Horacio, Seneca e Tacito, apesar do fulgor de seu talento, não lograram evitar o envilecimento do povo-rei.

Em nossos dias os escriptores brilhantes, os poetas inspirados, os philosophos profundos e os doutrinadores todos, com bellas ou atrevidas theorias, não conseguem deter ou attenuar a vasa de immoralidade, que ameaça a vida dos povos.

Em nosso Brasil muitos clamam contra os males publicos e a ruina social, que se nos antolha.

Opposicionistas responsabilizam os governantes pelos males do povo; os homens do poder accusam os adversarios de lhes tirarem os meios que levam o país ao engrandecimento e tornam a nação feliz.

Emquanto, mutuamente, se recriminam os que mandam e os que obedecem, o descabro financeiro caminha a passos largos, desce, a cada dia, o nivel da moralidade publica, cresce a seára do crime e o mal-estar geral vae em augmento.

Nesta situação afflictiva, alguns espiritos, preoccupados com o futuro da Patria, lançam ás gerações novas o grito de combate: «O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever».

Encontraram a *pedra philosophal*, descobriram o *elixir de longa vida*: instrucção moral e civica.

Este ideal nobre e alevantado não basta. Um appello ao patriotismo não reduz ao silencio as ambições pessoaes e não cala os odios politicos.

Faz-se necessaria mais alguma coisa.

Os implantadores do agnosticismo republicano esqueceram as palavras do positivista H. Taine em «As origens da França contemporanea»: «Ha dezoito seculos o Christianismo é ainda para quatrocentos milhões de creaturas humanas o grande par de asas indispensavel para levantar o homem acima delle mesmo. Sempre e em toda a parte, ha dezoito seculos, logo que as suas asas abatem ou as quebram, os costumes privados e publicos degradam-se... a crueldade e a sensualidade estadiam-se, a sociedade converte-se num matadouro e num lupanar».

#### Nota.

Estava escripto este trabalho, quando appareceu a luminosa encyclica de S. S. Pio XI, que encerra toda a doutrina da Igreja sobre a questão da educação da juventude.

Em additamento, algumas palavras sobre «a escola unica».

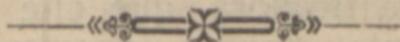
Por este nome se entende um movimento recente de reorganização escolar, destinado a adaptar mais o ensino ás condições contemporaneas da vida e satisfazer mais efficientemente ás tendencias democraticas dos nossos dias. Em outros termos: a centralização da instrucção publica, em poder do Estado, tendo por base um programma unico, afim de uniformizar as probabilidades de exito de todas as creanças, independentemente das questões de fortuna e classe social.

Este ideal é justo e aceitavel, mas não constitue novidade para nós catholicos, pois a Igreja

sempre tratou de melhorar e desenvolver a instrucção das massas populares, como bem o demonstra a historia imparcial da civilização.

Evidencia-se problematico o exito da «escola unica», porque o seu methodo parte do falso presuposto de que todas as creanças possuam iguaes aptidões e o mesmo desenvolvimento; ademais acarretará despesas formidaveis para o erario publico.

Em ultimo logar, este movimento entra em conflicto com os sagrados direitos dos paes e da religião, que compartilham o preparo moral e intellectual da creança.



## FRANCISCANISMO

Os espiritos contemporaneos, desilludidos da miragem de uma moral scientifica, fatigados pela cultura intellectual e envoltos no denso véo do negativismo, vêm procurar na vida do «poverello» da Umbria um refugio e um conforto.

Esta personalidade de santo e de sociologo, depois de exhaustivamente estudada, parece, cada dia, offerecer aspectos mais interessantes, facetas mais luminosas.

A influencia do patriarcha de Assis reveste as modalidades mais varias e seu trilho na historia, após sete seculos de dormir tranquillo no sepulcro, se mostra mais vivido e mais fulgente.

A sciencia franciscana fórma um dos mais distinctos contingentes do saber humano accumulado pela elocubração christian, através dos seculos.

A acção pacificadora, que elle tantas vezes e tão proficuamente exerceu, passou á sua ordem como «um ideal de paz», que os Menores devem offerecer ao mundo esgotado pelas lutas domesticas, perturbações civis e guerras internacionaes.

A arte deve-lhe soberbos monumentos, erguidos pelos filhos espirituaes daquelle que iniciou sua vida ascética reparando egrejas velhas, quase em ruinas.

A expansão missionaria, assignalada por Christo, á sua Igreja, como natural complemento das prégações messianicas, deve a São Francisco o seu primeiro impulso.

Pensadores modernos, anti-christãos, querem fazer do pae seraphico um precursor do pantheis-

mo idealista de Schelling e de Hartmann, pretendem contrapor ao espirito evangelico o optimismo poetico do «Jogral de Christo». No entanto, nada mais falso; até adversarios da religião catholica, depois de prolongados estudos, acabaram por confessar a sem razão desta affirmativa.

A submissão do grande patriarcha á S. Sé e o respeito que professava ao cléro provam em absoluto o espirito essencialmente christão de que sempre estivera animado. O que, aliás, é documentado por dois historiadores não catholicos, Walter Goetz e Henrique Tilemann.

A luminosidade serena deste espirito, a suavidade de animo em meio dos mais crueis padecimentos e o contentamento na extrema pobreza e no rigor do ascetismo eram effluvios não do temperamento natural, mas da união com Deus.

A alegria que a natureza lhe inspirava não era simples arrebatamento poetico; tinha a Deus por principio e por fim, vinha do Creador á creatura, para ascender da creatura ao Creador.

O extase do bello natural e o enternecimento ante tudo o creado procedia da antevisão da bem-aventurança eterna.

O outro ponto, quizá mais bello e mais humanitario, na vida deste homem extraordinario — é a sua influencia como reformador social.

No tempo em que apparecia a chaga moral do capitalismo, Francisco de Assis veio pôr em execução o conselho evangelico da renuncia completa de si mesmo, e o desprendimento de todos os bens temporaes. Levou o espirito de pobreza até ás ultimas consequencias e não recuou deante do que até então era julgado inexequivel.

O que os internacionaes e communistas tentam impôr a ferro e fogo, elle o realizou, e de modo mais perfeito, sob uma dictadura fundamentada na fé.

Ao utilitarismo egolatrigo deu o remedio radical do esquecimento de si proprio, em beneficio de todos, combatendo assim, tenazmente, a avidez

de lucro e de prazeres — palavra de commando no seculo XII e começos do XIII.

Assistiu á formação de uma nova ordem social, baseada na exploração dos pobres e humildes, e á vista desta iniquidade da civilização, olhou a moeda como «a hostia infame do demonio» e o dinheiro lhe pareceu uma criação do inferno.

E' discipulo do mestre que disse: «as raposas têm as suas tocas, os passaros os seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça»; foi o principe dos pobres; andrajoso, vestiu os desnudos; faminto, saciou os indigentes.

Chamou sua religião de fraternidade, para ter sempre presente a igualdade entre os homens: aos superiores chamou custodios (guardas) e ministros (servos), para maior conformidade com a letra e espirito do Novo Testamento.

Daqui o prestigio desta ordem mendicante, mas alegre.

O espirito franciscano nos faz penetrar as verdades profundas que encerram estas palavras de G. Papini: «O caminho que conduz á liberdade perfeita não se chama destruição, mas santidade e não se encontra nos sophismas de Godwin ou de Stirner ou de Kropotkine, mas unicamente no Evangelho de Jesus Christo».

O franciscanismo é antithese da vida moderna, cheia de mentiras convencionaes e attractivos enganosos, que offuscam a intelligencia e extinguem a vida interior.

E' o horror das complicações: a felicidade na simplicidade.

E' caminho seguro, porto abrigado, vida tranquilla.



## ARGUMENTOS CONTRA FACTOS

A universalidade do facto religioso constitue um dos argumentos predilectos dos apologistas, que consideram os mais debéis vislumbres da crença como um vestigio do Ser infinito.

Houve tempo em que qualquer viajante, pouco informado, e certas revistas pseudo-scientificas communicaram ao mundo o invento de tribus ou povos sem religião. Acreditou-se que as ilhas microscopicas da Oceania, as selvas africanas ou os sertões da America offereceriam o acontecimento inédito de aborigenes atheus.

Investigaram os costumes do homem primitivo e o berço das raças, e, em toda parte, encontraram os traços das praticas religiosas.

Homero, Hésiodo, Herodoto e outros muitos, que deixaram noticia dos povos da mais remota antiguidade, attestam a crença na divindade como um facto evidente.

Plutarcho testemunha que o impio Luciano dissera: «Se não ha Deus, estão enganados todos os homens». E Lucrecio louva Epicuro por ter sido o primeiro que ousou atacar a religião.

Maximo de Tyro, nas suas dissertações, assegura que «Todos os homens, tanto o grego como o barbaro, tanto o habitante do continente como o das ilhas, professam unanimes a existencia de Deus. E, se desde os começos do mundo dois ou tres miseraveis houve sem Deus, tende por certissimo que foram uma raça abjecta, irracional, esteril, ferida de morte».

«A Cidade Antiga» de Foustel de Cotlanges apresenta a demonstração cabal do povo romano. A Hellade, no esplendor da civilização, levantou altares a todas as divindades, até mesmo ao «Deus desconhecido».

Entre as nações cultas do mundo contemporaneo o phenomeno religioso se manifesta incontestemente, em qualquer ponto da terra e no meio de qualquer raça.

«A Geographia Universal» de Elyseu Reclus, anarchista e livre pensador, regista a existencia da religião por toda parte.

O facto de alguns individuos se declararem sectarios do atheismo não tira á crença o seu character de universalidade, porque os atheus formam tão insignificante minoria, que, segundo Jules Simon, não se encontra um proporcionalmente, para cada pae de familia.

Sobre esta questão Quatrefages conclue: «O atheismo, quando se encontra, é em estado erratico. As massas populares sempre e em toda parte lhe são extranhas; nem uma só das grandes raças humanas, e nem sequer algumas das menos importante; divisões dellas professou o atheismo».

No seculo XVIII um viajante declarou que achara no archipelago de Andeman um povo no estagio primitivo da civilização e destituido de qualquer crença, mas ultteriores explorações demonstraram que os mincopias se entregam a praticas religiosas e acreditam na vida de além-tumulo.

Levingstone, depois de percorrer os sertões inhospitos e adustos do continente negro, declarou: «Por mais degradadas que se encontrem as raças africanas, é excusado falar-lhes da existencia de Deus ou da vida futura. São universalmente reconhecidas estas verdades em toda Africa».

Tiele, professor da cathedra de historia comparada das religiões, da Universidade de Leyde, depois de profundos estudos, chegou á conclusão de que a religião é «um phenomeno universal da humanidade».

A moderna ethnologia evidencia que não passa de méra hypothese o descobrimento de povos alheios aos actos do culto divino. De facto, tanto os habitantes das frigidíssimas tundras da Siberia, como dos areas ardentes do Sahara, esquimãos ou hottentotes, laponios ou patagões, todas as raças reconhecem o dominio de um Nume supremo, ao qual temem e adoram, embora de modo implicito e rudimentar.

\* \* \*

Deante das crenças deturpadas ou caricatas dos povos de costumes primitivos e em face das manifestações multiformes da consciencia religiosa, a philosophia materialista tira partido para negar o valor do facto universal da religião como prova insophismavel da existencia da divindade.

Esta objecção, revestida embora do apparatus scientifico, data de remota antiguidade. Um pagão, Cicero, deu-lhe a devída resposta, fazendo notar que as discrepancias sobre este assumpto dizem respeito á natureza de Deus e não quanto á sua existencia.

Subsiste, no entanto, outra difficuldade, quicá mais seria, que procuraremos refutar.

A humanidade, por muitos seculos, admittiu idéas e manteve convicções hoje demonstradas erroneas e absurdas: haja vista o caso da rotação da terra. Povos inteiros adoptam ainda leis e costumes contrarios á lei natural; portanto a humanidade bem póde se enganar quando affirma que ha Deus.

A resposta a este argumento exige um esclarecimento sobre os criterios da certeza e os fundamentos do saber humano.

«São tres, diz o dr. J. Klug, as fontes das convicções humanas: a percepção *sensitiva*, os conceitos de character *moral* e o conhecimento *racional*. Abstracção feita de convicções dogmaticas, basea-

das em revelações sobrenaturaes, não existe outra fonte, donde o homem possa haurir conhecimento natural.»

As gerações passadas erraram no tocante á rotação da terra, porque se firmavam apenas numa percepção sensitiva dos orgãos visuaes. Em nossos dias, igualmente, o vulgo professa opiniões erradas sobre muitas verdades scientificamente provadas, porque o commum dos homens julga apenas pelas apparencias. Daqui, não raro, são inteiramente falsos os juizos formados exclusivamente sobre o testemunho dos sentidos.

Os costumes barbaros, e leis iniquas, que vigoram em meio de certas populações e mesmo lograram universal acceitação, como a escravatura e a liceidade da vingança, promanam das paixões desregradas e dos appetites viciosos do coração.

Isto, porém, não se póde dar com os conhecimentos de ordem racional.

Constitue trabalho da intelligencia separar o que de máu existe nas tendencias da vontade e de falso nas percepções sensiveis.

A razão paira numa atmosphera mais elevada que a das volições e sensações, cabendo-lhe o papel de julgar do valor destas e descobrir o que encerram de inexacto.

Do contrario não haveria criterio algum de certeza e o espirito viveria preso da duvida absoluta. A mais bella e mais nobre faculdade do homem seria o seu maior tormento e a sua maior desgraça.

Verificada a universalidade da convicção humana da existencia de Deus, resta-nos adherir firmemente a esta verdade, cujo conhecimento não procede das percepções sensoriaes ou dos appetites desordenados do coração.

A crença universal em um Ser infinito e absoluto procede da razão, que, da existencia do mundo physico e da harmonia universal, deduz a necessidade imprescindivel de um legislador supremo, que tudo reja e governe.

## FÉ E SOCIEDADE

Espíritos enfatuados de orgulho e obscurecidos por preconceitos clamam contra a fé e declaram que não acreditam no que não vêem e só aceitam o que a razão póde penetrar e abranger.

Nada mais absurdo, nada mais illogico.

Onde quer que haja homens, onde quer que esteja organizada a comunidade familiar, ahi reina e impera a fé. Todas as tradições da humanidade e as mais bellas prerogativas da razão declaram como coisa natural e consentanea prestarmos assentimento ás affirmações e testemunhos dos nossos semelhantes.

Mutila a essencia da natureza humana e estanca as melhores fontes de conhecimentos a philosophia que apenas admítte provas materiaes e ao alcance dos sentidos.

A familia, instituição basilar e primaria da humanidade, repousa na fé prestada a um juramento de amor. Dois jovens encontram-se no caminho da vida, estimam-se e depois confiam nos proprios sentimentos e se unem para toda a vida. Retirada destes corações a certeza de que mutuamente se querem, logo desapareceria o encanto dos esponsaes.

A piedade filial funda-se na crença que o infante deposita naquelles que se dizem os autores dos seus dias. Perdida esta convicção, o filho docil e amoroso, voltaria as costas aos seus paes.

Os contractos, que regulam as trocas mercantis e as transacções entre povos distantes, baseiam-se na confiança. A justiça, garantia da ordem e da

tranquillidade publica, depende do juramento dos conscriptos. O cliente deposita fé no advogado da defesa; o enfermo acredita no medico e, por isso, segue o regime prescripto; o navegante dorme tranquillo sobre a planura das vagas, porque vive certo que o piloto vela.

A amizade, dulcificadora das provações da vida, consiste, fundamentalmente, na fidelidade mutua, que une pessoas, não raro, extranhas entre si e de categorias sociaes diversas.

Sem que depositemos fé em nossos maiores, quando nos ditam as regras dos costumes e os preceitos da moral, se torna de todo impossivel uma verdadeira educação; igualmente não poderá haver instrucção, que illumine a intelligencia e dissipe o erro, sem que recebamos os ensinamentos dos preceptores.

A aquisição do saber e a posse da verdade é irrealizavel sem actos continuos de fé sobre as affirmações humanas.

Quem já demonstrou com argumentos metaphysicos e provas irrefragaveis os conhecimentos elementares?

A geographia trata de continentes longinquos, de povos extranhos e de terras diversas, que não podemos visitar e reconhecer a existencia; no entanto, acceitamos os testemunhos dos geographos e as palavras dos viajantes.

A historia relata acontecimentos perdidos nos seculos do passado, factos que dormem na noite dos tempos; apesar disto, acceitamos como verdades o que referem os escriptores antigos e assim admiramos os grandes vultos de todas as civilizações.

Os proprios factos, que cahem sob o dominio das investigações, encerram pontos inaccessiveis á logica humana.

Uma sementinha jogada á terra humida apodrece e depois dá origem a uma planta. E' a germinação, diz a botanica. Mas o que venha a ser a força vegetativa os sabios não o explicam.

Myriades de corpos celestes povôam as espheras sideraes; a physica declara que a attracção universal lá os colloca e sustenta. Os astrônomos, porém, não determinam o que constitue esta força, tão omnimodamente poderosa.

A personalidade humana, microcosmos de perfeições e de miserias, mixto de elevação e de baixeza, encerra tanto de mysterioso nas suas operações e faculdades, na união do espirito com a materia, no contacto do sensível com o intellectual, que excogitamos sempre sobre os constitutivos do proprio EU.

A idéa, que reproduz o mundo visível, a palavra, que transmite o pensamento, e os nervos, que levam ao cerebro as impressões sensiveis, são outros tantos mysterios, que nos cercam e que se nos apresentam a cada instante.

O proprio termo — *mysterio* — proclama a fallencia de nossas forças intellectuaes, visto que o definimos «aquillo que não podemos comprehender».

Sejamos logicos.

Porque recusar a fé em nossas relações com Deus, se as nossas relações com os homens se baseiam no assentimento a coisas que não podemos provar ou verificar experimentalmente? Como negar os mysterios da religião, se cremos e accetamos os mysterios da natureza e os segredos das sciencias?

\* \* \*

Cesar, em uma de suas viagens, sentiu os horrores das ondas encapelladas; o piloto já desanimava quando o grande romano lhe disse: «Coragem! Tu levas Cesar, tem fé nos seus destinos!»

A taes palavras a maruja cobrou animo, retomou os postos abandonados e o barco conduziu todos ao porto terminal da viagem.

A gloria, o poderio e o renome das nações deixariam de existir se desapparecesse da terra a

influencia extraordinaria, que os grandes capitães exercem sobre o animo dos seus commandados.

Alexandre levou os gregos á conquista da Persia; Annibal conduziu os carthaginêses ás portas de Roma; Cesar arvorou o estandarte romano sobre as plagas brumosas do Tamisa; os guerreiros barbaros e os conquistadores de todos os tempos tinham o segredo da victoria no enthusiasmo que infundiam nos seus subordinados.

A fé nos gloriosos destinos da Lusitania levou os portuguezes ás grandes navegações, que desvendaram os caminhos do oceano.

À crença no futuro de luz e de esplendores, reservado ao Brasil, enche de clarões as paginas da historia patria, infunde heroismo e inspira devotamentos, que levam á victoria os filhos audazes da Terra de Santa Cruz.

Nos dias ensombrados da reconquista do Brasil hollandês, a força moral de Mathias de Albuquerque, Vidal de Negreiros, Fernandes Vieira, Felippe Camarão, Henrique Dias e outros, sustentou os restauradores da patria invadida e humilhada.

Nas horas difficeis da guerra contra Lopez, a confiança das tropas nos seus bravos generaes manteve a calma nos peitos presagos dos que se arreceavam da victoria das armas do Imperio.

A humanidade caminha desilludida do passado, descontente no presente e ansiosa pelo futuro, porque a confiança desertou dos corações humanos. Sobre o ambiente familiar paira a desconfiança; no meio das classes sociaes lavra a discordia mutua; as nações entreolham-se receiosas umas das outras.

O homem crê na materia: na chimica, na electricidade, nos dizeres dos sabios, nas conquistas economicas e nos direitos politicos; mas não presta assentimento á palavra divina e ás verdades reveladas.

Vemos que a sociedade deixa ao obliteramento completo a sentença de Rousseau: «O melhor uso da razão é humilhar-se perante Deus e quando a nossa razão se sente esmagada sob o peso da immensa grandeza do Ente Supremo, encontrará neste o mais sublime arrebatamento do espirito e as mais suaves delicias em sua fragilidade».

## O PODER DAS TREVAS

A crença em um principio perverso, entidade maligna, é tão antiga como o facto religioso.

Onde quer que o homem olhou para o alto e invocou a fonte do bem e da vida, tambem reconheceu a existencia de um ser que lhe é opposto e prejudicial.

Remontando ás civilizações da mais distante antiguidade, encontramos a affirmação de um espirito das trevas.

Typhon e Serapis eram, para os egypcios, respectivamente, deuses do mal e do inferno.

A religião syrio-chaldaica admittia um espirito superior, Tiamat, que se rebellára contra a divindade, da qual a serpente era considerada como inimigo.

Os livros budhicos falam de genios máus, denominados *devatas*.

Na mythologia grega, desde Hesiodo, encontramos seres collocados entre os deuses e os homens, ora considerados como entidades reaes, ora como simples forças da natureza.

Os romanos reconheciam a existencia de entidades maleficas, executoras das vinganças e insufladoras do odio.

Igualmente encontramos esta convicção no seio de todos os povos, cujos costumes a historia nos conta.

Até as naças inferiores ou as tribus selvagens conservaram a tradição de que deve haver um principio de onde dimanar todo o mal; os indigenas do Brasil temiam *anhangas e juruparys*, espiritos

adversos, promptos para occasionarem prejuizos e contrariedades.

O dogma catholico ensina que Deus creou os anjos, espiritos puros e bons, que foram submettidos a uma prova temporaria. Alguns se rebellaram contra o Creador; os que se conservaram fieis venceram-nos e lançaram-nos no Inferno. Nos livros santos e na tradição christan' nomes diversos designam o demonio: Lucifer, isto é, luminoso; Diabo, calumniador; Satan, adversario; Belial, ignobil; Bulzebuth, principe dos demonios.

De par com a crença na existencia do inimigo do bem, acceitam os povos um lugar subterraneo, prisão do espirito das trevas e morada das almas dos mortos.

A doutrina da Egreja affirma que ha um inferno, carcere eterno e horrivel dos reprobos e malditos.

Entre os povos pagãos conservou-se, através dos tempos, mais ou menos deformado, mas sempre constante o receio de tribulações vehementes no além-tumulo.

O «Livro dos mortos», monumento das idéas religiosas dos antigos egypcios, fala da trajectoria, que o defunto devia seguir, para chegar ao «eterno dia».

Os gregos acreditavam no Hadés, região inaccessible aos raios do sol e regada por quatro rios: o Estygio, o Cocyto, o Acheronte e o Pyriphlegtonte. Os abysmos do Tartaro encerravam os inimigos pessoaes das divindades olympicas: o Erebo, região das trevas, constituia a habitação dos mortos, aos quaes as Eumenides torturavam. Cerbero, o cão de tres fauces, impedia a fuga dos máus.

Os romanos ligavam a maxima importancia ao culto dos antepassados, *manes*, e as suas concepções religiosas sobre a sobrevivencia do homem estão intimamente ligadas com as doutrinas gregas e etruscas.

O judaismo denomina Gehena o lugar de expiação para os perversos e violadores da lei de Jehovah.

Os persas criam que as almas dos impios, após a morte, eram despenhadas num abysmo horrivel.

O budhismo admite uma vida futura, cheia de castigos terriveis e de uma duração enorme.

O «Korão», livro santo dos mussulmanos, tirou do christianismo e do judaismo as doutrinas sobre os supplicios, que aguardam na outra vida os infiéis e os impenitentes.

A cosmogonia escandinava colloca os máus e os feiticeiros numa região de carcerees horrendos.

A figura do diabo tem offerecido aos artistas os mais extranhos motivos. Dão-lhe pés de cabra, cornos agudos, garras aduncas, orelhas pendentes, olhos chamejantes, corpo pelludo e longa cauda.

Sob fórmãs diversas, o demonio acha-se representado em muitos monumentos da arte christan.

Em Nossa Senhora de Paris ha uma esculptura, que o representa.

Na admiravel collecção das «Virgens» de Raphael, encontramos o demonio, sob a fórmula de horrivel dragão, aos pés de S. Margarida.

Existe na igreja de S. Estevam, de Beauvais, França, um quadro do seculo XV, que representa a Virgem Maria no acto de esmagar a serpente, que figura o anjo decahido. Este symbolismo, aliás muito antigo, se tornou commum nos tempos modernos, sobretudo depois da proclamação do dogma da Immaculada Conceição.

Todos os povos e todas as idades creram na existencia do espirito das trevas: as gerações de fé mais viva tiveram verdadeiro horror do inimigo da alma humana.

O philosophismo incredulo do seculo XVIII, querendo alluir as bases do christianismo, procurou apagar da mente dos catholicos a imagem e a idéa do inimigo de Deus. Apresentaram como uma invenção do clero uma crença que lhe é anterior de

muitos seculos; proclamam restos da superstição e da ignorancia o que os mais illustres philosophos, literatos, oradores e poetas pagãos e christãos admittiram e acceitaram.

A impiedade, para abalar este dogma, que tanto a incommoda, começou por vulgarizar a hedionda personalidade do diabo.

Aquelle cujo nome sómente com temor e assombro se pronunciava, passou a servir de assumpto jocoso ás palestras ruidosas e sua figura constituiu adorno artistico.

Após a popularidade veio uma tentativa do seculo impio para rehabilitar a memoria de Satan. Este facto não escapou á argucia de Renan, que o attribuiu á tolerancia bastarda dos nossos tempos.

O socialismo revolucionario vê em Lucifer um patrono e um chefe, o primeiro e o eterno rebella-do contra tudo que se chama ordem; olha no anjo decahido a base da pyramide da sociedade nova.

Schelling exalta o demonio como o unico adversario digno do Christo; a philosophia da historia do impio Michelet prenuncia os vindouros triumphos do inimigo da luz. Proudhon e Edgard Quinet vêem no diabo o centro de todos os corações e o reformador social por excellencia. Carducci levou a ousadia sacrilega a entôar um hymno, celebrando as glorias e as conquistas de Satan contra o reino de Deus.

Póde a impiedade gargalhar escarninhos, póde o odio infernal celebrar as victorias do «homem inimigo», a Egreja affirmará sempre a existencia do espirito das trevas e na alma dos povos o demonio continuará a ser o que realmente é: «o sujo», pelas idéas obscenas, que suggere; «o maldito», por causa da sentença immutavel da excommu-nhão divina.

## O CATHOLICISMO E O SECULO XX

Costumam cognominar o seculo andante de seculo das luzes, seculo da civilização.

Effectivamente, em nenhuma época a humanidade logrou maior desenvolvimento material, maior alevantamento economico, maior progresso politico.

As ferrovias encurtam as distancias; o telegrapho aproxima os povos; a imprensa divulga o pensamento; o phonographo reproduz o verbo humano; a sismographia regista os menores abalos da crosta terraquea.

Tuneis audaciosos perfuram as mais elevadas montanhas; viaductos extensos transpõem os valles; pontes enormes unem margens oppostas. Aeronaves gigantescas e transatlanticos colossaes, zombando dos espaços, põem em contacto as nações mais remotas.

As pesquisas scientificas desceram ás especificações infimas; a historia, a philologia e a linguistica, de par com a physica, a chimica e a geologia, revelaram segredos de que as gerações passadas nem sequer suspeitaram.

Não menor desenvolvimento realiza a humanidade nos outros campos de sua actividade. As conquistas politicas, as liberdades civis e as instituições sociaes apresentam victorias gigantescas, que constituem justificado titulo de orgulho para os tempos presentes.

No entanto, se prescrutamos o coração do homem, vel-o-emos presago e inquieto; devoram-no o tédio do presente e a incerteza do futuro.

A civilização e a sciencia não conseguem calar as angustias da alma, os terrores da imaginação e a vulgaridade da vida.

As realizações da época actual depuraram o espirito, refinaram os sentimentos, tornando-os mais delicados e mais finos, dotados, pois, de maior capacidade de soffrer.

Não é, porém, infelizmente, este o maior mal do seculo.

A revolta de Luthero e os principios libertarios da Encyclopedia prepararam os dias de incertezas do seculo findo e o actual, ao apparecer no scenario dos tempos, recolheu todo um legado de perturbações e desordens.

O homem tudo tentou reformar, tudo quiz refazer e, nesta ansia de novidade, perturbou a marcha da vida.

Hoje todos os fundamentos sociaes se acham abalados, todas as bases politicas vacillam.

A sciencia, força e luz intellectual, vive á mercê de novas descobertas, que contradigam os axiomas da hora que passa. Antes mesmo que as theorias expliquem determinado phenomeno, já novos factos demonstram a fallencia de experiências cuidadosamente realizadas.

A moral, regra de vida e apoio da justiça, vê discutidos e até negados os principios fundamentaes da conducta humana.

Espiritos superficiaes, amantes de novidades, discutem, contestam e renegam todo o patrimonio da logica e da philosophia.

As gerações ancestraes respeitaram os principios de lei natural, que Deus imprimiu na consciencia universal. Os direitos de propriedade e hereditariedade, a dignidade do lar, o respeito aos poderes constituídos: — formou tudo isto, nos tempos passados, as bases prestantes e inatacaveis da ordem social. Hoje, o espirito revolucionario

chama roubo á propriedade legitimamente herdada; qualifica de expoliação á collectividade uma riqueza accumulada em longos annos de trabalho; denomina egoismo á sagrada inviolabilidade da familia e proclama tyrannia á autoridade que mantém o socego e a tranquillidade publica.

A ordem politica reflecte ainda maior perturbação de idéas e inquietude das instituições. Passou a realeza absoluta, cahiram as principaes monarchias constitucionaes; muitas republicas democraticas se despenharam no caudilhismo politico e na anarchia chronica. Os chefes de Estado, as assembléas representativas e os pronunciamentos plebiscitarios acham-se á mercê de dictadores energicos e de revolucionarios audaciosos.

As tentativas de revolução e assassinio politico revelam a nevrose do seculo, que não quer ouvir falar de obediencia.

A indifferença dos bons cidadãos, no tocante ás coisas publicas, anima a audacia dos máus e torna insustentavel a posição de qualquer governo energico.

Contemplando este quadro de difficuldades que asoberbam a era moderna, verifica-se a exactidão dos conceitos de Taine, quando affirmava que, em todos os pontos, a difficuldade de governar as democracias ha de fornecer partidarios ao catholicismo.

A intelligencia arguta de Tocqueville, estudando o processo da democracia na America, reconheceu que a religião catholica não sómente conseguiu arrostar com a tempestade de odios politicos, que contra ella se levantara, mas ainda tirou partido para grandes conquistas sobre o espirito do seculo, que lhe é tão infenso.

Esta religião divina dispõe de reservas infinitas, para attender ás contingencias dos tempos e ás mutações das sociedades. A indestructibilidade da Igreja, posta á prova de resistencia, ha vinte

seculos, permanece, aos olhos dos impios, como o maior enigma da historia.

Cada crise, que fere o homem, cada abalo, que perturba a marcha serena dos acontecimentos, encontra o catholicismo romano firme em seus fundamentos e offerecendo a taboa de salvação aos povos conturbados.

Logo ao romper as trevas humidas e espessas dos tres seculos de vida subterranea, nas catacumbas, surgem os primeiros luminares do pensamento christão, na pessoa dos Santos Padres.

Os barbaros ameaçaram destruir o patrimonio cultural da antiga civilização; a Egreja constituiu-se protectora das sciencias, das artes e das letras; os mosteiros guardaram, longos seculos, as mais valiosas producções do engenho humano. E, deste modo, possuímos os thesouros da literatura greco-romana.

Francisco de Assis, no seu seculo, soltou o primeiro grito de protesto do espirito evangelico contra o capitalismo incipiente, que então ensaiava os passos de sua temerosa organização.

A Reforma ameaçou fundamente a estabilidade da Egreja e pareceu desconcertar a obra myrifica da divindade. O papado appellou para as fontes vitaes da religião e o Concilio Tridentino cortou as garras do abutre, que dilacerava as entranhas da christandade.

Uma phalange de santos reformadores e philosophos esclarecidos surge, na arena da luta, para dar combate ao erro e á revolta.

Ignacio de Loyola, S. Pedro Canisio, S. Francisco de Salles e Vicente de Paulo foram contemporaneos de Dante, Pascal, Malebranche e Corneille.

Na sociedade hodierna vacillam os principios conservadores. A concepção dos direitos individuaes parece ter entenebrado na mente humana os deveres de cada qual. A liberdade não quer ad-

mittir restricções e a sêde do ouro desconhece a legitimidade do homem guardar para si e para os seus aquillo que ajuntou com o suor de seu rosto. A licença desenfreada attenta contra a santidade do thoro e a inviolabilidade do lar domestico.

A humanidade inquire seus dirigentes sobre as incertezas do amanha e os Lycurgos do seculo das luzes não sabem o que dizer.

As forças armadas serão impotentes para a mantença da ordem publica, no dia em que todos os opprimidos e todos os desherdados sociaes reclamarem, detrás das barricadas, os seus direitos, desprezados.

A philosophia politica reflecte apenas opiniões inquinadas de prejuizos e cheias de variações. O pensamento moderno attentou contra todos os axiomas dos antigos mestres, por isso mesmo, falta-lhe uma base para uma construcção philosophica e moral.

Para elevar as almas acima do aviltamento do seculo, conter as vontades depravadas e manter em respeito as ambições inconfessaveis, resta apenas a força do sobrenatural.

Quando a questão social armou laços para prender, de vez, a sociedade contemporanea; quando o expansionismo industrial quiz rebaixar o homem á categoria de animal de carga; quando o capitalismo ameaçou concentrar em suas mãos avaras toda riqueza dos povos; a Egreja foi buscar ao Evangelho os principios de paz, de amor e de justiça.

As luminosas encyclicas do immortal Leão XIII projectaram nova luz sobre todos os problemas do bem-estar material.

A catastrophe immensa, que ia envolver as nações mais prosperas e cultas, foi conjurada pela caridade christan.

Deante da experiencia dos factos, em vinte seculos de existencia, podemos encarar tranquilos o futuro da Egreja, na trajectoria da humanidade.

Aguardemos, na calma do espirito e na serenidade da consciencia, a realização das palavras propheticas do escriptor das «*Memorias de além-tumulo*»:

«O Christianismo parece ter descido ao sepulcro; Elle terá sua resurreição e é sobre a base do Christianismo que se reconstituirá, depois de um seculo ou dois, a velha sociedade que se decompõe no presente».



## TABOA DAS MATERIAS

---

Carta-prefacio de S. Excia. Revmo. D. José Pereira Alves, Bispo de Nictheroy . . . . .	3
---	---

### Aspectos nacionaes

#### O BRASIL ACTUAL

I — Contrastes e confrontos . . . . .	11
II — Ethnographia brasilica . . . . .	21
III — A unidade da Patria . . . . .	34
IV — As fraquezas do regime . . . . .	38
V — Resenha historica . . . . .	45
VI — Cruzada redemptora . . . . .	51
Independencia politica e independencia economica	59
Reflorestamento . . . . .	66
Migrações . . . . .	71
Actividade agrícola e expansão nacional . . . . .	76

#### Questões contemporaneas

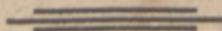
As reivindicações da mulher . . . . .	89
Feminismo . . . . .	90
A mulher através dos tempos . . . . .	93
O christianismo e a mulher . . . . .	96
O feminismo acceitavel . . . . .	101
Do casamento ao divorcio . . . . .	104
Objecções . . . . .	108
O divorcio e suas consequencias . . . . .	111
A crise da familia brasileira . . . . .	115
De que modo conjurar o mal . . . . .	118
As illusões da soberania popular . . . . .	123
O trabalho . . . . .	127
Campos oppostos . . . . .	133
Argentaria . . . . .	136
Clerophobia . . . . .	144

Males de hoje e de outróra...	152
Liberalismo e liberdades . . . . .	152
Pacifismo . . . . .	157

### Ensaaios apologeticos

A Igreja e o progresso social . . . . .	167
I — A Igreja e o progresso material	168
II — A Igreja e o progresso intellectual	172
III — A Igreja e o progresso moral	178
A Igreja e a democracia . . . . .	185
A questão social . . . . .	188
A Igreja e o futuro . . . . .	193
A liberdade da escola . . . . .	199
Christus Rex . . . . .	213
Educação moral. . . . .	223
Franciscanismo . . . . .	230
Argumentos contra factos . . . . .	233
Fé e sociedade . . . . .	237
O poder das trevas . . . . .	242
O Catholicismo e o seculo XX . . . . .	246

### Questões contemporaneas



88	As revoluções da mulher
90	Famílias modernas
93	A mulher através dos tempos
96	O cristianismo e a mulher
101	O feminismo actual
104	O casamento ao divórcio
108	Opções
111	O divórcio e a sua consequência
115	A crise da família brasileira
120	De que modo combater o mal
123	As lutas da soberania popular
127	O direito
131	Questões jurídicas
136	As questões
141	As questões

### **Do mesmo autor**

“NO TERRENO DOS PRINCIPIOS...” – Estudos e impressões. Prefacio de Soares d’Azevedo. “Vozes de Petropolis” – 1927.

“LUTAS DA MOCIDADE” – Prefacios do Exmo. e Revmo. Sr. D. Alberto José Gonçalves, Bispo de Riberão Preto, e professor Dr. Celestino Bourroul, da Faculdade de Medicina de S. Paulo. “Vozes de Petropolis” – 1928.

Em breve, 2.<sup>a</sup> edição revista e augmentada.